

DL**OP.S.
EO****DEVER DE INFORMAR**

A entrada para a reunião da comissão directiva do Partido Socialista que teve lugar ontem, sexta-feira, o secretário-geral do PS, dr. Mário Soares, referiu-se ao nosso jornal, exemplificativamente, é certo, mas em termos que exigem comentário e esclarecimento. Disse o dr. Mário Soares:

«Eu gostaria de saber se houvesse uma carta anónima, dirigida, por exemplo, ao «Diário de Lisboa», a dizer que tinha sido formado um grupo para defender, por exemplo, a linha «berlingueriana» no seio do Partido Comunista, sem nomes dos que compõem essa linha, eu gostaria de saber se o «Diário de Lisboa» punha na primeira página — «Cisão no Partido Comunista, está um grupo constituído» — se se atrevia a fazer isso? Não iria perguntar primeiro à direcção do Partido Comunista, confirmar ou não, e em função disso dariam o relevo? Mas não senhor, não perguntou à direcção do Partido Socialista, não procurou saber quais as pessoas que fazem parte desse pseudo-grupo, mas põem logo na primeira página, com grande destaque — «Grande cisão no Partido Socialista, foi criado um grupo de estudos para fazer cumprir o programa socialista». Isto são coisas que não servem a democracia em Portugal.»

As declarações registadas não foram revistas literariamente. Por outro lado, citando de memória, o dr. Mário Soares exagerou — cremos que sem qualquer intenção reservada — o título e o relevo que o «DL» deu, não a uma «carta anónima», mas à comunicação pessoal de um cidadão politicamente responsável. Podemos esclarecer, de acordo com as informações recebidas, que o GDPS, sendo um grupo de tendência política, não pretende provocar «uma cisão». Como o «DL» informou, o GDPS teria sido constituído por militantes socialistas preocupados com infiltrações sociais-democratas e outras não-conformes com o Programa do Partido Socialista adoptado pelo Congresso de 1974.

Não é o GDPS, segundo outra informação fidedigna, a única tendência que no seio do PS e da JS traduz preocupações dignas de credibilidade. Nada nos leva a supor que essas «tendências», grupos de reflexão ou correntes, representem uma imediata ameaça para a unidade actual do PS. O dever de informar — e é altura, nas vésperas de ser primeiro-ministro, do dr. Mário Soares o compreender — não pode limitar-se à informação oficial ou oficiosa. O «DL» não deseja interferir, ou provocar, ou alimentar questões internas dos partidos ou grupos políticos, mas não recusará publicidade a qualquer comunicação (desde que não seja anónima) com a mesma isenção com que informou os leitores de sucessivas reuniões de estudo e de reflexão de militantes do PS. E antes do ponto final, um reparo e uma prevenção. Não aceitamos a insinuação «berlingueriana». É de mau gosto. E as reuniões a que aludimos — afirma-se, para que conste — não absorveram todas as iniciativas que traduzem preocupações socialistas.

Rebelião militar esmagada no Peru

LIMA, 10 (FP) — Uma tentativa de levantamento militar foi ontem reprimida pelas forças armadas peruanas, soube-se de fonte bem informada em Lima.

Rumores, atribuem a tentativa ao general Carlos Bobbio, director da Escola Militar, onde tiros se fizeram ouvir durante o dia e que teria tentado sublevar-se com o apoio das forças à sua disposição.

O movimento de rebelião foi esmagado por unidades da divisão aerotransportada, sem efusão de sangue — soube-se de fonte bem informada. Ao

cair da noite, a ordem estava restabelecida e reinava a calma mais completa em todo o país.

De manhã, a explosão dum engenho de forte potência junto do Ministério da Marinha provocara viva inquietação entre os habitantes do bairro residencial onde se encontram os serviços do Ministério.

A guarda à volta do palácio do presidente Francisco Morales Bermudez, foi entretanto reforçada.

Dentro do palácio presidencial, membros do governo militar do Peru efectuaram uma

sessão de emergência e um informador disse que um comunicado seria emitido, mais tarde, sobre os incidentes.

Por outro lado a polícia dispersou cerca de 200 pessoas que se concentraram defronte do palácio, pouco antes de entrar em vigor o recolher obrigatório nocturno.

O recolher foi imposto pelo general Morales Bermudez, no dia 1, como parte de um estado de emergência decretado após um plano de austeridade do governo e de grandes aumentos de preços provocarem protestos violentos em Lima.

JUSTIÇA "EM NOME DO POVO ANGOLANO"

NETO CONFIRMA FUZILAMENTO DE MERCENÁRIOS

O presidente Agostinho Neto confirmou esta noite a sentença do Tribunal Revolucionário que condenara há dias quatro mercenários à pena de morte. Costas Georgiou, aliás «coronel Callan», Andrew G. McKenzie, Derek J. Baker e Daniel F. Gearhart serão fuzilados em data próxima.

Do Catanga ao Biafra, do Biafra a Angola, esta foi a rota dos mercenários cuja sentença de morte Agostinho Neto confirmou, alheio às pressões internacionais em que foi envolvido e que, numa grande parte, sob a capa de um falso humanismo nada mais procuravam do que salvar a vida a estes agentes imperialistas.

Culpados de gravíssimos crimes contra o povo angolano, culpados perante mães que viram os seus filhos barbaramente assassinados, perante homens e mulheres esquartejados e atirados

para a vala comum, estes homens são, na generalidade, réus de hediondos crimes contra a África, contra a Humanidade. Eles próprios fuzilaram outros mercenários de que foram juizes e executores.

Por actos de banditismo o M. P. L. A. fuzilou alguns dos seus soldados, alguns daqueles homens que lutaram no mato contra o colonialismo. E para esses homens, que eram negros, não houve os pedidos internacionais de clemência.

Que outra alternativa teria um governo revolucionário? Que justiça seria essa fuzilando os seus soldados e poupando os carrascos e os agressores?

Claro que não podemos aceitar, em absoluto, a pena de morte mas temos de admitir que certas forças ao engendrar, servindo o imperialismo, situações como as que viveu o povo africano, levaram a situações revolucionárias irreversíveis. É a essas forças que têm de ser pe-

didadas as responsabilidades.

O que se passou em Angola foi o julgamento não de um grupo de mercenários mas do mercenarismo.

E no entanto, ao mesmo tempo que isso acontecia, em Lisboa, em pleno Rossio, recrutavam-se mercenários para a Rodésia, para defenderem o regime racista de Ian Smith.

Que clemência temos o direito de pedir ao povo angolano, ao povo africano?



A pacificação do território angolano ainda não terminou. Na foto vê-se um soldado das FAPLA montando guarda junto ao rio Cuando, perto da cidade do Dondo

Na pág. 7
Texto integral das declarações do presidente Agostinho Neto



HOJE
32 PÁGINAS

INCLUINDO
O SUPLEMENTO
DE FIM-DE-SEMANA

Terminou em Espanha a greve dos correios

MADRID, 10 (ANOP, FP e R)

Os representantes dos trabalhadores dos correios espanhóis aceitaram ontem uma proposta da administração para normalizar a situação dos serviços e lançaram um apelo aos seus companheiros para que regressem ao trabalho.

Com este acordo, termina assim a greve que desde o princípio desta semana afectou os serviços dos correios da capital e da província em Espanha.

Entretanto, uma mulher foi morta a tiro e mais duas pessoas ficaram gravemente feridas ontem, à noite, no porto basco de Santurce quando um

homem disparou uma pistola contra manifestantes, segundo revelaram testemunhas oculares.

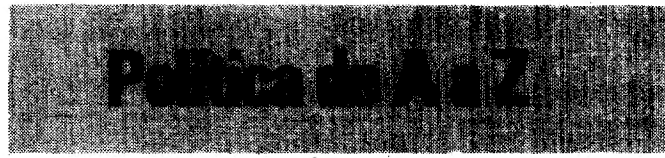
Os guardas civis empregaram bombas de gás lacrimogéneo, para dispersar uma manifestação não autorizada quando o indivíduo, à paisana, disparou contra a multidão.

Jovens perseguiram depois o homem, mas ele conseguiu fugir.

A manifestação foi uma das muitas que se efectuaram esta semana em toda a Espanha.

Por outro lado, pela primeira vez desde 1929, realizou-se ontem à noite em Barcelona, um comício comunista autorizado.

Nacional



FANTASIAS PROTOCOLARES MAS NÃO SÓ

Escreveu-se, na sessão de ontem da Assembleia da República, uma página de Eça de Queiroz. O registo das sessões conservará para a História o infantil balbuciar de um parlamentarismo que logo nos primeiros passos ameaça fundar-se nas três centenas de artigos do «Regimento» e no conselheirismo especioso e manobrador. A questão, aparentemente só protocolar, deu lugar a uma prova de força e de fundo. Hoje, é o Presidente Costa Gomes que vê o seu lugar na Assembleia da República contestado palmo a palmo; amanhã serão os Conselheiros da Revolução; depois de amanhã, será a própria rua, o Sol, a Terra, o ar livre, que, em nome da autêntica «soberania popular» e da pura «ordem democrática», os eleitos do «Estado de Direito» irão contestar, recusar, aos «revolucionários de Abril». É preciso varrer a recordação e a palavra. A data será riscada do calendário. No ano de 1974, a anedota já corre mas tem significado trágico, não houve dia 25 de Abril. Para alguns terá havido o «dia 24 bis». Para outros um «dia 26» antecipado, o que dará na crónica dos eventos, um «26 A» e um «26 B». E Francisco da Costa Gomes, além de outros pecados, terá que, no Purgatório da «nova ordem democrática», expiar a falta, a traição à hierarquia, às hierarquias, de ter estado sempre aberto ao diálogo com os «capitães de Abril».

O ridículo não mata, é sabido. E é sabido, igualmente, que a ingratidão não sufoca os ingratos. Ontem, alguns que a Francisco da Costa Gomes devem o caminhar deste País e deste povo para a vida democrática, tiveram a mediocridade de pretender diminuir o homem e a transitória função em nome do mandato popular que, nas eleições livres que devemos a Francisco da Costa Gomes, foi investido António Ramalho Eanes. Não, não é só, a volubilidade do «rei morto, rei posto». É algo mais sério, mais profundo, mais significativo. Os senhores deputados quiseram dizer à «Revolução» que o «mandato revolucionário» era menos válido do que o «mandato eleitoral». Realmente, assim é, nos compêndios de «Ciência Política», nos manuais de «Direito Constitucional». Os discípulos dos catedráticos das Faculdades de Direito de Lisboa e de Coimbra estavam cheios de razão. Errados andaram os «Capitães de Abril» que arvoraram em poder-de-Estado, sem consulta eleitoral, sem cerimónia, uma Junta Militar de Salvação Nacional. Errada estava a «revolução». Se Salgueiro Maia e Otelo, Diniz de Almeida e Corvacho, Garcia dos Santos e Vítor Alves, Contreiras e Crespo, e outros, e os que tinham sido afastados de Lisboa como o Melo Antunes e o Vasco Lourenço, ou os que sempre conspiraram como o Vasco Gonçalves e o Pinheiro de Azevedo, tivessem promovido um abaixo-assinado solicitando a Marcelo Caetano eleições livres, teríamos transitado do fascismo para a democracia, da opressão para a liberdade, sem sobressaltos revolucionários, e do processo eleitoral resultaria que os actuais senhores deputados teriam evitado a «Revolução» e dois anos e meio do chamado «processo revolucionário em curso».

Oíça-se o conselheiro Amaro da Costa: «Não está em causa, naturalmente, discutir a personalidade de um ou de outro, e nesse sentido, porventura, o apelo feito pelos deputados do Partido Comunista tem razão de ser. O que está em causa é marcar de uma forma bem diferenciada a posição de um e de outro, enquanto personalidades políticas que são, por virtude de processos bem diferentes. É nesse sentido que nós não podemos comungar na tese defendida pelos deputados do Partido Comunista, embora nele possamos sustentar a intenção de estabelecer um certo nexo de continuidade entre aquele que foi Presidente da República e aquele que acaba de ser eleito pelo Povo português».

E defendeu, também, o conselheiro Amaro da Costa que «é em Belém que se deve proceder formalmente à transmissão dos poderes dos Presidentes e não em S. Bento».

Não. Não foi só Amaro da Costa. A intenção de enterrar um «momento revolucionário» é largamente partilhada. Acácio (saído de uma página de Eça) e Pacheco (que, ontem se comprovou, tem vocação parlamentar) abrilhantaram a sessão da Assembleia da República. Piscadelas de olhos entre sectores do hemicycle; referências frias e quentes ao caso dos vencimentos; mútuos remos. Uma vergonha.

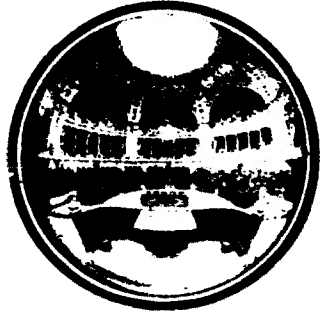
E a ninguém ocorreu que no dia em que António Ramalho Eanes iniciou o seu mandato, e para estabelecer comparação entre dois momentos históricos, a seguir, ou antes, da reportagem da cerimónia, a RTP repita as reportagens de outras duas cerimónias de investidura: a investidura de António de Spínola; a investidura de Francisco da Costa Gomes. Seria pedagógico. Seria exemplar.

Na sala do trono do Palácio de Queluz, o general Francisco da Costa Gomes em nome das Forças Armadas, ladeado por «Capitães de Abril»... Não. O melhor é que nos deem a ver o filme. Ou que, pelo menos, a RTP organize uma sessão para os senhores deputados.

A MORTE E A VIDA DA REVOLUÇÃO DE ABRIL

Andam por aí, pelas ruas e pelos salões, duas teses que se contradizem e que representam duas atitudes opostas: a de que a «Revolução» terminou; a de que a «Revolução» é um processo em curso, com fluxos e refluxos, fases de ofensiva e fases de consolidação, avanços, pausas, recuos. Os doutrinadores do «Estado de Direito» inclinam-se para a tese de que a «Revolução» está encerrada e de que a normalidade constitucional significa o termo da fase revolucionária. Já, na Imprensa, se declama, com irritação mal disfarçada, quando surgem as alusões a «processo revolucionário em curso» e referências a «Revolução». É, portanto, oportuno registar o que afirmou Vasco Lourenço, comandante da Região Militar de Lisboa e «Capitão de Abril»: «como elemento do Conselho da Revolução e homem do 25 de Abril e da Revolução penso que demos, com as eleições recentemente efectuadas, mais alguns passos na concretização do nosso programa e na consolidação da Revolução».

Assim mesmo: «na consolidação da Revolução». E só assim poderá ser entendida a institucionalização democrática que resulta da vitória de uma «Revolução antifascista».



O Regimento relativo à tomada de posse do Presidente da República foi ontem à tarde acesamente debatido na Assembleia da República durante mais de três horas.

O Partido Socialista, alegando que o problema é jurídico e não político (José Luís Nunes), alinhou à direita, embarcando numa votação política com o C. D. S. e o P. P. D., conducente àquilo que Carlos de Brito do P. C. P. designaria como contestação da legitimidade do 25 de Abril.

Em debate esteve ontem uma questão que já originara considerável polémica na sessão parlamentar anterior: os lugares a ocupar na sala da Assembleia, no próximo dia 14, pelos Presidentes da República eleito e cessante.

O P. C. P., mantendo que, até ao momento do juramento do novo presidente, quem continua a exercer efectiva-

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Uma decisão politicamente injusta

mente todos os poderes é o actual Presidente da República, solicitou a revisão de uma atitude discriminatória que o remete para um simples lugar de convidado, no hemicycle. Uma votação conjugada P. S., P. P. D. e C. D. S. destruiu, no entanto, a lógica de tal argumentação.

Com o P. S. insistindo na primazia dos aspectos jurídicos (e até históricos, segundo a evocação de Raul Rego) sobre os políticos, a questão seria mais claramente colocada pelo P. P. D. e pelo C. D. S. que, politicamente, diriam, o primeiro, que «Costa Gomes é um estranho à cerimónia» e, o segundo, que Costa Gomes nem sequer «devia ser expressamente convidado». E de nada serviu, face à avalanche da votação do P. S. com a direita, que Vital Moreira contra-argumentasse que «a atribuição de lugares diferenciados ao Pre-

sidente cessante e ao Presidente eleito visa retirar a dignidade e a legitimidade que o Presidente da República em exercício transporta» e que Carlos de Brito recordasse que se estava a «contestar a legitimidade do 25 de Abril», sem a qual «não haveria Constituinte, nem Constituição, nem Assembleia da República».

É, pois, em termos políticos, porque políticas são, antes de tudo, todas as decisões da Assembleia da República, que terá de ser tida a votação do P. S. com o P. P. D. e o C. D. S.

Política, também, seria a actuação do deputado (único) da U. D. P., o qual recusando ao apoio concedido pelo seu partido a um candidato nas recentes eleições presidenciais, saltaria daí para um ataque ao P. C. P. que seria classificado, mais tarde, pelo Partido Comunista, como de conteúdo essencialmente «divisionista e de-

sagregador do movimento popular».

No final, vencida a esquerda pelo voto maciço de uma direita reforçada, ficaria presente ao acto de posse decidido que o Presidente da República cessante estaria presente ao acto de posse do seu sucessor, sentado entre os convidados: Primeiro-Ministro, ministros, presidente do Supremo Tribunal de Justiça, procurador-geral da República, e presidentes do Tribunal da Relação e das Assembleias Regionais.

Apenas uma nota final: terá a discordância de Costa Gomes com os vencimentos propostos para os deputados influído na votação de alguns dos partidos presentes?

Seja a resposta a esta dúvida afirmativa ou negativa, ela não retirará, porém, o conteúdo fundamentalmente político da decisão ontem imposta por uma certa maioria da Assembleia da República.

E. R.

NOTA DO P.C.P.

Balanço de duas sessões da Assembleia da República

«As duas recentes sessões plenárias da Assembleia da República puseram em relevo, por um lado, os esforços da direita reacçãoária para contestar o processo revolucionário, as suas conquistas e a sua legitimidade e, por outro, o carácter irresponsável, demagógico e anticomunista da actuação da U.D.P.», afirma uma nota dos S.I.P. do P.C.P. sobre as posições do C.D.S. e da U.D.P. na Assembleia da República.

«O primeiro aspecto é cabalmente demonstrado pela tentativa do C.D.S. para impedir a presença do Presidente da República cessante, general Costa Gomes, no acto da tomada de posse do novo Presidente da República. Os deputados do P.C.P., norteados pelo espírito de imprimir todo o significado ao acto da maior importância na institucionalização do regime democrático à posse do Presidente eleito, general Ramalho Eanes, pronunciaram-se no sentido de que tal facto não revestisse por qualquer forma menosprezo pelo Presidente da República em exercício, pela legitimidade revolucionária do cargo que ocupa até agora e pelo seu pa-

pel nestes dois anos de Revolução.

«Quanto à actuação do deputado da U.D.P. tem seguido à risca o objectivo essencial daquele grupo: o ataque ao P.C.P. Dizendo falar em nome do povo e procurando apresentar como sua a acção e a luta das massas populares, a que é estranha — o que não deixa de ser uma ofensa ao povo trabalhador — a U.D.P. procura transformar o seu lugar na Assembleia da República numa tribuna de provocação, para prosseguir aí os seus objectivos de desagregação, divisão e enfraquecimento do movimento popular. O palavreado insultuoso e provocatório usado na Assembleia da República pelo deputado da U.D.P. contra as mais altas instâncias do poder político e militar e contra o P.C.P. têm a intenção deliberada de lançar a perturbação e a divisão entre as massas populares e entre os militares e de opor e lançar no confronto as duas componentes essenciais para a consolidação da democracia em Portugal.

«Os deputados comunistas e o P.C.P. não hesitaram em denunciar a demagogia e o carácter provocatório de tal tipo

de actuação e não deixarão de alertar os trabalhadores e o povo português para os perigos da irresponsabilidade e da provocação.

«A defesa dos interesses dos trabalhadores, da consolidação da democracia e das conquistas da Revolução não

se consegue com um comportamento irresponsável, pelo recurso à demagogia e à provocação nem com atropelos à Constituição mas, pelo contrário, pela actuação firme, responsável e combativa, pela luta consequente, pelo respeito e aplicação da Constituição.»



GRANDE EXPOSIÇÃO A JUVENTUDE SOVIÉTICA

Lisboa
SNBA - Soc. Nacional de Belas Artes
de 1 a 18 de Julho

ACTIVIDADES DE FIM-DE-SEMANA

Grande Exposição «A Juventude Soviética» — aberta das 16 h. às 23.30 h.
Sociedade Nacional de Belas Artes (S. N. B. A.) — de 1 a 18 de Julho.
Dias 10 e 11 — Passagem contínua de filmes e slides, na Sociedade Nacional de Belas Artes.
Dia 10 às 21.30 h. — Filmes dedicados à juventude trabalhadora, no Teatro da Trindade. Entrada livre.
Dia 11 às 21.30 h. — Colóquio sobre a juventude trabalhadora na U. R. S. S., na biblioteca da Sociedade Nacional de Belas Artes.



Medeiros Ferreira recebeu o embaixador da Índia

O secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira, recebeu ontem em audiência o embaixador da Índia em Lisboa, sr. Sisir K. Gupta, com quem tratou de assuntos respeitantes às relações entre os dois países.

Raul Rego homenageado em Benavente

A secção de Benavente do PS prestou homenagem a Raul Rego, director de «A Luta» e «Pena de Ouro da Liberdade-1976». Houve um jantar, falaram homenageantes, Raul Rego agradeceu.

post-scriptum

No Seixal ninguém pode adoecer à noite

Na noite de domingo para segunda-feira (5 do corrente), cerca das 3 e 30, senti-me mal e precisava de um médico. Mas aqui no Seixal, encontrar um médico é como achar uma agulha no palheiro.

Tive de esperar até de manhã para ir à Caixa de Previdência, e assim aconteceu. No entanto aqui no Seixal há a Santa Casa da Misericórdia que encerra às 24 horas.

Eu pergunto se está certo que um concelho como o Seixal, que tem largas centenas de habitantes, haja um só serviço hospitalar, e que ainda por cima encerre às 24 horas?

Há longos anos que isto acontece, e eu sei perfeitamente que os médicos e enfermeiros não são de ferro. No entanto, porque é que não têm pelo menos um piquete de urgência das 24 horas às 8 h da manhã?

Nestes termos, urge que as entidades competentes se debrucem sobre o problema e lhe achem uma solução, pois que é a vida de numerosas pessoas que está em perigo, por falta de assistência médica nocturna.

Luis Cândido Rodrigues — Seixal

Serventuários do capital batem palmas na Boa Hora

Os antigos defensores da «autoridade», da «legalidade» procuram agora transformar os julgamentos em tribunais populares, que tanto atacavam. Ou serão, antes tribunais neofascistas o que eles pretendem? Até há palmas e tudo!

Os serventuários do capitalismo mais reaccionário fazem agora seus comícios na Boa Hora, bem pagos e orquestrados pelos patrões, que depois de terem falado no 28 de Setembro e 11 de Março, não desistem de conspirar cá dentro e lá fora, com seus mercenários em vários postos.

No anticamente estes dedicados servidores não apareciam na Boa Hora, nos célebres plenários (que até metiam os advogados na cadeia) a enfrentar os sicários do fascismo, nem falavam nas orgias dos seus amigos dos ministérios salazaristas. Andavam no beija-mão do Estoril (como já andam nas reuniões dos «ultras»).

Agora cumprem as ordens dos patrões para atacar o 25 de Abril e os homens que o fizeram. E para melhor cobertura chegam ao descaramento de se dizerem simpatizantes (ou «militantes») de partidos democratas e antifascistas!...

A. Simões da Costa — Coimbra

O custo de vida não é igual para todos?

Os governantes deste País muito bem falado em justiça social, e numa justiça social começando pelas classes mais desprotegidas...

No entanto, vejamos, na realidade, como essa justiça social está a ser efectuada: Todos os trabalhadores da Função Pública que, por fatalidade tiveram de se aposentar antes de 25 de Abril de 1974, são, comparados com aqueles que, depois dessa data, passaram a tal situação, uns completos marginalizados! Exemplificando:

Um 1.º escriturário-dactilógrafo da Função Pública, com 22 anos de serviço, é aposentado, antes de 25 de Abril de 1974, por ter atingido o limite de idade, (70 anos) com 1520\$00, recebendo, actualmente 2210\$00, mensalmente, o suficiente para morrer de fome!

Em contrapartida, qualquer outro que possua a mesma categoria, e que agora se reforme (com os mesmos 22 anos de serviço e por limite de idade) receberá (além do cálculo para a respectiva aposentação incidir sobre um vencimento muito superior ao que vigorava antes do 25 de Abril) mais 4 diuturnidades, ou sejam 2000\$00!

Resumindo. Entre um aposentado e outro de igual categoria e anos de serviço, existe uma diferença de 3 mil escudos (se não fôr mais) na respectiva aposentação!

Está isto certo?

Por que não tem os «marginalizados» de antes do 25 de Abril de 1974, direito às diuturnidades? Não foram eles que trabalharam o mesmo número de anos dos «felizardos» de agora?

Que são estes funcionários actuais, mais do que os antigos? Dos que suportaram a «Canga completa»? A barriga deles não será igual à nossa? O custo de vida não é igual para todos?

Se é esta a justiça social que se pretende implantar em Portugal, então talvez não morra (apesar de velho, mas são de espírito) sem ver surgir um novo 25 de Abril, com cravos de aço «em vez de «cravos-flor».

Num Portugal democrático, rumo ao socialismo, não podem existir Portugueses de 1.ª e 2.ª classes, como no tempo do execrando e maldito fascismo, por que tal seria a negação da vontade dos que nos deram a liberdade e eles, estou certo, jamais o consentirão.

Fernando Tiago da Silva — Mosca

UMA IMPRENSA POBRE NUM REGIME DE POBREZA

Luís de Miranda Rocha

Pode dizer-se que o aparecimento frequente de novos jornais (quer à esquerda quer à direita) significa um empobrecimento progressivo do jornalismo português, da Imprensa em Portugal? Há-de parecer excessivo dizer-se que sim. E por outras (não contrárias mas complementares) razões, outros dirão que não: que o excessivo número de jornais existentes (com tendência para aumentar) pode constituir antes um factor de enriquecimento da Imprensa em Portugal, do jornalismo português. No fundo, porém, quando se trata de saber o estado em que se encontra o jornalismo no nosso país, talvez o número demasiado grande de jornais e outras publicações que se produzem não seja o factor mais preponderante: este é apenas consequência de uma série de antecedentes altamente negativos, decorrentes, por exemplo, da liberdade instituída de criar novas empresas jornalísticas. Liberdade que à direita oportunamente aproveitou. Liberdade que à esquerda também oportunamente está agora a aproveitar. Não se trata aqui de questionar esta liberdade que as nossas leis consignam, mas tão-só de dizer que, como muitas outras leis também esta se pode tornar um instrumento perigoso, sobretudo quando a sua utilização desregrada se faz propositalmente contra interesses que a estabelecida transição para o socialismo deveria mais convenientemente acautelar.

A proliferação de títulos não implica forçosamente a desorientação do público, que saberá, certamente e pelo menos, distinguir um jornal de esquerda de um jornal de direita, e optar. As implicações maiores são outras: primeiro, as razões por que existem tantos jornais; depois, as consequências económicas que resultam disso. É fácil compreender que só existem jornais quando a sua existência vem ao encontro de necessidades sentidas por determinadas forças sociais.

São elas que os lançam para eles participarem nos seus combates políticos, nas suas

lutas com o sentido no Poder. Eles servem uma tática e uma estratégia. O público que tem é o público que os exige. Também não é difícil compreender que a existência de jornais implica determinados dispêndios e alguns de todo inúteis para não dizermos prejudiciais (a importação de materiais, por exemplo). Isto é possível liberar-se das leis extremamente liberais em vigor. Pode acrescentar-se que essas leis foram feitas por quem não estava interessado nelas mas pode vir a sofrer do que há de negativo nas suas implicações. O que há de contraproducente na sua aplicação prática está já a ver-se. Não vê-se como tais leis possam ser alteradas, quando, além de que não existe uma política esclarecida e enérgica capaz de disciplinar o sector, o legalismo está na ordem do dia, e tornou-se talvez demasiado tarde para ressaltar erros e apagar sinais de excessos e violências que esses erros já proporcionaram.

Não consideramos uma fatalidade infeliz a possibilidade incessante de quase todos os dias aparecerem jornais novos. Tão pouco parece de concordar com aqueles que, vendo nisso uma prova de que os homens são activos e inconformistas, acreditam que a longo médio ou curto prazo tudo virá a equilibrar-se: far-se-á então, uma selecção natural, uma triagem espontânea, e, mais tarde ou cedo estarão na cena da Informação portuguesa apenas aqueles que aptos (competentes e leais ou hábeis e fortes?) se revelarem suficientemente aptos para isso? Crença própria de uma visão do mundo pouco realista — com a qual, no entanto, mesmo aqueles que teriam obrigação de serem realistas, inadvertidamente ou não, tendem a alinhar.

O estado (a situação) actual do jornalismo no nosso país produz um certo efeito junto do público mais ou menos desprevenido e faz o processo político global do País orientar-se num sentido preciso. Esse efeito consiste na difusão alargada da convicção de que existe um pluralismo informati-

vo em grau correspondente ou ao menos aproximado em relação ao número de jornais que existem. Na verdade, há apenas, de um lado e doutro, e descontando algumas excepções, um certo número de jornais que ocupam o mesmo espaço (falam a mesma linguagem, tem as mesmas intenções, perseguem os mesmos objectivos) e só surpreende que haja tantos, e uns e outros consigam coexistir sem devorarem-se mutuamente. Geralmente, no entanto, não os anima nenhum grande espírito de competição. Esse sentido para que tantos jornais, pretendem orientar — puxar, empurrar — o processo global do País, bem sabemos como é e para onde aponta. Basta reparar na coloração ou na cor política de quase todos, ou apenas de um deles, já que não são substancialmente diferentes. Falamos da Imprensa declarada ou omissamente comprometida com os interesses da direita.

Falar disso nestes termos acaba por suscitar por parte da direita que produz esses jornais uma reacção formalmente muito idêntica à do czar de Pavlov. Mal ouvem dizer certas coisas como, por exemplo, que estão a defender (passe-se o lugar comum), interesses contrários aos interesses do «povo» (noção amalgamada de outras noções envolvendo trabalhadores, classe operária, proletariado) atiram logo um argumento como um tiro de revólver defendendo a tese de que não gastam um centavo do erário público, não vivem à custa do povo, não é o dinheiro do povo que lhes paga a existência. Esquecem-se geralmente de dizer quem é que lhes paga. E vão fazendo o seu jornalismo, com o sonâmbulo bom senso da burguesia e uma estúpida histeria de jovens cheios de raiva — praticando, ao nível da Informação, um certo terrorismo. Continuamos a falar da Imprensa comprometida com os interesses da direita.

Agora falando dos jornais em geral, que são muitos. Uma existência assim de jornais tão numerosa significa que a Informação em Portugal vive próspera e bem, em crescimento e euforia, por causa do seu peso na opinião pública e do seu ascendente sobre os órgãos do Poder? Possível dizer que sim, mas de certo modo, até ou a partir de certo ponto. Nós apercebemo-nos mais de que todos os dias saem aí uns vinte diários e uns quarenta ou cinquenta semanários (tendo em conta somente as publicações classificáveis de expansão nacional) — e damos-nos menos (ou nem sequer nos damos) conta do que esta abundância de papel impresso esconde de pobreza de recursos e carências de meios materiais e humanos — dificuldades de toda a ordem, que só a interessada (e «empreendedora») generosidade dos capitalistas (do capitalismo) permite vencer, nuns casos. Noutros casos, o que permite vencer tais dificuldades? Não basta o zelo militante — e os jornais, que além do mais já vão sendo muitos, têm a sua sobrevivência ameaçada, o futuro pelo menos incerto. Também esta insegurança entra na imagem que se tem actualmente da Imprensa em Portugal e dos seus sinais de pobreza mais ou menos visíveis.

Uma ideia a ter presente: um jornal nunca aparece por acaso ou determinação de cinco ou seis jornalistas: há toda uma organização que é preciso montar. A generalidade dos novos jornais tem sido lançada sem estarem preenchidas as condições minimamente indispensáveis para se ultrapassar o âmbito de um generoso mas inconsequente amadorismo.

Um jornal nunca aparece por acaso, mas não é só a sua organização que importa, como não importam somente as suas fundamentais motivações políticas. A excessiva valoriza-

Continua na pag. 4

NOVO PRESIDENTE DO MÉXICO

RETRATO DE LÓPEZ PORTILLO

Para mim, o essencial é o respeito pela Constituição por que acreditado no governo das leis. Esta afirmação define melhor do que longos discursos o homem e a sua concepção da coisa pública. As referências à lei fundamental, às instituições e ao papel do Estado, voltam constantemente como um «leit-motiv» nas palavras de José Lopez Portillo.

A personalidade do novo presidente do México deve tanto à sua formação universitária como à sua carreira de grande viajante do Estado. Nascido no México a 16 de Julho de 1920, Lopez Portillo y Pacheco provém de uma família da alta burguesia do Estado de Valisco, já estreitamente ligada à clássica política mexicana.

Dos seus anos de estudo data o início de uma longa amizade com Luis Echeverría Alvarez. Em 1941, os dois estudantes obtêm bolsas para um curso de Verão em Santiago do Chile. O curso era de Ciências Políticas. Licenciado em Direi-

to em 1946, José Lopez Portillo recebe, anos depois, a cadeira de Teoria Geral do Estado, que ocupará até 1958 na Faculdade de Direito e na Escola de Ciências Políticas da Universidade Nacional Autónoma do México.

Desde 1945 no PRI, Lopez Portillo é chamado em 1948 para os conselhos de planificação económica e social. Ainda em 1948, é nomeado subsecretário da presidência, em 1970 subsecretário do património nacional, e, em 1972, director da Comissão Federal da Electricidade.

Em Maio de 1973, o presidente Echeverría nomeou-o seu ministro das Finanças, lugar que ocuparia até à sua designação oficial de candidato do PRI, à 5 de Outubro de 1975.

Relativamente pouco conhecido ainda há um ano, José Lopez Portillo aproveitou os oito meses da sua campanha para formar a sua imagem de presidente. Fortemente apoiado pela máquina bem oleada do

omnipresente partido oficial, percorreu o país, dirigindo-se a todas as camadas da população.

Casado e pai de três filhos, o novo presidente do México sente-se, aos cinquenta e seis anos, em plena força da idade. Solidamente constituído e dotado de grande capacidade de trabalho, dizem-no muito severamente. Desportivo, não esconde a sua predilecção pelo «foot-ball» americano e o «boxe». Ele próprio pratica o karate.

Lopez Portillo considera-se antes de mais um humanista. Não que conteste a sua reputação de gestor, mas recusa-se à designação de tecnocrata. No plano filosófico reconhece de boa vontade a influência que nele exerceu a dialéctica hegeliana. Tendo perdido a fé durante a adolescência, não é praticante, mas aceita a moral cristã.

Tanto por temperamento como por convicção, Lopez Portillo mostra-se inclinado para

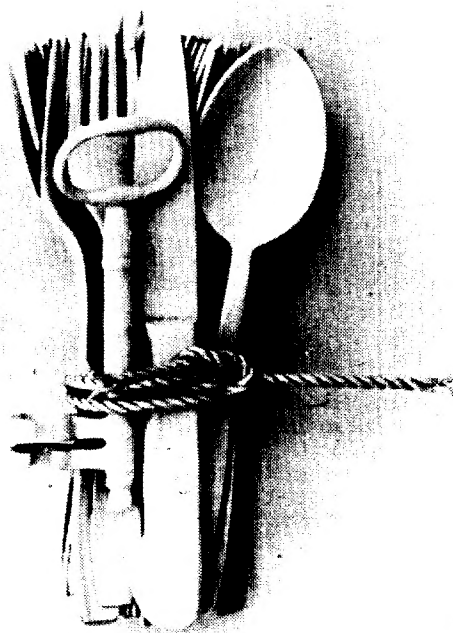
o realismo. Em todo o caso, os seus conhecimentos das realidades económicas e sociais mexicanas não serão de mais para enfrentar os graves problemas que actualmente se põem ao seu país. Embora queira prosseguir a política de abertura para o mundo iniciada por Luis Echeverría, ele dará provavelmente mais atenção à política interna. Herdeira da revolução de 1910, a Constituição mexicana reconhece amplos direitos sociais e abre o caminho para as reformas.

A fim de respeitar as suas promessas eleitorais e assegurar uma melhor distribuição das riquezas, o novo presidente resolveu aplicar a Constituição. No próximo dia 1 de Dezembro, quando tomar oficialmente a sucessão de Luis Echeverría, José Lopez Portillo terá seis anos diante de si para cumprir o que dele se espera.

JEAN-CLAUDE BUHRER
(c) — «Le Monde»

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DA INDÚSTRIA DE HOTELARIA, RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

REVISÃO DO CONTRATO



COMUNICADO

Mobilização dos trabalhadores garante o início das negociações

CAMARADAS

De Norte a Sul do País, os trabalhadores da Hotelaria, Restaurantes e Similares deram uma firme resposta as manobras patronais.

De facto, as concentrações realizadas no dia 6 de Julho de 1976 no Porto, Coimbra, Lisboa e Faro, mostraram uma vez mais a determinação dos trabalhadores do sector, em lutarem pelos seus mais legítimos direitos, negando-se a aceitar a demagogia e irresponsabilidade dos patrões.

Os milhares de trabalhadores que nestes distritos se concentraram junto do Ministério do Trabalho, conseguiram com a força e unidade demonstradas, levar este Ministério a tornar publico o início das negociações, independentemente da presença de todas as entidades patronais.

E o que se pode ler no texto entregue pelo Ministério do Trabalho aos Sindicatos no momento da concentração.

Lisboa, 6 de Julho de 1976

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL DO C. C. T. V. DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

Para esclarecimento do disposto no n.º 1 do comunicado hoje difundido nos Órgãos de Comunicação Social, informa-se que caso no próximo dia 8 de Julho de 1976, não sejam presentes as negociações do C. C. T. V. Hoteleiro, as associações representativas das entidades privadas, serão de imediato convocadas para nova reunião a efectuar no dia 12 de Julho p.f., através dos meios de comunicação social, todas as entidades patronais do sector que estejam dispostas a estabelecer por via negociada a respectiva regulamentação a fim de nessa mesma data se dar início as negociações.

PELO DIRECTOR

Esta e outras posições favoráveis aos trabalhadores mostram claramente que so através duma luta persistente, serena mas firme de todos os trabalhadores organizados em torno dos seus sindicatos e avançando para formas de luta que em cada momento mobilizem e aglutinem os trabalhadores, estes conseguirão um reforço da sua unidade e combatividade contra todas as forças capitalistas interessadas em impor uma prática terrorista e de exploração desenfreada.

A actuação das entidades patronais do nosso sector insere-se nesta mesma política de recuperação capitalista a que os trabalhadores terão de continuar a combater.

CAMARADAS

A nossa luta continua!

A vigilância contra todas as manobras patronais deverá intensificar-se.

O nosso Contrato vai ser negociado, porque os trabalhadores não estão dispostos a ver diminuído o seu poder de compra quando os patrões continuam a encher a sua bolsa.

EM FRENTE PELA REVISÃO DO NOSSO CONTRATO

Geral UMA IMPRENSA POBRE NUM REGIME POBRE

Continuação da pag. 3

zação das motivações políticas em detrimento de outros aspectos pode dizer-se que é um erro cometido tanto à direita como à esquerda. A diferença é que a direita está numa fase de ascensão e a sua imprensa não corre sérios riscos.

Os jornais vieram para «cobrir» esta ascensão, depois de a terem preparado. Cada título novo que apareceu serviu esta ascensão e continua a servi-la. O facto de serem muitos jornais não deve perturbar-nos: trata-se de uma «manobra»: dar ao leitor a impressão de que por trás de cada jornal está uma posição específica perante os problemas do País; a impressão de que cada jornal ocupa o seu lugar, distingue-se dos outros. Onde esta falsa impressão se produz, ergue-se, para a atenção imediata do Mundo, a dupla noção da liberdade e do pluralismo que a exerce. A produção de muitos jornais praticamente todos dizendo as mesmas coisas tem por fim ocupar o mais possível do espaço onde os outros já estavam, tornar este espaço, para esses outros, pouco a pouco inabitável desalojá-los, se puder ser. Tudo começa pela coexistência (pacífica), segue-se uma guerra de nervos em que nos vimos e vamos vendo envolvidos involuntariamente ou não. Quando verificarmos que erramos inicialmente ao pensarmos que (eles) iriam «devorar-se» uns aos outros, já tudo se conjugou (conjugou) para nos «devorar» a nós.

É evidente que devemos ter em conta as intenções políticas que presidem sempre ao lançamento de jornais, os objectivos políticos que pretendem atingir — para chegarmos

aos fundamentos de que a nossa imprensa está a empobrecer, a perder algumas das poucas qualidades que tinha, e a distanciar-se do nível a que chegou, quando pôde. É claro que múltiplos factores contribuíram para isso: as lutas partidárias no âmbito das redacções, o predomínio (quando não o controlo) por parte deste ou daquele partido, a inexistência, ao longo de sucessivos governos provisórios, de uma política de informação acertada — adequada e consequente. Tudo isto poderia não ter sido fatal, se a tempo se tivessem estabelecido restrições à criação de novas empresas, ao consequente lançamento de novos títulos, e, para compensar, se tivesse reparado mais nos que já existiam e sobreviviam a custo contra dificuldades inúmeras. Mas deixou-se tudo ficar como estava, pior: à sorte da espontaneidade e da capacidade de improvisação das pessoas, sem directivas mais ou menos firmes, como sem leis, regras, normas, sequer. Os resultados estão à vista.

O que se passa com a imprensa não é mais do que um reflexo do que se passa no País. E sublinhamos «reflexo» porque pensamos que imprensa portuguesa, tal como se passava até 25 de Abril de 74, ainda não ganhou, depois desta data, a sua autonomia. O que de mais concessivo se pode dizer é que a impediram disso. Seja como for, não parece que a imprensa em Portugal constitua um poder suficientemente forte para se defrontar (quando necessário) com o Poder. O que de mais concessivo ou benévolo se pode dizer é que o Poder é demasiado forte

para a imprensa poder confrontar-se com ele.

Entretanto não deixaria de ser curiosos confrontar o comportamento que tiveram no «Verão quente de 75» certos jornais para com o Poder político e a atitude que para com «outro» Poder político de sinal diverso (se não contrário) estão a ter jornais de orientação política, senão contrária, pelo menos diversa, diferente. Falamos dos jornais mais importantes. Poderíamos dizer que a direita, também na imprensa, é muito mais agressiva.

Agora pode não parecer. Mas, não parece? É. Só que fez a sua ascensão, precisava para isso de jornais que lhe «cobrissem» e ajudassem a fazer, teve-os, tem-nos aí. E não tantos que pode deixar que uns quantos desapareçam, que já não lhe fazem muita falta. Entretanto aos outros (a nós) cabe um destino que mal sabemos ainda.

O jornalismo que actualmente se faz em Portugal, a actual imprensa portuguesa é pobre? Pode dizer-se que muitos factores a empobrecem, que a marca como um estigma a dependência do Poder político. Não é bem assim em todos os casos: sabemos de jornais que continuam a fazer-se como se fossem propriedade de quem já foram até há pouco tempo e mantêm permanentemente a posição que mantêm (de hostilidade declarada, de agressividade quase sempre excessiva) com (contra) o Poder político de que depende economicamente, pelo menos). Trata-se de casos anómalos, ou, melhor dizendo, de um caso anómalo, tão só. Mas, mesmo pondo-o de parte, ficam-nos outros que não o se-

rão menos. Por outro lado, sabemos os riscos que correm certos jornais onde se mantém praticamente a mesma linha (com cortes sobre alguns excessos) depois como antes de 25 de Novembro do ano passado — e esses jornais, por acaso ou não, são hoje aqueles que fazem correr o risco de pura e simplesmente desaparecerem. Não é talvez dos jornais que devemos falar mal, nem é aos jornalistas que devemos inculpar pelo estado muito precário em que se encontra a imprensa em Portugal. Eles fazem o que podem, e se mais não podem, não fazem mais. Além do mais recebem dos salários mais baixos deste País. Como é que se poderia exigir-lhes muito? Ganhar mal e com resignação é já uma forma calada e humilde de patriotismo — essa palavra que os nossos chefes militares e políticos trazem na boca e usam certamente para nos moralizarem e ao povo. Pensamos que não é assim que vão moralizar-nos. Estamos sobretudo descontentes com o regime de pobreza (qual austeridade!) em que nos obrigam a viver. Não é que defendamos um jornalismo rico, como uma sociedade de abundância, nem sequer sabemos o que isso poderia querer dizer. Mas devemos recusar a miséria nas suas múltiplas revelações. Se a imprensa portuguesa está pobre, diz-se isto outra vez: não é por ela ou por nós que somos os seus militantes activos, mas pelo regime de pobreza em que nos obrigam a viver. Não deviam pedir aos jornalistas nada que não oferecesse alguma coisa de imediato em compensação. Nem aos jornalistas nem ao povo português, é claro.

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES JAMES DE 21 ANOS TODOS OS DIAS DAS 12 AS 1 HORAS SALA DE JOGOS

WILD HONEY

VEGETAS DA RADIO E DA TV INGLESA and BRUNO PAOLO

ADA DE CASTRO

"BLUEBELL GIRLS SHOW"

THO BANDEIRA AND HIS GROUP

"LATINO'S COMBO"

ORQ. CASINO ESTORIL dirigida por Ferrer Trindade

DIAMOND SISTERS

"STRIP-SHOW" SONO WONDER BAR

SALA RESTAURANTE às 23,30 (não aconselhável a M./13)

WONDER BAR a 1,00 (interdito a M./18)

Consumo mínimo, Sábados 140\$00 - Restantes dias 120\$00 (taxas e impostos incluídos)

INATINEE aos DOMINGOS às 17 horas

Chá completo, 70\$00 (taxas e impostos incluídos)

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução todas as marcas, com garantia

MENDES Tel. 76 84 23

R. Capitão Ramirez, 2-A (Ao Campo Pequeno)

REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»

FILIAL

Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

PALMA DE MAIORCA

AGORA VOOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP

1 SEMANA

PARTIDAS:

Julho	14, 21, 28
Agosto	4, 11, 18, 25
Setembro	1, 8, 15, 22

Preços excepcionais desde *

3.420\$

* a vantagem dos voos especiais

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341

PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921

COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telef. 27011/2

FARO Rua Cons. Brar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

AVISO

O COMBOIO - Móveis e Electrodomésticos, Lda.

(Rua Projectada à Av. Santos Matos, lote 2, loja 1, AMADORA — junto à Estação dos Caminhos de Ferro)

AOS SENHORES CLIENTES E FORNECEDORES

Informa-se que por escritura de 7/7/76—19.º Cartório Notarial de Lisboa

ANTÓNIO PEDRO LOBITO PASSOU A SER O ÚNICO SÓCIO E GERENTE

SURDEZ

Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSON — Organização especializada em prótese auditiva

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

Serão as câmaras a conceder licenças para táxis

PORTO, 10 — As câmaras municipais passam a ter autonomia na concessão das licenças para táxis e carros de aluguer, a solicitar nas respectivas áreas da sua jurisdição — foi anunciado pelo director-geral dos Transportes, eng. Acácio Aires, durante uma reunião no Governo Civil do Porto.

Estiveram presentes membros das câmaras municipais

daquele Distrito, representantes do Sindicato dos Motoristas e sócios deste organismo de classe.

O eng. Acácio Aires informou os presentes que o concurso para a atribuição de alvarás está pendente de elaboração de uma lista de 650 vagas a atribuir a industriais retornados das ex-colónias, sendo o mesmo aberto em cada câmara do Distrito.

TELESCOLA: REGRESSO AO PASSADO?

Comprometido o ensino no próximo ano

Continua cada vez mais comprometido o ensino da Telescola no próximo ano lectivo. Por um lado mantém-se a movimentação de um grupo de monitores que, autodenominando-se representativo da classe, contesta os actuais professores da Telescola, pretendendo a reintegração dos que saíram logo após o «25 de Abril»; por outro, ainda não foram nomeados os novos professores.

A base da contestação que de certa maneira tem encontrado receptividade no MEIC (o grupo foi ouvido, pressionou, obteve concessões) são as disciplinas de Estudos Sociais e História de Portugal de conteúdo progressista, sobre as quais inúmeros alunos têm mostrado inusitado interesse.

Recolocar o ensino nos moldes do «24 de Abril», evitar a reestruturação da Telescola numa perspectiva progressista segundo o espírito da Constituição, parece ser o objectivo (cada vez menos velado) dos contestatários. Aliás o «Vento» do passado não vem só dos monitores...

Como foi noticiado na altura, em Maio último, um grupo de monitores mandatado para participar na elaboração das provas escritas ocupou as instalações da Telescola em Gaia (Porto), exigindo o saneamento imediato dos professores dos Núcleos de Apoio Pedagógico e de Produção de Programas, a suspensão das aulas de Estudos Sociais e História de Portugal e ainda, a reintegração dos antigos professores.

CONTESTAÇÃO DE «CARIZ POLÍTICO»

Para analisarmos a situação decorrente da movimentação dos monitores que no dizer dos contestados tem «cariz político» ouvimos três professores: Isabel Maio e Margarida Caneca, ambas do MPP e Eugénia Correia do NAP.

Definindo o objectivo do trabalho dos Núcleos, diz-nos uma das entrevistadas: «Pretendeu-se criar uma pedagogia inovadora que contribuísse dentro do processo educativo para a construção de uma nova sociedade. Pretendeu-se que as emissões televisivas fossem apenas um dos elementos no

processo de aprendizagem e que o monitor passasse também a ter uma participação activa na organização da aprendizagem, de modo a assumir o papel real de professor. Todavia a adaptação a um processo de inovação e transformação gera resistências e processa-se lentamente. Deste modo tornava-se necessário criar estruturas que acompanhassem todo este processo. Estas estruturas (humanas, técnicas, etc) não foram criadas e o número reduzido de professores (11 para cerca de 2000 monitores e 50000 alunos no Continente, Açores e Madeira) não permitiu que este projecto de transformação fosse realizado de acordo com os objectivos dos professores do NAP e MPP.». Nomeados respectivamente por propostas da Direcção do Instituto de Tecnologia Educativa e da Direcção-Geral do Ensino Básico para o ano lectivo que agora finda, o NAP e o MPP ultrapassaram as funções obrigatórias, dada a necessidade de dar apoio pedagógico a professores-monitores, a alguns alunos e colaborar em todas as actividades ligadas à Telescola no Continente e Ilhas para as quais foi solicitada a sua participação. O objectivo está claro: reestruturar aquele meio de ensino que abrange 50 mil alunos na sua maioria de débeis condições económicas.

Quais as implicações directas do movimento de contestação iniciado pelos 30 monitores? A esta questão respon-

dem-nos as nossas interlocutoras, expressando o pensamento das restantes oito colegas:

«Dado que neste momento não existem ainda equipas de professores nomeadas, e consequentemente uma planificação do próximo ano lectivo, em termos de uma inovação pedagógica real, corre-se o risco de ver comprometida a escolaridade obrigatória de crianças económicas e socialmente desfavorecidas.

Parece também evidente o risco de retrocesso educacional, uma vez que a contestação visa o afastamento dos professores que se identificam com os novos programas de conteúdo inovador e progressista, nomeadamente Estudos Sociais e História de Portugal.

QUAL A POSIÇÃO DO MEIC?

Apesar de a 31 de Maio o MEIC ter reprovado a ocupação da Telescola, declarando que não satisfaria as exigências dos monitores, mais tarde terá havido cedência perante as posições dos ocupantes. E o que demonstra um comunicado dos ocupantes (de 18 de Junho) nunca demitido pelo MEIC, no qual se afirma que a Comissão do Serviço dos Professores do NAP e MPP acaba no fim do mês de Julho, «a menos que os Executivos Sindicais forcem o MEIC a sua saída imediata», e que ficava ao critério das bases dos moni-

tadores a indicação dos nomes de novos professores através do Sindicato.

Contrariando uma transferência de responsabilidades pedagógicas do MEIC, as professoras contactadas sublinharam-nos que a escolha dos novos professores deveria recair sobre pessoas profissionalmente competentes e capazes de entenderem o ensino como agente de transformação da sociedade portuguesa, contribuindo eficazmente para a construção da sociedade socialista que a Constituição preconiza. E acrescentaram: «Será também fundamental que tais professores consigam formar equipas de trabalho no sentido de enfrentarem, numa forma coesa, o ritmo de trabalho intenso que a Telescola exige».

Face à movimentação desencadeada pelo grupo de monitores está paralisado o processo de contratação dos professores que haviam sido contactados desde Fevereiro, através da Direcção-Geral do Ensino Básico, para constituírem as novas equipas de produção dos programas para o próximo ano e de apoio pedagógico.

Entretanto, há dias os monitores do Norte, em plenário promovido pelo Sindicato dos Professores, aprovaram a reintegração dos antigos professores. Aceitará o MEIC esta posição? Qual o futuro da Telescola? Que ensino ministrará?

Luis Humberto

AINDA OS CORTES DE ENERGIA

Cintura Industrial apresenta protestos e prejuízos

Numa reunião realizada ontem entre representantes de 55 empresas da cintura industrial de Lisboa, ao mesmo tempo em que eram apresentados os números relativos aos prejuízos que os cortes de energia estão a causar, era aprovada uma moção de crítica — por unanimidade e aclamação — na qual se acusa a «responsabilidade total do Ministério da Indústria e Tecnologia e da Secretaria de Estado da Energia por não terem tomado «as medidas necessárias para evitar o corte radical e arbitrário». Chamando a atenção para o facto de que nunca houve da parte do Governo a intenção de discutir as medidas a serem tomadas com os trabalhadores e os seus organismos representativos, a moção exige «o respeito e cumprimento integral do pagamento de salários e outras regalias conquistadas, nomeadamente o horário de trabalho» e que «qualquer medida que venha a ser tomada recaia sobre quem mais tem e quem mais gasta». Não esquecendo as centrais nucleares, os trabalhadores da cintura industrial de Lisboa dizem que não aceitarão qualquer pressão psicológica que tenha como objectivo criar um clima para a aceitação da sua construção em Portugal.

Contra é fundamental para se encontrarem as soluções adequadas». Classifica-se ainda as causas que levaram aos cortes de energia como «herança fascista» e responsabiliza-se o Ministério da Indústria e da Tecnologia e a Secretaria de Estado da Energia por não terem tomado «as medidas necessárias para evitar o corte radical e arbitrário». Chamando a atenção para o facto de que nunca houve da parte do Governo a intenção de discutir as medidas a serem tomadas com os trabalhadores e os seus organismos representativos, a moção exige «o respeito e cumprimento integral do pagamento de salários e outras regalias conquistadas, nomeadamente o horário de trabalho» e que «qualquer medida que venha a ser tomada recaia sobre quem mais tem e quem mais gasta». Não esquecendo as centrais nucleares, os trabalhadores da cintura industrial de Lisboa dizem que não aceitarão qualquer pressão psicológica que tenha como objectivo criar um clima para a aceitação da sua construção em Portugal.

ATÉ AGOSTO

Dizendo que «não se pode fazer totobola com a chuva» e lamentando que as soluções adoptadas tenham causado prejuízos à indústria, o engenheiro Assunção, representante da CPE presente à reunião, disse que, caso os resultados conseguidos até agora na economia das reservas de água das albufeiras continuem, talvez seja possível terminar algumas restrições no próximo mês de Agosto. Os resultados obtidos, que dão conta de um índice de economia à volta dos 10 por cento, são considerados como estando dentro do programa previsto início das restrições. Registaram-se resultados significativos nas albufeiras de Tabuaco, Cabril e Vilariño das Furnas, que estas em risco de subsistência.

O PROTESTO

Na moção aprovada pelos elementos da cintura industrial de Lisboa considera-se que os trabalhadores nunca poderão estar solidários com as medidas adoptadas e que a sua participação «agora negada pelo

COFRE DE PREVIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

(ARRENDAMENTO DE CASAS)

Encontra-se aberto o concurso para atribuição dum andar situado em Lisboa, na Rua Dr. Lacerda e Almeida.

Os sócios interessados, devem solicitar e entregar o Boletem de Inscrição, na Secretaria do Cofre, até 9 de Agosto de 1976.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

RIO DE JANEIRO

7.º CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA FÍSICA E REABILITAÇÃO

DE: 1 a 6 de AGOSTO

Duração da viagem: 16 DIAS. Possibilidade de visitar as seguintes cidades: BRASILIA — BELO HORIZONTE — SALVADOR (Baía) e RECIFE

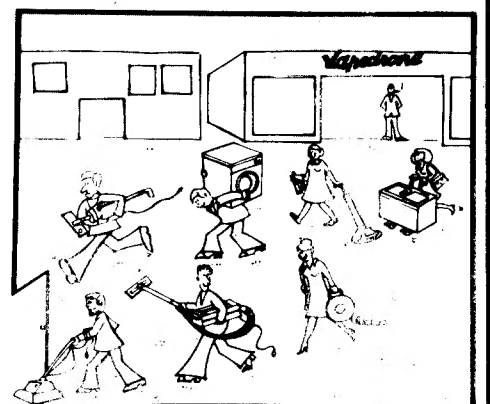
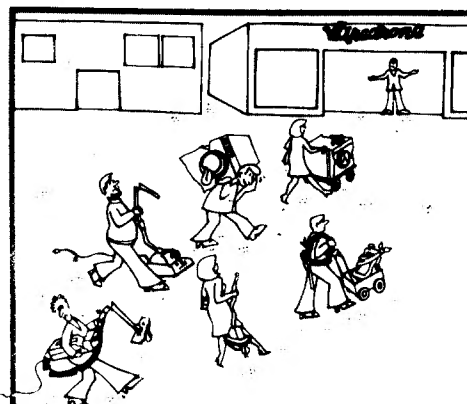
PREÇO POR PESSOA: 25.950\$00

Inscrições limitadas.

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
fundada em 1940
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021
PORTO Rua do Alameda, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bvar. 65 • Telef. 25036/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

GRANDE CAMPANHA DE TROCAS

Vapedrone



sensacional

Trocamos qualquer máquina de lavar roupa, mesmo estragada pela sensacional Hoovermatic !

A Hoovermatic lava seis quilos de roupa em oito minutos !

A sua velha máquina de qualquer marca vale dinheiro na troca!

Aproveite esta grande campanha de trocas

Hoover/Vapedrone

VISITE-NOS EM LISBOA:

VAP 1 - Rua da Vitória, 54

VAP 2 - Rua D. Estefânia, 26

VAP 3 - Av. Almirante Reis, 82-A

DEMONSTRAÇÕES HOOVER NA VAP2-R.D.ESTEFÂNIA, 26

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

EDITAL

EUFRÁSIO FILIPE GARCÊS JOSÉ
PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

FAZ SABER que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 15 de Abril de 1976 se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de ABASTECIMENTO DE ÁGUA ÀS POVOAÇÕES DA MARGEM ESQUERDA DO RIO JUDEU — RESERVATÓRIO E CONDUTA ELEVATÓRIA DO TALAMINHO.

A base de licitação é de 3 564 000\$00 e o depósito provisório na importância de 89 100\$00, deve ser efectuada na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de água e Saneamento onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente.

A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido — I categoria da 9.ª subcategoria da classe correspondente ao valor da proposta.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 6 de Julho de 1976.
O PRESIDENTE DA C. ADMINISTRATIVA
Eufrásio Filipe Garcês José

PUB

MOÇÃO

Os Delegados Sindicais Metalúrgicos do Distrito de Leiria, reunidos em Plenário na sede do seu Sindicato em 2/7/76 decidiram:

Repudiar veementemente o ataque bombista de que foi alvo a Intersindical Nacional, central única dos trabalhadores portugueses, levado a cabo por forças reaccionárias e terroristas.

Exigem ainda dos Órgãos do Governo medidas urgentes que levem à punição adequada dos autores de actos desta natureza.

**CONTRA OS ATAQUES TERRORISTAS
PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES
UNIDOS E ORGANIZADOS HAVEMOS DE
VENCER**

Os Delegados Sindicais

«SOCIEDADE ESTORIL»

CAMINHOS DE FERRO DO CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

SE VAI À PRAIA no COMBOIO da linha de Cascais, NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS em bichas para comprar bilhete.

Utilize as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS, práticas e RÁPIDAS, bastando trazer, em MOEDAS de 5\$00, 2\$50, 1\$00 e 50¢ o PREÇO EXACTO do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS	
	1.ª classe	2.ª classe
Santos Alcântara Belém Pedrouços Algés	7\$50	5\$00
C. Quebrada Caxias Paço de Arcos Santo Amaro Oeiras	11\$00	7\$50
Carcavelos Parede S. Pedro S. João Estoril Monte Cascais	15\$00	10\$00

NO REGRESSO utilize também as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS existentes em todas as estações.

Nacional

Coimbra defende-se em Lisboa

Fausto Cruz entre os manifestantes



Fausto Cruz, de frente para a objectiva, motivo e símbolo da primeira manifestação estudantil após as eleições presidenciais, que ontem percorreu artérias da Baixa pombalina, encontrava-se anónimo nas primeiras filas como mais um manifestante vindo no comboio especial de Coimbra

Fausto Cruz ia numa das primeiras filas da manifestação. Entre tantos, alguns milhares, disse-nos: «Não é pelo meu caso pessoal que a manifestação é importante, mas sim como

resposta do movimento estudantil contra os atentados terroristas e como uma grande aliança entre os trabalhadores e os estudantes. Este aqui ao meu lado é trabalhador e veio de Coimbra. Os meus pais também vieram. Nunca tinham vindo a Lisboa. Estão cá se é que não se perderam no meio desta confusão».

Fausto Cruz continua a falar. Fala. Gesticula. Sobe o tom de voz. Não é ele que está em causa. O que é necessário é uma ofensiva contra o terrorismo que alastra — repete insistentemente.

De barba rala, pega pela mão a namorada. Com a outra em punho cerrado grita as palavras de ordem que enchem o Terreiro do Paço, com a Polícia de Intervenção a metros, separada dos manifestantes por grades que já serviram em S. Bento e na Feira do Livro (aqui para proteger a relva).

Na multidão, guiados por

Fausto Cruz descobrimos os seus pais. Um casal abandonado no meio de tanta gente. Ele é carteiro de profissão. De fato castanho e gravata preta do lado da mulher que cobre a cabeça com o casaco escuro de malha para se proteger do sol que apesar das 19 horas cai constante e depressivo.

O pai de Fausto Cruz diz-nos: «A nossa preocupação é que ele não perdesse o ano. Ele era muito bom aluno. Escrevemos ao sr. ministro e o sr. ministro justificou as faltas. Dispensou a quatro cadeiras e foi a exame a duas».

Fausto Cruz está a terminar o curso complementar. Diz o pai: «É o único filho que tenho. Tem 18 anos feitos em Dezembro». E a mãe, mais liberta do ambiente e da manifestação que se agita ruidosa em palavras de ordem: «Só reprovou uma vez. Tinha 12 anos. Apaixonou-se por uma cachopa. Queria ir para pedreiro».

E o pai explica: «Fui falar com um mestre de obras. Mas

o rapaz ainda não tinha idade. Depois o meu filho veio falar comigo que queria continuar a estudar. Está bem, disse-lhe eu. E nunca mais reprovou. Foi sempre bom aluno».

E a mãe desvanecida, repete: «Sempre foi muito bom aluno».

Mas o que comoveu sobretudo o pai de Fausto Cruz foi que toda a população de Coimbra, «velhos e novos» tivesse dado o apoio à luta que se começava a travar pela libertação do seu filho.

A Polícia logo após a prisão do seu filho, chegou a ir visitar a casa. Procurava alguma coisa, mas nada foi encontrado. E o pai de Fausto Cruz que o afirma. A mãe «esmagada» pelos acontecimentos, apenas diz e repete: «Somos muitos pobres».

Entretanto, um dos slogans mais gritados na manifestação exige: «Contra a selecção, ensino para todos!».

R.R.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

EDITAL

EUFRÁSIO FILIPE GARCÊS JOSÉ
PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

FAZ SABER que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 24 Junho de 1976 se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de ABASTECIMENTO DE ÁGUA, ÀS POVOAÇÕES DA MARGEM ESQUERDA DO RIO JUDEU — REDE DE DISTRIBUIÇÃO (1.ª FASE).

A base de licitação é de 4 193 000\$00 e o depósito provisório na importância de 104 825\$00, deve ser efectuada na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de Água e Saneamento onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente.

A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário da República», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido — V categoria 3.ª subcategoria da classe 1B.

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 8 de Julho de 1976.
O PRESIDENTE DA C. ADMINISTRATIVA
Eufrásio Filipe Garcês José



Restaurante CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
ESTRADA DA TORRE — TELEF. 790169 — LUMIAR
SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES
E LANCHES DE CASAMENTO
AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES
Parque automóvel (Encerrado às 2.ª feiras)

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE



TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA
PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO
Encerrado às 2.ª-feiras a partir das 16 h
e 3.ª-feiras todo o dia

CONION

O
MELHOR
EM CAPTAÇÃO
E SOM

O melhor Rádio e Gravador do Mundo

Rua Pascoal de Melo
n.º 7, 1.ª — Lisboa

Geral

AGOSTINHO NETO CONFIRMA EXECUÇÕES

"Justiça em nome do povo angolano e dos povos da Namíbia e Zimbábue"

LUANDA, 10 — (ANOP) — O presidente Agostinho Neto confirmou, esta noite, a pena de morte contra os mercenários Callan McKenzie, Derek, Bark e Gearhart conforme sentença do Tribunal Revolucionário. É o seguinte o texto integral das declarações do presidente do M. P. L. A. e da R. P. A.

Durante 14 anos o povo angolano foi obrigado a desenvolver a luta armada contra os colonialistas portugueses, para a conquista da sua independência nacional.

Ao alcançar esse objectivo em 11 de Novembro de 1975, as forças reaccionárias internacionais entre as quais se contavam forças irregulares e regulares pretenderam impedir a independência de Angola. Tanto numa como noutra fase deste processo histórico o povo angolano, no seu conjunto, sofreu vexames e humilhações, populações inteiras foram massacradas, milhares de homens, mulheres e crianças angolanas

perderam as vidas.

Está na memória de cada angolano o comportamento vil e cruel dos mercenários que em países da África semearam a morte e desespero para receber um salário pretendendo travar, assim, os interesses superiores de um povo por algumas moedas.

De acordo com o Artigo 27 da lei número 7/76 de 1 de Maio das decisões do Tribunal Popular Revolucionário não cabe recurso pelo que a subida dos actos ao Presidente do M. P. L. A. não se destina a reexame do processo apenas tem por fim, nos termos de ordem de serviços de 12 de Setembro de 1970, a confirmação ou não das penas capitais aplicadas.

O Tribunal Popular Revolucionário na sua sentença de 8 de Junho de 1976 entendeu por bem aplicar a pena de morte aos cidadãos estrangeiros Costas Georgiu, também conhecido por Callan, Anderw Gordon Mackenzie, Derek John

Barker e Daniel Francis Geardhart.

O julgamento decorreu com toda a regularidade legal, revestiu-se de uma grande dignidade e seriedade e a todos os reus foram efectivamente concedidas amplas garantias de defesa conforme unanimemente reconhecidas pelos próprios advogados estrangeiros que nelas actuaram e pela Comissão Internacional que ao mesmo assistiu.

O mercenarismo, instrumento dos desígnios agressivos do imperialismo, constitui um flagelo do continente africano e uma grave ameaça à paz e à liberdade e à independência dos povos e é reconhecido como uma actividade criminosa pelo direito internacional de acordo com inúmeras resoluções e declarações da Organização das Nações Unidas e da Organização da Unidade Africana. A RPA como Estado soberano reconhece esses princípios do direito internacional e entende dar-lhes uma política efectiva.

Terminou o Congresso das Pescarias

Nada decidido quanto às 200 milhas

Foram remetidas para a conferência de Direito Marítimo Internacional, que se inicia em Londres, em Agosto, a maior parte das decisões do congresso anual da Comissão Internacional de Pescarias do Nordeste do Atlântico que, desde o dia 1 até ontem, decorreu no Hotel Estoril, com a participação das delegações dos 16 países membros: Bélgica, Ho-

landa, França, Espanha, Inglaterra, RFA, RDA, Irlanda, Islândia, Noruega, Polónia, URSS, Finlândia, Dinamarca, Suécia e Portugal.

Segundo declarações do presidente daquela organização, eng. Esteves Belo, o problema central dos debates foi o alargamento das águas de pesca para 200 milhas, tendo ficado decidida a criação de um grupo de trabalho constituído por peritos internacionais que actuarão a título pessoal e que elaborarão recomendações sobre o assunto.

Durante os trabalhos, algumas decisões foram, no entanto, tomadas em definitivo. Entre estas conta-se a referente à pesca do escamudo, na qual continua livre a quota da captura da espécie. Também o problema da pesca do linguado e solha no Mar do Norte e o das pescas incidentais ficou resolvido. De salientar, finalmente, a decisão de obrigar todos os navios a comunicar aos países de registo qualquer desembarque de peixe que façam num país estrangeiro.

Explosões sacodem as Desertas

FUNCHAL, 10 — Até ao dia 19 do corrente as ilhas desertas — 20 milhas ao sul da Madeira — serão sacudidas pelo rebentamento de cargas explosivas submarinas.

A notícia de fonte oficial, não explicita os motivos que levaram à colocação daquelas cargas, com particular incidência no ilhéu Bugio.

Entretanto, de todos os lados chovem os protestos, já que as Desertas são um riquíssimo viveiro natural de peixe, o maior do arquipélago.

Recorda-se por curiosidade, que a legislação em vigor proíbe a caça de peixe à bomba. Qualquer cidadão surpreendido neste tipo de actividade é preso.

Amaro da Luz em Lisboa para tratar de questões financeiras

Questões financeiras correntes da cooperação entre Portugal e a República de Cabo Verde fazem parte da agenda de encontros marcados para hoje e amanhã, em Lisboa, pelo ministro das Finanças cabo-verdiano, dr. Amaro da Luz.

O ministro de Cabo Verde chegou ontem à capital portuguesa, em trânsito para Bruxelas, sendo aguardado no aeroporto pelo secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, dr. Medeiros Ferreira. Amaro da Luz seguirá amanhã para Bruxelas onde vai negociar a adesão do seu país ao Acordo de Lomé. Por este acordo, já assinado por muitos países da África, Ásia, Caraíbas e pela Comunidade Económica Europeia, os signatários comprometem-se a estabelecer relações

comerciais privilegiadas entre os seus membros.

A adesão de Cabo Verde levanta problemas indirectos das relações privilegiadas com Portugal. O ministro Amaro da Luz deu aos jornalistas, no aeroporto, uma ideia dessa questão e a forma como Cabo Verde pensa torná-la:

«As nossas relações são favoráveis para ambas as partes, basta dizer que importamos de Portugal cerca de 60 por cento das nossas mercadorias, o que evidentemente não acontece com mais nenhum Estado» — declarou. As reservas que o Governo de Cabo Verde tem levantado quanto à sua adesão ao Acordo de Lomé referem-se, aliás, ao desejo de manter relações comerciais privilegiadas com o nosso país.

«Como Portugal não tem o

estatuto de país em vias de desenvolvimento no seio dos Estados industrializados da Europa», explicou o ministro, «a nossa adesão, por si só, obrigaria a um tratamento igual ao concedido a Portugal. Esta é a nossa ressalva, mas como Portugal, por seu lado, goza de um tratamento especial no Mercado Comum, pensamos poder superar este ponto.»

O Acordo de Lomé, celebrado entre países industrializados e os da África, Caraíbas e Pacífico, foi considerado por Amaro da Luz como podendo «estabelecer uma nova relação de trocas entre países ricos e países pobres». «Embora seja fundamentalmente um acordo comercial, consagra também algumas disposições de cooperação técnica e financeira» — acrescentou.

AOS FABRICANTES NACIONAIS

Conceituada firma portuguesa, com rede de distribuição e vendas montada em todo o País, com amplo armazém e serviços administrativos servidos pela mais moderna técnica, aceita contactos com fabricantes nacionais para comercializar os seus produtos nos mercados interno e externo.

Resposta a este jornal, ao n.º 1650.

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DAS INDUSTRIAS DA PANIFICAÇÃO, PRODUTOS ALIMENTARES E AFINS

AOS TRABALHADORES DO SECTOR DA PANIFICAÇÃO

Ao abrigo das medidas de poupança de energia, decretadas pelo Governo, para as quais os trabalhadores não foram ouvidos nem achados, vem o patronato do sector da Panificação, numa atitude de puro oportunismo tentar levar os trabalhadores a alterar o horário de trabalho em vigor (Horário Diurno), pretendendo impor de novo o horário nocturno, visando assim destruir uma das mais caras conquistas que os trabalhadores da Panificação lograram obter, ao fim de tantos e tantos anos de luta, depois do 25 de Abril de 1974.

Para tanto, fazem as mais diversas ameaças, que vão desde a ameaça de despedimento colectivo, até à ameaça de não pagarem as horas de paralisação derivadas do corte de energia eléctrica (o que legalmente não é permitido, tendo mesmo o Ministério do Trabalho tornado público em recente parecer, em que declarava não ser permitido qualquer desconto na retribuição dos trabalhadores em virtude da paralisação decorrente do corte de energia eléctrica).

NÓS NÃO PERMITIMOS ESTA SITUAÇÃO. NÓS DIZEMOS NÃO AO OPORTUNISMO DOS PATRÕES. O HORÁRIO DIURNO ESTÁ EM VIGOR E É PARA SE CUMPRIR.

Não somos nós os responsáveis pelas medidas de recuperação Capitalista que o Governo toma e não poderemos ser nós a sofrer os seus efeitos, pois quem as tomou nem sequer nos ouviu. Ou será que se quer fazer esquecer que os trabalhadores são a mola real deste País?

Camaradas Trabalhadores da Panificação:

O HORÁRIO EM VIGOR É O HORÁRIO DIURNO — CUMPRAMOS ESSE HORÁRIO. É ESSE O MELHOR MEIO DE NOS OPORMOS AO OPORTUNISMO PATRONAL. UNIDOS, FIRMES E ORGANIZADOS VENCEREMOS.

Lisboa, 9 de Julho de 1976

O Secretariado

EDP — REDE DE DISTRIBUIÇÃO UEP-SUL

Restrições de energia — Cortes programados

DIAS 12 A 16 DE JULHO, INCLUSIVE

Avisam-se os Senhores Consumidores de energia eléctrica em AT e BT que na semana acima indicada os cortes de corrente programados realizar-se-ão no período das 14 às 17 horas, com os mesmos horários da semana anterior.

Para efeitos de segurança, o facto de as linhas serem desligadas não significa que não possam voltar a ser ligadas em qualquer momento, pelo que deverão ser consideradas permanentemente em tensão.

Pela Electricidade de Portugal
(UEP - Sul)

1 SEMANA EM LONDRES

FÉRIAS OU NEGÓCIOS

PARTIDAS em avião especial TAP; TODOS OS DOMINGOS

Junho	6, 13, 20, 27
Julho	4, 11, 18, 25
Agosto	1, 8, 15, 22, 29

Preços excepcionais desde 3.850\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação "Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu!"

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 • Telef. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Nacional

Qualidade de vida: um objectivo actual e para as gerações futuras

MARIA EDUARDA GONÇALVES

Recentemente, sobretudo entre sectores ligados aos meios conservacionistas e personalidades que se ocupam, no âmbito internacional, de problemas ambientais, houve a percepção clara de que, tanto a nível nacional como mundial, às autoridades responsáveis deveria ser atribuída uma obrigação especial, que ultrapassaria a que correntemente lhes é cometida em relação à preservação da qualidade de vida — o que implica a protecção do ambiente humano — das gerações actuais.

Não deverá ser esquecido que, se os produtos manufacturados, uma vez consumidos, podem novamente ser produzidos, certos recursos e condições ambientais, uma vez destruídos, não podem ser recriados. É o caso, por exemplo, de certas espécies biológicas, algumas das quais hoje extintas, ou de certas regiões, outrora férteis, e hoje desertifica-

das devido à acção do homem.

A irreversibilidade de recuperação deverá, assim, fazer nascer na consciência das gerações actuais o sentido da responsabilidade face às gerações futuras que sofrerão os efeitos dos actos praticados hoje, o que torna necessário um redobrar da atenção concedida à protecção dos recursos naturais e do ambiente, mesmo que tal atitude traga como preço uma maior austeridade e requeira uma nova concepção de vida.

O problema da protecção do ambiente tem sido, nos últimos anos, objecto de um activo debate, a nível de opinião pública, sobretudo nos países capitalistas altamente desenvolvidos, debate que, em certos casos, tem levado as entidades competentes à adopção de medidas de protecção, mas que, em última análise, encontram obstáculos na sua aplicação, devido às próprias característi-

cas do sistema.

Os valores em que se baseia a sociedade capitalista constituem pelas suas motivações, um obstáculo à luta pela protecção e melhoramento do ambiente humano. Isto porque a adopção de medidas de protecção de ambiente, como as dirigidas à regulamentação de processos de fabrico menos poluidores, instalações de depuração, etc., por representarem aumentos nos custos de produção, são contraditórias com um sistema que é dominado pelos interesses das empresas privadas e em que elas detêm considerável influência política.

Nas sociedades socialistas, verificou-se um debate idêntico em relação com os problemas de qualidade de vida resultantes do processo de desenvolvimento tecnológico e industrial nelas em curso. As medidas de conservação adoptadas parecem porém, terem maior probabilidade de vierem a ser postas em prática com eficácia, atingindo os objectivos que se propõem, dadas as características do sistema económico.

Efectivamente, só numa sociedade em que a colectividade apropriou os recursos, os meios de produção, os serviços, e a actividade produtiva é dirigida à satisfação das necessidades da comunidade, é possível assegurar um tratamento integral do problema e garantir que não serão adoptadas decisões que sacrifiquem aos interesses privados imediatos os interesses colectivos a longo prazo da comunidade.

Num sistema socialista, estão criadas as condições básicas para eliminar a contradição que, nas sociedades capitalistas, opõe a procura do lucro privado e do interesse individual, por um lado, e a qualidade de vida e a protecção ambiental, por outro.

O que está em causa é, efectivamente, um conflito de valores, valores que, na sociedade capitalista, orientados para a manutenção de um sistema de exploração do homem pelo homem, em benefício de uma minoria dominante, vão ao ponto de justificar o racismo, as guerras imperialistas de opressão, para que os países capitalistas desenvolvidos mantenham as suas taxas de crescimento económico e de consumo, à custa da força de trabalho e da exploração sem limites, das riquezas naturais, e da degradação do ambiente dos países subdesenvolvidos, sobretudo do Terceiro Mundo.

Ultrapassada a contradição entre o desenvolvimento económico e a protecção ambiental, em que cabe um papel importante às formas democráticas de participação, as autoridades responsáveis pelos destinos de um país deverão em cada caso concreto, fazer o balanço entre os benefícios do consumo de um determinado bem ou da prestação de um determinado serviço (o seu significado na satisfação das necessidades humanas) e os custos naturais e sociais da produção desse bem ou da prestação desse serviço.

As dificuldades crescem, porém, quando se pretende prever e tomar medidas adequadas, tendo em conta as suas consequências imediatas e as suas implicações no futuro; quer dizer, incorporando, entre outros aspectos, a ava-

liação das possíveis necessidades e valores das gerações futuras. Estas, provavelmente, exigirão um ambiente melhor que o actual, quer pelo seu mais elevado grau de cultura e generalização da consciência social, quer por ser seguramente superior a importância concedida aos valores estéticos e aos tempos livres.

Com a percepção colectiva do problema, surge a questão de saber a quem deverá ser atribuída a responsabilidade ou função de velar pelos interesses das gerações futuras, isto é, avaliar as consequências ou efeitos das acções de hoje, no futuro; portanto, em que medida elas irão afectar as gerações que não de vir. Torna-se urgente investigar, estudar e desenvolver métodos de avaliação de tais efeitos sobre o ambiente físico e social, antes de essas decisões serem tomadas, e os mecanismos apropriados para dar execução às medidas de conservação indispensáveis.

Por exemplo, relativamente

envolver-se no futuro (transportes de equipamento, vigilância, etc.). Em face dos massacres a que tais espécies estão sujeitas, em muitas partes do Mundo, quer como fonte de alimento, quer por interferirem com certas actividades de pesca, se não se actuar rapidamente no sentido da sua protecção e conservação e se permitir a sua captura e destruição em larga escala, limita-se ou impede-se mesmo a opção das gerações futuras quanto ao uso destas espécies para as actividades que mencionámos ou, eventualmente, outras ligadas à cada vez maior penetração do homem no meio marinho.

Com a progressiva aceitação de um conceito de conservação que incorpore o factor tempo, surge, com grande acuidade, a questão: quem vai assegurar a oportunidade de opções para o futuro? A quem vai ser atribuída tal responsabilidade? Sobretudo, que as gerações futuras não estão

tor» («Guardian»), criado recentemente na província de Ontário, Canada, com a função de defender os interesses dos que, de outro modo, não os poderiam defender, particularmente os jovens e os nascituros, isto é, as gerações futuras.

Para mais, deverá atentar-se em que, se os problemas relativos ao ambiente se colocam, com mais acuidade, em relação aos países desenvolvidos, com indústrias e tecnologias avançadas, colocar-se-ão, com igual pertinência, num futuro mais ou menos próximo, relativamente aos países menos desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento. Tais países estão, na maior parte dos casos, empenhados na realização de planos de desenvolvimento económico e, por outro lado, confrontam-se com a dinâmica do sistema económico mundial que leva os países mais desenvolvidos a instalarem algumas das suas indústrias mais poluidoras nos territórios dos países menos desenvolvidos, utilizando processos de fabrico que não tomam em devida consideração a necessidade de proteger o ambiente e recursos naturais da zona, por razões de lucro e de concorrência, como se assinalou atrás.

É, pois, indispensável que os governos das nações em vias de desenvolvimento, quando conscientes do problema; e em defesa dos interesses nacionais, incorporem a salvaguarda dos valores ambientais nos seus planos de desenvolvimento e nos acordos com investidores estrangeiros, tendo em conta, igualmente, os interesses das gerações futuras.

A nível internacional, a gestão racional dos recursos mundiais, aliada a objectivos de conservação do ambiente, nos seus vários enquadramentos, representa, igualmente, um elemento importante no estabelecimento de uma nova ordem económica mundial que, através de uma ampla cooperação e respeito mútuo, contribua para a redução das diferenças que historicamente se acumularam entre os membros da comunidade internacional.

A referência ao Programa do MFA e a disposição agora constante da Constituição da República (Artigo 66.º, n.º 4 — «Ambiente e Qualidade de Vida»), numa sociedade que se considera em fase de «transição para o socialismo», e em que se torna indispensável desenvolver a economia e criar novos postos de trabalho, cria uma grande responsabilidade para as autoridades e requer um debate activo com a participação de todos, para que se assegurem os objectivos de desenvolvimento, tanto económico como social, com respeito pela protecção da qualidade de vida dos portugueses, hoje e no futuro. E ainda, porque o fascismo, em que o poder político estava subordinado ao poder económico, e em que as leis ou não existiam ou não eram aplicadas devido às pressões dos grandes grupos monopolistas, deixou atrás de si exemplos escandalosos de degradação ambiental, a revisão da legislação e dos meios executivos, para além da tarefa de fundo que é a de criar uma nova mentalidade em face destes problemas, condição indispensável para uma participação democrática e consciente na sua solução.



Uma imagem dos nossos dias: poluição, neste caso pela nafta

ao uso e protecção dos oceanos, as organizações de pesca têm procurado assegurar a gestão racional e a conservação dos recursos vivos, tendo em conta as suas características biológicas, as inter-relações com o ambiente, para além das implicações económicas-sociais, por exemplo através de recomendações quanto às capturas máximas permitidas, recomendações dirigidas aos governos membros. Tais organizações regionais, assim como outras de natureza global, com os mesmos objectivos, são, porém, muitas vezes, sujeitas a pressões que, nalguns casos, vão em prejuízo dos princípios de conservação. Tal situação tem gerado crises, por vezes desastrosas, de que o caso das baleias é um exemplo actual e que tem ocupado as primeiras páginas dos jornais.

Apesar de tais pressões, os critérios de gestão e conservação têm sido objecto de debate pelos cientistas e círculos interessados, o que tem conduzido a novas formulações, algumas das quais com vista a que «uma larga diversidade de opções seja assegurada para o futuro» e a que «seja concedida uma margem de segurança», relativamente a variações imprevisíveis e deficiências na aplicação das medidas de conservação. Tais critérios poderão, logicamente, levar a restrições no uso dos recursos e, portanto, ter consequências de carácter económico-social no presente. A título de exemplo, recorda-se que foi possível desenvolver, nos últimos anos, formas de amestragem dos golfinhos, que permitem usar certas espécies para tarefas sub-aquáticas, tarefas que se prevê possam vir a de-

presentes para se manifestarem.

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente que teve lugar em Estocolmo, em 1972, desempenhou um papel determinante no esclarecimento e consciencialização mundial dos problemas de conservação, pois, para além de ter procedido a uma avaliação crítica das actividades das organizações nacionais e internacionais com competências neste domínio, abriu o caminho para novos conceitos e normas de protecção ambiental e de qualidade de vida.

Assim, começa a surgir a ideia da necessidade da criação de um mecanismo a nível internacional, por acordo entre os Estados, e de preferência dentro do sistema das Nações Unidas, cuja função seria a de avaliar as consequências de certas acções de hoje, no futuro. A criação de um «Protector Público» («Public Guardian»), completamente independente, dotado de autonomia administrativa e financeira, com o direito de ser informado das decisões dos organismos nacionais e internacionais, quando ainda em fase de preparação, com a faculdade de sugerir alternativas, sempre que essas decisões fossem susceptíveis de vir a afectar, significativamente, as potencialidades do ambiente e dos recursos, ou pôr em causa a viabilidade da própria vida na Terra.

Este projecto tem vindo a ser discutido a vários níveis, embora não tenha ainda sido objecto de debate formal no âmbito das Nações Unidas. No entanto, há já exemplos de acções tendencialmente deste tipo a nível nacional, designadamente, o caso do «Protec-

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARES AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 25-cave Lisboa-1 — Telef. 57 20 45

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

CAMARADAS:

Mantém-se o patronato na sua posição de não querer negociar

Rejeitando a proposta do C. C. T., apresentada pela Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins.

O patronato assumiu todas as responsabilidades que essa teimosia recusa, lhe possa acarretar.

Nós não podemos ficar de braços caídos e, como o **Patronato** mantém a sua recusa à proposta da Federação para encetarmos as negociações no dia 30 de Junho:

Só temos a opôr uma alternativa ante esta **teimosia** e **cobardia** dos patrões, **A NOSSA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO E, SEM PREJUÍZO DO POVO CONSUMIDOR DE PÃO, LEVARMOS DE VENCIDA MAIS ESTA BATALHA, QUE DECERTO IRÁ SER BEM DURA.**

ASSIM:

Convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o próximo Domingo dia 11 pelas 09.30 horas, a realizar na Sociedade de Instrução e Beneficência «Voz do Operário» na Rua Voz do Operário, n.º 13, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1.º — Apreciação da situação decorrente da rejeição do patronato em negociar a nossa proposta do C. C. T.
- 2.º — Estruturação das formas de luta a pôr em prática.

CAMARADA:

NÃO FALTES, MOBILIZA OS TEUS COMPANHAIROS DE TRABALHO SÓ COM A PRESENÇA DE TODOS SÓ VERDADEIRAMENTE UNIDOS E ORGANIZADOS, HOJE E SEMPRE, VENCEREMOS

Lisboa, 1 de Julho de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Ário das Neves Ribeiro

Trabalho

O CASO DO VIDREIRO ASSASSINADO

O réu continua com falta de memória

Uma vez mais na audiência de ontem do julgamento do caso do sindicalista vidreiro António Silva, assassinado na noite de 25 de Novembro passado, o réu, Ludgero Babo de Carvalho, manifestou estar com notável falta de memória. Para além de não esclarecer a finalidade das suas viagens a Espanha com as quais diz provar a sua ausência do país na noite do crime, não justificou o motivo do aumento de viagens — segundo o passaporte — entre Maio e Dezembro de 1975, em relação aos anos anteriores. Confronte observou o juiz, em 1973, o réu saía do país quatro vezes; em 1974, três, elevando-se para doze as saídas entre Maio e Dezembro do ano passado. Não se lembrava também o réu duma curta viagem de três dias que fizera a França, aventurando-se apenas a dizer que talvez tivesse sentido a necessidade de sair do país, todas aquelas vezes, devido à «saturação do ambiente». A propósito dos carimbos do passaporte através dos quais o réu justifica o seu alibi, o dr. Augusto Vieira observou que «a única vez que lhe puseram os quatro carimbos, foi precisamente no dia 25». E acrescentou: «O sr. fez dezoito viagens ao estrangeiro e só uma é que tem os quatro carimbos. É estranho».

Apesar dos esclarecimentos dados pelo réu a sessão de ontem foi preenchida com interrogatórios do declarante Franklin Augusto Dias, vice-presidente do Sindicato dos

Vidreiros, que na audiência anterior havia sido inequívoco e peremptório na identificação do réu como o assassino. O seu depoimento tem sido de tal forma importante que continuará a ser ouvido no 2.º Juízo Criminal do Porto, onde decorre o julgamento, na próxima segunda-feira.

Para além da reafirmação das declarações produzidas na audiência anterior, Franklin Dias introduziu ontem novos elementos sobre o caso. Indicou que outro indivíduo de apelido Vieira, residente na Av. Fernão de Magalhães, lhe garantiria ter visto o Ludgero nas imediações da Rotunda da Boavista, na noite do crime. Adiantou porém, que tal indivíduo se recusara a ir à P.J., na altura por causa de ameaças que lhe faziam. A estranheza do juiz-presidente sobre tal facto, o declarante afirmou: «O sr. dr. admira-se que ele tenha medo de dizer a verdade. Olhe, eu sei que por vir aqui, sou um homem liquidado».

Outros esclarecimentos prestados ao tribunal dão como ponto assente que só depois da explosão da segunda bomba na confeitaria Cunha, verificada em 13 de Janeiro, o sr. Valdemar, filho do proprietário daquele estabelecimento, referido pelo Franklin como tendo sido a pessoa que lhe forneceu a identidade do assassino, foi voluntariamente prestar declarações à P.J. isto em 26 de Janeiro, tendo porém, aos 14 de Fevereiro, escrito uma carta àquele polícia na qual se arrendia das declarações feitas anteriormente. Só depois deste facto é que o réu, preso em 22 de Janeiro, resolveu fazer declarações à P.J..

Num comunicado divulgado

pela U.S.P., denuncia-se o clima de ameaças e instabilidade que têm envolvido o julgamento que ainda ontem foi marcado por notória tensão entre a assistência.

Ex-administrador da Telecine

prepara regresso ao País e à empresa

«Sintetizando, diremos que o ex-administrador delega desta empresa fugiu há onde meses para o Brasil e agora se dá à veleidade de responsabilizar os trabalhadores por factos de que ele é inteiramente responsável». Esta afirmação dos trabalhadores da Telecine Moro (Sociedade Produtora de Filmes) foi-nos transmitida na sequência de uma carta assinada por mais de vinte daqueles trabalhadores, carta dirigida ao ministro da Comunicação Social e na qual se relatam recentes iniciativas do ex-administrador sr. Jorge Galveia Rodrigues. Em cartas provenientes do Rio de Janeiro, (da Avenida de Copacabana, mais exactamente) este senhor dirige aos trabalhadores graves acusações e insinua nomeadamente que não tardará o seu regresso à empresa e ao país que abandonou.

Por seu turno, na carta dirigida ao ministro da Comunicação Social, os trabalhadores, depois de recordarem terem solicitado há cerca de um ano a intervenção estatal na Telecine, com fundamento no facto de o ex-administrador «ter fugido para o estrangeiro, abandonando as obrigações e as responsabilidades que tinha para com a empresa e os trabalhadores», insurgem-se contra a circunstância de a solicitada intervenção não ter sido «inequivocamente aplicada» e consideram que «a total inacção do Ministério tem dado a lugar a factos intraduzíveis e graves», entre eles a ameaça do ex-administrador de responsabilizar os trabalhadores «por determinadas situações que se verificaram».

Manifestando a sua indignação perante o que se está a passar, os trabalhadores da Telecine terminam assim a carta dirigida ao ministro Almeida Santos: «É por demais evidente que responsabilizamos esse Ministério pela não aplicação da lei (decretos-lei números 660/74, 597/75 e 422/76) e mais uma vez exigimos, ao abrigo das referidas disposições, constitucionalmente tuteladas, que V. Ex.ª dê andamento aos extensos relatórios já entregues, que exaustivamente fundamentam o que aqui sinteticamente se reproduz.

INDUSTRIA CONSERVEIRA

"A exploração sem limites..."

«A nossa exploração não tem limites» este é um dos desabafos de todos os trabalhadores da indústria conserveira com quem falamos. São cerca de doze mil, 90 por cento dos quais são mulheres.

A partir de segunda-feira vai começar a 1.ª fase da sua luta pelo novo contrato de trabalho. «Os senhores industriais recusam-se a sentar-se à mesa de negociações. Vamos reduzir a produção, no dia 12, em cerca de 30 por cento. Aumentaremos todos os dias e não permitiremos a saída da produção».

A indústria conserveira está em crise. «Se está mal a culpa foi dos patrões. Não culpem os trabalhadores». E contam a exploração a que foram sujeitos. As mulheres iam para as portas das fábricas. «Ainda há barcos a pescar» diziam os patrões. Elas ali ficavam dias inteiros. Chegava-se ao fim-de-semana e não recebiam um tostão. Os homens trabalhavam horas sem fim. Um dia: 48\$00 «Mal dava para o café» — grito revoltado de um trabalhador presente, na conferência de imprensa que esta manhã se efectuou na Intersindical, e que começou a trabalhar com 10 anos. Hoje tem 61.

Depois do 25 de Abril a situação melhorou um pouco. Aos homens foi garantido um

horário de 45 horas por semana. Mas às mulheres, mais de 90 por cento do pessoal, ficaram com 8 meses a 32 horas por semana e 4 meses a 24.

Lutam, neste novo contrato, por a garantia das 45 horas semanais para toos. Um salário médio de 5.750\$00. Dois anos depois do 25 de Abril, as mulheres ainda levam para casa, 2.600\$00.

O Ministério do Trabalho está a par da situação. Mas ainda não actuou. «Quanto à Secretaria de Estado das Pescas, há dois anos que ouvimos promessas».

É evidente que a indústria conserveira está em crise. Um dos motivos consiste na falta de matéria-prima. O peixe que aparece na loja ainda continua a ser vendido pelo velho processo: O leilão. Quem dá mais? As indústrias conserveiras não têm viabilidade económica. Nas fábricas, os trabalhadores estão de braços cruzados. Os patrões não aparecem. Os salários não chegam. A vida aumenta.

ROLSOL

Ministério convoca trabalhadores

Enquanto o patrão da Rolsol (Porto) continua no Brasil, os elementos seus efeitos movimentam-se no sentido de evitar que a solução preconizada pelo Sindicato do Vestuário do Porto (e apoiada por muitas operárias) para o conflito — intervenção estatal — seja satisfeita.

Como é sabido, o caso Rolsol é extremamente complexo, pois os trabalhadores encontram-se bastante divididos. Numa das fábricas — a de Erme-sinde (onde estão pessoas da extrema confiança do patrão)

os trabalhadores são pelo regresso de Amadeu de Vasconcelos. Um elemento da Administração, da confiança do patrão, pretende mesmo manobrar os trabalhadores no sentido de isolar esta unidade fabril das outras duas, onde os trabalhadores não defendem essa posição.

Entretanto, convocada pelo Ministério da Indústria e Tecnologia, realiza-se em Lisboa, na próxima semana, uma reunião entre o Ministério e grupos de trabalhadores eleitos nas várias fábricas.

NA MADEIRA

Trabalhadores da panificação contra Junta

Decidiu a Junta Administrativa e de Desenvolvimento da Madeira, por despacho datado de 30 de Junho último, que, «enquanto não for apurado o resultado de um inquérito mantém-se em vigor o horário actual da confecção e distribuição de pão». Isto significa que a Junta deliberou o exercício do horário nocturno, contrariando a portaria de 15 de Dezembro de 1975, publicada no boletim do Ministério do Trabalho, na qual se estabelece que o horário de trabalho para a indústria de panificação seja, transitoriamente, diurno.

O Sindicato dos Operários e Empregados da Indústria de Panificação e Alimentar do Funchal tomou imediata posição contra o despacho da Junta, considerando nomeadamente que «estamos frente a uma anárquica deliberação, pois o Governo da República Portuguesa manda uma coisa e a Junta Regional delibera outra que lhe é contrária». Por outro lado, o Sindicato lembra que a Constituição prescreve, no art.º 230 que «é vedado às regiões autónomas restringir os direitos legalmente reconhecidos aos trabalhadores».

A Federação dos Sindicatos do ramo, a propósito da situação enviou uma carta ao Conselho da Revolução na qual, manifestou já o seu apoio à posição dos trabalhadores da panificação da Madeira.

E P A L

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE 2 500 000 KG DE SULFATO DE ALUMÍNIO EM PEDRA

ANÚNCIO

Faz-se público que no próximo dia 30 de Julho de 1976, pelas 15 horas, se procederá na Sede da EPAL, na Avenida da Liberdade, 22, 1.º, à abertura das propostas recebidas até às 17 horas do dia 29 de Julho.

O programa do concurso e o caderno de encargos encontram-se patentes na Secção de Compras, Avenida de Berlim, aos Olivais, onde se prestam quaisquer informações.

Lisboa, 9 de Julho de 1976

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Vogal da Comissão de Fiscalização

António Malta

E D P

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL

EMPRESA PÚBLICA

Redes das Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO IMPORTANTE

RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Informamos todos os consumidores dos Concelhos abaixo indicados, que se mantêm as condições que levaram a proceder a interrupções no fornecimento de energia eléctrica nas redes de distribuição de alta e baixa tensão.

Assim, de 2.ª feira dia 12 até 6.ª feira dia 16, inclusive, essas interrupções serão escalonadas como a seguir se indica, salvo casos de força maior:

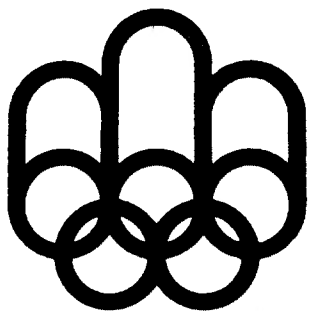
Das 15.30 às 17 horas

Concelhos de Lisboa e Loures

Das 14 às 15.30 horas

Concelhos de: Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cascais, Cartaxo, Mafra, Oeiras, Santarém, Sintra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

Chamamos, no entanto, a atenção dos consumidores para a necessidade de serem tomadas as precauções anteriormente divulgadas, a fim se evitem possíveis acidentes.



A sete dias da edição 21 dos Jogos Olímpicos, o apoliticismo que deveria presidir ao conclave está novamente calcado, fazendo em pó, cinza e nada o ideal de Coubertin.

Canadá é, assim, o fulcro, o bastidor em que se movem os mais estranhos e asquerosos interesses, a diplomacia a fazer o jogo sujo dos corredores e as palavras ameaçadoras a erguerem o tom em pouco veladas ofensas a Povos que, por fatalismo ou impotência, estão na mão de titeres ou visionários.

Mas, os Jogos não serão apenas isso: o nojo, a vergonha, a impureza. Servirão (igualmente) para revelar novos monarcas das pistas e das piscinas, dos pavilhões e dos ginásios, dos relvados como das águas. Nomes que irão juntar-se a Paavo Nurmi e Jess Owens, Jim Thorpe e Weissmuller, Schollander e Spitz, Shane e Vera, às Press e aos Inzeo. Parceiros para, em museus de cera ou com as efígies em moeda cunhada, fazerem parilha com o ineluz Bikila ou com a triunfante Blankers-Koen. Lendas e histórias que irão, direitinhas para as bibliotecas, com as imagens dos rostos e das atitudes fulgurantes a correr por aí, vídeo para vídeo, as proezas cantadas e dissecadas por milhares de «experts» e também por muitos que de nada percebem.

Contada a história da intervenção portuguesa em Jogos Olímpicos (sintetizada em um morto, duas medalhas de prata e cinco de bronze) é forçoso retomar o fio a outra cantiga: a que bem sorriu a países apetrechados, em potencial humano e em disciplina desportiva, para encaminhar ao melhor porto as suas pretensões olímpicas.

Recapitulemos um ponto de paragem no desfile: Estocolmo, 1912, em balanço 4742 concorrentes. Principiou a disputar-se o pentatlo, o decatlo entrou (também) no calendário dos festivos Jogos. E surgiram, do mesmo modo, novos aliciantes: as estafetas 4X100 e 4X400, em atletismo. Nos norte-americanos, um gritante caso de vergonha: o racismo de determinado treinador fechou na cabina, minutos antes de poder ascender à final dos 100 metros planos, um concorrente negro.

Não podia admitir um preto como campeão olímpico — confidenciou o sujeito, ao desembarcar em Nova Iorque, sem qualquer punição...

Mas, os Jogos de Estocolmo não foram somente isto: bateram-se mais recordes mundiais (cinco homens fizeram-no nos 800 metros), um príncipe havaiano (Duke Kahanamoku) foi o melhor nadador em 100 metros livres, um sul-africano (Rudolph Lewis) pedalou durante

300 km e conquistou uma medalha de ouro.

NURMI

Passariam oito anos até surgir nova Olimpíada: Berlim, escolhida para local das provas (em 1916) viu a confraternização adiada pela Guerra Mundial. E foi em Antuérpia (1920) que os Jogos prosseguiram. Vinte e seis países acorreram, com 2741 atletas: pela primeira vez os cinco anéis olímpicos ondularam em estandarte ao vento. Um emblema que corria os tempos: círculo azul (Europa), amarelo (Ásia), negro (África), verde (Oceânia) e vermelho (América). A política perfeitamente envolvida nos Jogos: a Alemanha e os seus aliados, de cabeça tombada pelo desaire guerreiro, não foram autorizados a estar na liça.

Os Jogos iriam prolongar-se por dois meses: vela, tiro e ciclismo chegaram a ser cumpridos antes do desfile inaugural, o que bem reflecte o pandemónio organizativo, que se prolongaria pelo total divórcio do público face a um espectáculo que não sabia como estava no seu calendário. Paavo Nurmi foi o grande monarca dos Jogos: gelado, sem nervos, esse finlandês quase a passar despercebido no meio da multidão arrebataria a prata dos 5000 metros e o ouro que premiava os sucessos nos 10 km e numa

prova de corta-mato.

Os EUA vingaram-se graças a um «sprinter» fabuloso: Paddock, o primeiro homem a correr 100 metros em 10,2 s. E uma miúda de 13 anos (Allen Riggan, também dos «states») deslumbrou em mergulhos para a piscina. No resto, houve futebol (Zamora nas redes de Espanha, para um 2.º lugar), um italiano espantoso em esgrima (Nedo Nadi, cinco medalhas de ouro) e o abandono de campo pelo «team» da Checoslováquia, na final de chuto na bola, só porque um colega fora justamente expulso pelo juiz.

«TARZAN»

Com o assombroso Weissmuller, os Jogos voltaram a Paris, corria docemente o 1924: a 5 de Julho, 3092 atletas, defendendo as cores de 45 países, confrontavam-se em 19 desportos. Insólito: ainda (e apenas) havia 136 presenças femininas.

Novamente o colossal Paavo Nurmi a morar na galarim: medalhas de ouro em 1500, 3000 (equipas), 5000 e corta-mato. Terminava as estafetas galopadas e continuava imperturbável: triste, apagado, ensimesmado, fechado num mundo não compartilhado com mais ninguém.

Um padre londrino (Liddell) venceria os 400 metros: mas a sua militância, o respeito que

Os grandes monar

esse inglês consagrava aos domingos, não o «autorizou» a correr a estafeta de 4X400, impedindo (desse modo) que a Grã-Bretanha subisse a novo «podium». Para além disto, um norte-americano impressionante: medalha como primeiro em 100, 400 e 4X200 metros livres, um nadador de nome Johnny Weissmuller iria aproveitar a fama para se tornar o mais famoso intérprete de «Tarzan», na grande tela branca. Já agora acrescentemos que, em remo, o sr. Jack Kelly (norte-americano, pois então) alcançaria o título em «double-sculls»: Kelly, anos depois o progenitor de Sua Alteza Sereníssima Grace do Mónaco.

JAPONESSES

Amsterdão, 1928: 46 bandeiras, 3905 participantes. Nurmi ainda mais sensacional: 2.º nos 5 km e nos 3000 obstáculos, iria vencer os 10 mil metros. Foi o primeiro ano em que apareceu o facho olímpico vindo de Olímpia após atravessar a Grécia, Jugoslávia, Áustria, Alemanha e Holanda. Pierre de Coubertin disse adeus ao penacho: Baillet-Latour ficou no trono, imediatamente abrindo as portas do atletismo às praticantes femininas. Trinta medalhas foram para os alemães (223) novamente readmitidos na festa da paz e amizade.

Weissmuller continuou como vedeta. O primeiro triunfo de japoneses (Tsuruta nos 200 metros livres, Oda no triplo-salto) abriu um capítulo que teria brilhante continuidade. E valerá a pena recordar o 3.º lugar dos espadistas portugueses: a fuga ao conformismo que quase sempre rodeou as nossas missões aos Jogos.

O ano da fantochada: 1932. Los Angeles, as norte-americanas ricas doidinhas para provarem o paladar dos jovens e garbosos europeus escorreiros. Somente 29 países, 1048 concorrentes: no meio dos Jogos o assédio aos rapazes era tão escaldante que foi inventada a «Aldeia Olímpica», com a malta lá encafuada, tal como num presidio. E, para mais cerrar o panorama, bateria o 1936 à porta, com o «Terceiro Reich» e o famigerado pintor de tabuletas a quererem (já) dominar o Mundo.

Aí, em Berlim, surgiu um negro de assombro: Jess Owens. Venceu quatro disciplinas (100 metros em 10,3, 200 em 20,7, saltou 8 metros e seis centímetros em comprimento, ajudou ao brilhante na estafeta 4X100) e saiu do estádio entre uma auréola de luz, depois de ver Hitler, furibundo, retirar-se apressadamente da tribuna, chispando ódio porque, lá em baixo, um negro estava a ser vitorioso.

FANNY

Doze anos seriam necessários para os Jogos voltarem e subir a um palco: a Guerra, o seu fantástico cortejo de desolação e morte, terminara havia pouco quando, em 1948, já sacudida da «blitz», Londres baixou a ponte levadiça e saudou os 4468 atletas, de 59 capitais. A Alemanha e o Japão ficaram na peneira, banidos do abraço. E a URSS (vinte milhões de mortos) estava de luto e recusou o convite.

A grande «estrela» dos Jogos foi uma mulher: a professora holandesa Fanny Blankers-Koen, com quatro medalhas do metal mais caro (100, 200, 80 barreiras e 4X100). Treinada pelo marido, Fanny iria dar a volta ao Mundo como melhor exemplo de emancipação e fuga à tutela do «parece mal».

Aconteceu, também em Londres, que surgiu em checo primoroso: Emil Zatopek, o tal que parecia ir morrer em cada passo que faltava, tal era o rictos de amargura e desespero dor e lamento que transportava na face precocemente envelhecida. Venceu os 10 mil, foi 2.º nos 5000 e ameaçou a verdade: o seu reinado seria deslustrante.

Houve, igualmente, um matulão de 17 anos (Bob Mathias) a ganhar o decatlo como bem lhe apeteceu: descendente de portugueses, Mathias fez questão de, mais tarde, actuar em Portugal: e o Estádio de Alvalade quase esgotou a lotação na tarde quente em que ele se exibiu para amigos do Atletismo.

ZATPEK

Se, em 1948, tínhamos obtido a 3.ª medalha de cobre (Hipismo, por Silva Pais, Mena e Silva, mais Valadas), os de 52, em Helsínquia (5867 atletas, 69 países) serviram para ficarmos no tinteiro.

Tornaram a desfilar atletas da Alemanha e do Japão. E, quebrando um silêncio de 35 anos, apareceram os russos. Nurmi foi apoteoticamente distinguido: com o facho na mão, seria o primeiro a entrar no estádio olímpico. Depois, a Finlândia daria uma torrente de aplausos a Zatopek (vitórias nos 5 e 10 mil metros, mais na maratona). E, caso insólito: no exacto momento em que sua mulher (Zatopkova) lançava o dardo a 50,47 metros de distância) Emil entrava na pista, corrida a maratona. Foi uma pausa para lágrimas em muitos rostos sensibilizados.

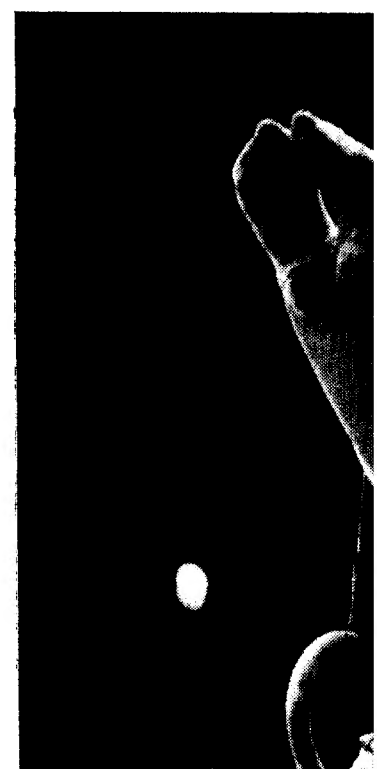
Bob Mathias reembolsava o título no decatlo. O pai do nadador francês Jean Boiteaux vê o garoto vencer os 400 metros livres e, em corrida desenfreada, atira-se vestido de seda para a piscina. Em pugilismo, uma nota diferente: o sueco Ingmar Johansson, atinge a final de «pesados» mas, ao ver o adversário que lhe batia à porta (o hercules norte-americano Sanders) desistiu e fugiu para a cabina, por entre o gáudio espantado da plateia. Anos decorridos, já sem medo, Ingmar seria um (discutidíssimo) campeão mundial...

Passemos adiante: não sem antes registar que, nas competições ciclistas, apareceram dois nomes que não lograram, de imediato, qualquer projecção. Um, chamava-se Jacques Anquetil: ficou em 12.º posto, na corrida de estrada. Outro (Rik Van Looy) era desclassificado por ter feito meio fundo atrás de um veículo.

KUTZ

Em 1956, os Jogos dividiram-se: Hipismo em Estocolmo, o resto em Melbourne. Henrique Calado seria 8.º na Suécia: nada mais por estas bandas.

Bob Morrow, estudante nor-



Nikolai Andrianov, estudante antiga cidade russa de Vladivostok, em 1975 (Berna) titular mundial.

te-americano (21 anos) foi o rei do «sprint»: 1.º nos 100 e nos 200, melhor tempo na vencedora estafeta de 4X100. Bob Richards (padre protestante) pulou 4 e 56, com uma vara. Parry O'Brien atirou o peso a 18,57 m. E, então, surgiu um russo privilegiado: bate os «records» mundiais dos 5 e dos 10 quilómetros e lança a sua identidade (Vladimir Kutz) por terras e ventos.

Um brasileiro é o melhor no triplo (Ademar Ferreira da Silva 16,35 m.). Dumas (USA) salta 2 e 12 em altura; o compatriota Bell alcança 7 e 83 no comprimento. Um francês quase desconhecido triunfa na maratona: era Mimoun. O basquete americano sobe no mastro de honra. D'Orliola continua o esgrimista mais elegante e certo. E, quebrando o imaginado, a URSS, a Jugoslávia e a Bulgária apresentam os melhores «teams» futebolísticos.

A australiana Fraser é a nadadora mais rápida: japoneses arrebatam diversas medalhas masculinas. Melbourne foi, afinal, um cosmopolita cenário em que apetitosos prémios foram para a gente da área.

WILMA

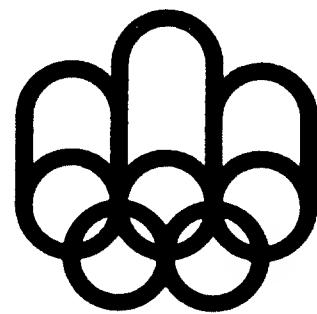
Roma, 1960: dezasseis séculos depois de Teodósio ter votado os Jogos ao ostracismo, eles entram em Itália. Oitenta e quatro emblemas nacionais: 5396 atletas a mostrarem os seus méritos.

Harmin Hary, o alemão relampejante, faz 10 segundos nos 100 metros, logo após duas falsas partidas. O italiano Livio Berruti espalha o delírio: é o primeiro nos 200 metros, batendo por um peito Carney, cujos compatriotas tirariam desforra nos 110 barreiras, colocando-se nos três postos de vanguarda (Calhoun, May e Jones) e batendo o alemão Martin Lauer, que era recordista mundial e favorito a cem por cento.

Aliás, isto de recordistas mundiais teve que se lhe dis-



O inglês Foster, o norte-americano Frank Shorter e o finlandês Tapio Kantanen. Três homens de vanguarda no Atletismo mundial: Foster irá aos 5 e 10 quilómetros de Montreal, Shorter vai correr a maratona e Kantanen alinhará também nos 10 mil metros.



rcas olímpicos

NEVES DE SOUSA



Na Faculdade de Educação Física do Instituto Pedagógico na idade de 23 anos. Várias vezes campeão da URSS, titular europeu olímpico (Munique). O melhor ginasta de sempre em paralelas, argolas e exercícios livres.

sesse: ao contrário do germânico, o australiano Herbert Elliot siderou o seu máximo nos 1500 (fazendo 3. 35,6) à custa de uma lebre francesa (Bernard) que deu tudo por tudo no quilómetro de abertura e desmaiando, esteve seis dias em coma num hospital romano.

Falemos, todavia, de mais «gigantes». Bill Nieder, com 19,68 m. no arremesso da esfera de sete quilos e a bater levemente os compatriotas O'Brien e Dallas Long. O melhor atirou a bolinha 57 cms. à frente de O'Brien: entrevistado por uma legião de repórteres, declarou imediatamente que iria ser pugilista profissional. Afinal, não passou do zero: no quinto segundo do 1.º round do seu combate de estreia, apanhou um «uppercut» na ponta do queixo e foi parar aos anjinhos.

Houve finais empolgantes, arrebatadoras: Ralph Boston, Robertson e Ted Ovanessian saltaram para além de oito metros, em comprimento. Os soviéticos Shavlakadze e Valery Brumel, utilizando o estilo ventral saltaram 2 e 16 em altura, batendo (por dois centímetros) o rolamento californiano de Thomas.

Mas (perdoem os contraditores) a fama maior dos Jogos de Roma foi para a gazela negra Wilma Rudolph, a mulherzinha frágil e nervosa que, com quatro anos de luta contra a poliomielite, saiu do tabuleiro para uma fantástica luta de sobrevivência: à custa do Atletismo iria vencer a doença e, inclusive, tornar-se personagem lendária, graças a três medalhas de ouro logradas aos 19 anos de idade.

Vem, depois, o fanatismo, a exacerbada luta pela hegemonia, o patriotismo triunfalista e pecaminoso: Farrell, um norte-americano, recém operado pênide, é obrigado pelos seus mentores a nadar um percurso da estafeta 4X200, com a barriga envolta em ligaduras e ainda mal-cosida. Uma medalha de ouro valia mais que o

sacrifício de um homem.

Mas, houve mais casos, em Roma. Tristes: como o do falecimento do ciclista dinamarquês Jenssen, vítima de «doping» em plena pista. Alegres: como os méritos dos irmãos Inzeo, os dominadores em Hipismo. De sensação: o aparecimento de um latagão apelidado de Cassius Clay, que esmurra paulatinamente o polaco Pietrzykowski e se torna campeão olímpico em «meios-pesados». Confortáveis para nós: os manos Belo no 2.º lugar, em «stars». Assarapantantes, como o daquele russo chamado Jousi Vlasov que em três movimentos levantou acima da cabeça 537,5 kg. Entre os 5396 atletas de 84 países, ele foi (na verdade) personagem de respeito.

BIKILA

Tóquio, 1964: 94 bandeiras, cinco mil e 500 desportistas. Chuva quase todos os dias, nos primeiros Jogos vividos em terras da Ásia.

Mesmo assim, 33 «records» mundiais seriam atirados para o esquecimento e três outros igualados matematicamente. Os norte-americanos exibiram um naipe portentoso de nadadores: nove medalhas de ouro, cinco de prata e cinco de cobre, só para os homens, enquanto as raparigas embolsavam sete de ouro, cinco de prata e seis de cobre. Don Scholander, Graff, Clark fixam-se como (os «heróis») da piscina apenas dividindo o prestígio com a gentil australiana Dawn Fraser.

Despistou o pugilista Joe Frazier (ouro em «pesados»), o «sprinter» Bob Hayes conseguiu fazer 100 metros em 10 segundos electronicamente perfixos, o neozelandez Peter Snell corre os 800 em 1 m. 45,1s e o quilómetro e meio apenas em 3.38,1. A Tunísia surge: Gamoudi apenas é ultrapassado por Mills, nos 10 qui-

lómetros. O belga Roelants salta para as colunas dos jornais: o novo máximo olímpico, nos 3000 obstáculos. O etíope Abebe Bikila (que entraria no Estádio Olímpico de Munique já entrevado, numa cadeira de rodas) prolonga o maravilhoso triunfo na maratona de Roma, fazendo os 42 quilómetros 195 metros ainda em melhor tempo (2h. 12m. 11,2 s., «record» mundial).

Para além disto, um finlandês (Nevala) atira o dardo a 82,66m. Um soviético (Klim) arremessa o martelo a 69,74 m. O britânico Davies salta 8 metros e sete, enquanto o russo Brumel pula 2 e 18. Cinco metros e 10 (Hansen) passa a ser o ponto mais alto de um corpo em salto com vara, ao mesmo tempo que o polaco Schmidt faz 16,85 no tripo pulo.

Um punhado de rainhas dos Jogos: a romena Yolanda Ballas (1 e 90 em altura), a inglesa Rand (6 e 76 no comprimento), a soviética Tamara Press (18 e 14 no peso), e 57,27 no disco), a irmã Irina (5246 pontos no pentatlo), e os lutadores japoneses a mandarem em tudo e todos. E um halterofilista soviético (Jabotinski) a levantar 572,5 quilos. E o italiano Mattarelli a espatifar 198 dos 200 pratos que foram ao ar à frente da sua carabina. E o belga Seru a ganhar o quilómetro ciclista contra-relógio em um minuto e nove segundos. Os indianos e os paquistaneses com a supremacia no hóquei em campo, tal como os japoneses no Judo.

Tóquio: uma etapa de fascínio nas Olimpíadas, erguera um feixe de nomes para o centro da luz.

VERA

México, 1968: Jim Hines com 9 e 9 nos 100 metros, Tommie Smith com 19,8 nos 200, Lee Evans com 43,8 nos 400, Doubel com 1.44,3 nos 800, o queniano Kipchage Keine com 3.34,9 nos 1500, Gammoudi a vencer os cinco mil e Naftali Tamu a chegar do Quênia, em bicos de pés, para lograr o título nos 10 mil.

E os «records» a ficarem pelo solo: Willie Davenport com 13,3 em 110 barreiras, Dave Hemery com 48,1 nos 400 também com obstáculos. O tal «Fosbury Stile» (2,24 em altura), o decantado Beamon com 8 e 90 no comprimento, Saneiev com 17 e 39 no tripo, 5 e 40 na vara para Seagren, os 20 e 54 no peso (para Matson), os 64,78 no disco (Oerter), os 73,36 no martelo (Zsivotsky), os 90,10 no dardo (Lusis), os 8193 pontos no decatlo (Toomey). Uma hecatombe.

Raparigas? Fantásticas. A menina Tyus a fazer os 100 metros em 11 segundos e a peralta Irena Kirszenstein com 22,5 nos 200. Mais: a romena Viorica Viscopoleanu (6,82 em comprimento), a compatriota Lia Manoliu (58,28 no disco), a húngara Angela Nemeth (60, 63 no dardo).

Zoetmelk faz equipa com Den Hertog, Krelaks e Pijnen, para dar à Holanda a medalha de ouro nos 100 quilómetros ciclistas. Vera Caslavskaya apaixonou o Mundo com o seu romance de amor e com o pictórico das suas atitudes ginásticas. Roland Matthes, Mi-

chael Wenden, Michael Burton, Debbie Meyer: os soberanos da piscina, onde aparece Spitz a integrar os quartetos norte-americanos que são os melhores na estafeta por estilos e nos percursos de 200 livres. A URSS dominou em voleibol: os Estados Unidos em basquetebol. Uma vez por todas, as Tordasilhas estavam aceites.

MASSACRE

Veio Munique: Mark Spitz e Shane Goul, Borzov e Faina Melnik. Todo um cortejo de «astros». Mas, lamentavelmente, o grande acontecimento transcendeu a simples citação de nomes e números. Foi o ataque dos palestinianos à Aldeia Olímpica, o sequestro e (posteriormente) a morte de larga fatia da delegação israelita. A fuga para o aeroporto militar, os polícias e os cães aticados, os compromissos a não serem respeitados: 18 cadáveres ficaram por terra, ossos e carne amalgamados, o sangue a escorrer, o Mundo enlutado, boquiaberto, aturdido. Dai que Munique, o massacre e a violência, tivesse ficado como algo de inultrapassável na memória do repórter: primeiro, debruçado do varandim da torre onde se albergavam os atletas portugueses espreitando a largada do grupo; depois, em corrida louca até junto dos portões do Aeroporto, para onde tinham voado os helicópteros com sequestradores e reféns, tudo isso em dúzia e meia de horas em que o bom do Eduardo Gajeiro, parceiro de toda esta aventura, disparou centenas de vezes o batalhão de máquinas que trazia ao peito.

Depois, foi o regresso a penates, ao Centro Press, às condolências de Brandt e aos crepes em todos os olhos. Ainda hoje (e para sempre) a arrancarem um momento de reflexão e silêncio a quantos estiveram a poucos metros do drama.

POLÍTICA

Deixemos para lá a saudade: hoje, o Mundo vai a caminho de Montreal, com o Canadá de braços abertos, para saudar as visitas, os amigos. Formosa ou China? China ou Formosa? Sim ou não à África do Sul? Nova Zelândia de fora?

Um boato, uma verdade, tudo em cada volta do ponteiro. E, no meio disso, a única verdade: os grandes campeões de 21 disciplinas desportivas estão «au-point» para o dedo no gatilho e o arranque vertiginoso até às suas metas. Ouro, prata e bronze é, olímpicamente falando, o prémio cobinado: mas, todos sabemos como é «amador» o futebol de certos países, como são «estudantes» esses recordistas que esmagam com suas proezas o mortal comum. Em Montreal, tal como sucedeu outrora na Grécia ou em 1972 na ensanguentada Munique, os países vão lutar por sua dama (a bandeira) num envolvimento de políticas que têm de fazer vencer, em diversas coordenadas terrestres, como é poderoso e sadio o potencial humano de várias latitudes, sempre a degladiarem-se em jogos de paz fictícia, em duelos furibundos onde os cavalos nascem e crescem para ser abatidos sem piedade.



Victor Sanéev: aos 30 anos, a hipótese de um «tri» olímpico consecutivo, no triplo salto. A melhor marca deste atleta de Abjazia (República Autónoma da Costa Caucásica do Mar Negro) é de 17,44 m. Engenheiro agrónomo, Sanéev foi medalha de ouro nos Jogos do México e de Munique.



Gu Drut: da França, talvez o campeão olímpico dos 110 m barreiras



Kornelia Ender: 17 anos, pequenina como uma boneca. É (apenas) detentora de 17 «records» mundiais de natação. Nascida em Bitterfeld (Alemanha Oriental), está noiva do campeão olímpico Roland Matthes e estuda Pediatría.



Lasse Viren: o campeão finlandês que detém o melhor tempo mundial do ano na prova dos 10 quilómetros.

Estrangeiro

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

EXPOSIÇÃO DA JUVENTUDE DA URSS

Até ao dia 18 do corrente, realizam-se, em Lisboa, na Sociedade Nacional das Belas Artes, das 16 às 23.30 horas, diversas exposições da Juventude da URSS.

O calendário das exposições, é o seguinte:

PERÍODO	TEMAS
7 a 11, inc.	Juventude e o Trabalho (*)
12 a 15, inc.	Ensino, Ciência e Técnica
16 a 18, inc.	Paz, Amizade e Solidariedade

Sábado, dia 10, às 21.30 horas, no Teatro Trindade será exibido um Filme. Na Primeira parte, uma série de documentários sobre a Juventude Trabalhadora na URSS.

Na segunda parte, uma Banda Desenhada.

A ENTRADA É GRATUITA.

(*) Haverá um convívio cultural.

Lisboa 8 de Julho de 1976

COMISSÃO DA JUVENTUDE METALÚRGICA

Teatro LAURA ALVES

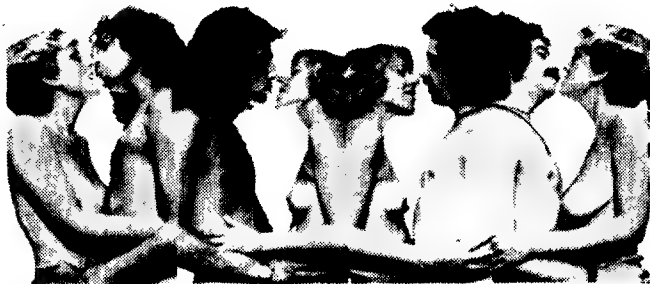
RUA DA PALMA — TEL. 864756

DENTRO DE HORAS ESTREIA

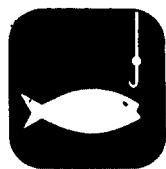
DA SEXACIONAL COMÉDIA

Interdito a menores 18 anos

VAMOS TROCAR DE MULHERES?



COM BADARÓ, JÚLIO CESAR, FERNANDA FRANCO, FÁTIMA SEVERINO, CARLOS RUSA, JOÃO RODRIGO, LIA SAMA E HENRIQUE SANTOS. ■ MODELO STACEY DAVIES. CONTEM CENAS EVENTUALMENTE CHOCAANTES



DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4\$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

ARGENTINA

Milhares de refugiados políticos esperam poder deixar o país

Sessenta chilenos e uruguaios refugiados na Argentina iniciaram a 6 de Julho uma greve da fome e reclamam a sua transferência para outro país. O grupo, de que fazem parte, entre outros, quinze crianças e dois inválidos, está instalado num hotel do centro de Buenos Aires sob a protecção do alto-comissariado das Nações Unidas. Outros refugiados chilenos pediram asilo, a 5 de Julho, à Embaixada de França, mas, a conselho do encarregado de negócios, aceitaram regressar aos seus domicílios. Há, no entanto, vinte e sete chilenos na Embaixada do Canadá, e cinco na de Itália.

Buenos Aires Reina grande inquietação entre os milhares de refugiados, na sua maioria chilena mas também uruguaios e bolivianos. Alguns estão mesmo tomados de pânico. Sabem agora que o Governo argentino está resolvido a mandá-los embora. Os funcionários do ministério do Interior não o escondem ao representante do alto-comissariado para os refugiados em Buenos Aires. No entanto, ainda não ousaram manifestar publicamente aquilo que dizem em privado. O único membro do governo que deu uma opinião acerca dos refugiados foi o ministro da economia. Eles têm por vezes

actividades terroristas e causam-nos por isso grandes problemas, disse José Martinez de Hoz.

O príncipe Sadruddin Aga Khan, alto-comissário das Nações Unidas, protestou contra tal declaração, mas o ministro não se retratou.

O roubo de uns dois mil «dossiers» na sede da comissão coordenadora de auxílio aos refugiados, a detenção quase consecutiva, a 11 de Junho, de vinte e sete refugiados que foram vítimas de sevícias, vincularam a urgência do «problema». Devido à intervenção pessoal do general Jorge Videla, presidente da República, os vinte e cinco detidos foram postos em liberdade. Mas as perseguições continuaram.

No alto-comissariado assinala-se que mais quatro chilenos foram presos e torturados antes de serem postos em liberdade. Teriam sido ameaçados de morte se não abandonassem o país dentro de quarenta e oito horas. Um deles, que se apresentou em várias embaixadas, tem graves queimaduras na cara. Vários uruguaios foram presos nos últimos dias, entre eles dois dirigentes sindicais: Gerardo Gatti, um dos fundadores da Central Nacional dos Trabalhadores (CNT), e Hugo Mendez, tal

como um jornalista, Henrique Rodríguez Larreta, antigo dirigente estudantil. A lista dos refugiados assassinados (uns vinte) ou desaparecidos nos dois últimos anos, cresce rapidamente. Os refugiados assediavam constantemente o escritório do representante do alto-comissário, na esperança de obter um visto. Por vezes acusado de inércia, o representante e os seus colaboradores longamente de ser inactivos. Eles dependem, porém, da boa vontade da comunidade internacional. Desde 24 de Março, data do golpe de Estado, que só puderam resolver os «casos» de cento e setenta e três refugiados e suas famílias, quinhentos e quatro pessoas, ao todo, que foram encaminhadas para vários países, principalmente a Bélgica, o Canadá, a França, a Grã-Bretanha, a Noruega, o México, os Países Baixos, a Suécia, a Suíça e a Venezuela. O príncipe Sadruddin Aga Khan acaba de fazer um apelo a uns trinta governos pedindo-lhes que acolham num futuro imediato, pelo menos mil refugiados. O representante do alto-comissariado em Buenos Aires fez uma lista dos «casos urgentes» que compreendem os refugiados actualmente detidos.

© Le Monde

Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Panificação e Produtos Alimentares Afins do Distrito de Lisboa

Sede: AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25 - CAVE
TELEF. 57 20 45 — LISBOA-I

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA CONVOCATÓRIA

CAMARADAS:

Mantém-se o patronato na sua posição de não querer negociar. Rejeitando a proposta do C.C.T., apresentada pela Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins. O patronato assumiu todas as responsabilidades que essa teimosa recusa, lhe possa acarretar.

Nós não podemos ficar de braços caídos e, como o Patronato mantém a sua recusa à proposta da Federação para encetarmos as negociações no dia 30 de Junho:

Só temos a opor uma alternativa ante esta teimosia e cobardia dos patrões. A NOSSA UNIDADE E ORGANIZAÇÃO E, SEM PREJUÍZO DO POVO CONSUMIDOR DE PÃO, LEVARMOS DE VENCIDA MAIS ESTA BATALHA, QUE DECERTO IRÁ SER BEM DURA.

ASSIM:

Convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para o próximo Domingo dia 11 pelas 09.30 horas, a realizar na Sociedade de Instrução e Beneficência «Voz do Operário» na Rua Voz do Operário n.º 13, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

- 1.º Apreciação da situação decorrente da rejeição do patronato em negociar a nossa proposta do C.C.T.
- 2.º Estruturação das formas de luta a nôr em prática.

CAMARADA:

NÃO FALTES, MOBILIZA OS TEUS COMPANHEIROS DE TRABALHO
SÓ COM A PRESENÇA DE TODOS
SÓ VERDADEIRAMENTE UNIDOS E ORGANIZADOS, HOJE E SEMPRE, VENCEREMOS

Lisboa, 1 de Julho de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral.
Arão das Neves Ribeiro

PEUGEOT 204 BREAK DIESEL
6 LITROS DE GASÓLEO EM 100 KMS
1500 DM³ DE CARGA

Estrangeiro

Índios brasileiros
matam e escarpelam

Brasília, 9, 10 (ANOP) — Um polícia militar de S. Paulo e o irmão foram mortos a tiro pelos índios xerentes, em Tocantina, e um deles foi posteriormente escarpelado sobre-se em Brasília.

Segundo testemunhas, o tenente Francisco Carneiro, da Polícia Militar e proprietário de uma fazenda na região, juntamente com o irmão, Deusdete, e um grupo de fazendeiros e empregados atacaram os índios xerentes. Estes reagiram e mataram os irmãos Carneiro. Depois cortaram as orelhas a Deusdete e escarpelaram Francisco Carneiro.

Os funcionários da Funai (Fundação Nacional de Auxílio aos Índios) mostraram-se surpreendidos com o facto, já que o costume de escarpelar os inimigos não faz parte das tradições dos índios xerentes.

Encara-se a possibilidade de os xerentes terem aprendido este hábito nos filmes norte-americanos de peles-vermelhas e «cow-boys».

O Conselho de Segurança
debate o raide israelita

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 10 (ANOP e R)

O Conselho de Segurança da ONU iniciou ontem às 22 horas TMG o tão esperado debate sobre o raide israelita a Entebbe o qual foi denunciado pelas Maurícias em representação do grupo africano.

O ministro ugandês dos Negócios Estrangeiros, tenente-coronel Juma Oris Abdalla, abriu o debate apresentando a versão oficial dos aconteci-

mentos desde a chegada ao aeroporto de Entebbe do avião da Air France desviado até «à invasão israelita, sob o pretexto de resgatar os reféns».

O representante do Uganda denunciou energeticamente o «acto de agressão» israelita, o assassinio de soldados ugandeses, a destruição de aviões e das instalações do aeroporto e exigiu a condenação de Israel a mais energéticos termos e que aquele país seja obrigado a pagar os prejuízos.

Por seu lado, o embaixador israelita, Chaim Herzog, defendeu a acção dos comandos que libertaram os reféns e lançou um apelo às Nações Unidas para que declarem guerra ao terrorismo internacional.

Herzog, acusou o presidente Idi Amin de cooperar com os «piratas do ar», «sob um manto de fraude e falsidade», acres-

centando que quanto aos terroristas palestinianos, «ante nós está sob acusação o podre, corrupto, brutal, cinico e sanguinário monstro do terrorismo internacional».

O discurso de Herzog causou aplausos da galeria, os quais foram silenciados pelo presidente eleito deste mês, o italiano Piero Vinci.

O secretário-geral Kurt Waldheim, numa das suas raras comunicações ao Conselho, instou com os 15 membros para «dirigirem a comunidade mundial para uma direcção construtiva» que evite futuros ataques terroristas.

Na suas réplicas, o ministro ugandês fez somente uma ligeira e indirecta referência ao Quênia, o país vizinho que Amin acusara de colaborar com Israel no Raide.

A este respeito Oris afirmou que esperava que «mais ne-

nhum Estado africano» tivesse sido «corrompido» pela acção israelita.

Quanto ao ministro dos Negócios Estrangeiros do Quênia, Munyua Waiyaki, declarando que o seu povo estava a atingir o «ponto de exaustão», devido às acusações e aos ataques ugandeses, negou qualquer cumplicidade queniana.

Waiyaki sublinhou que o Quênia autorizara os comandos israelitas a aterram no voo de regresso, apenas por motivos «humanitários».

O representante israelita, por seu lado, desafiou ainda o Uganda a apresentar a sr.ª Dora Block, a refém dos piratas do ar que desapareceu.

Herzog notou que se assistia agora ao «inacreditável e macabro espectáculo» de um Estado desencadeando uma guerra contra uma senhora doente.



Uma multidão de beldades de todo o Mundo encontra-se em Hong-Kong, para participar no concurso de «Miss Universo» que ali se realiza amanhã

Nova frente contra Israel
inclui os palestinianos

BADGDAD, 10 (R.) — O Iraque decidiu criar com a Líbia, a Argélia e os palestinianos uma nova frente contra Israel — anuncia a agência noticiosa iraquiana.

O vice-presidente Saddam Hussein declarou ontem a tropas iraquianas, que a chefia do país tinha tomado aquela decisão depois de «ter estudado a situação árabe geral. As nossas forças armadas devem tomar as suas posições no campo árabe para confrontar o inimigo sionista» — acrescentou.

A agência não revela como será formada ou funcionará a projectada frente. Nenhum dos países citados tem fronteiras comuns com Israel.

A ideia de uma frente similar, com a inclusão da Síria, foi abandonada no mês passado. O Iraque e a Síria, governados por grupos rivais do partido BAAS, culpam-se mutuamente pelo insucesso da iniciativa.

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA

LUTA NO LÍBANO

BEIRUTE, 10 (R.) — Trava-se ontem, à noite, violenta luta no distrito de Koura, no Norte do Líbano, onde forças direitistas retomaram duas cidades importantes e rechaçaram a ofensiva esquerdista-palestiniana.

Os direitistas reconquistaram a cidade costeira cristã de Shekka, a 65 quilómetros ao Norte de Beirute, a Amioun, a capital distrital próxima e um reduto esquerdista, durante o seu contra-ataque. Afirmaram também ter cercado os seus inimigos em Enfe, uma cidade costeira ao norte de Shekka.

Contudo, os palestinianos afirmam que a sua ofensiva, embora batida no terreno, conseguiu o objectivo de aliviar a pressão direitista sobre o campo palestiniano de Tel Al-Zaatar, nos arredores de Beirute, cercada há duas semanas.

Um informador palestiniano observou ontem que se esperava que o campo caísse no último fim da semana. Contudo, o posto de rádio «A Voz da Palestina» declarou ontem, à noite,

que o campo repelira com êxito o quinquagésimo ataque desencadeado pelos direitistas nos últimos 18 dias.

A rádio anunciou também que os sírios tinham, pela segunda vez numa semana bombardeado a refinaria petrolífera de Saharani, perto de Sidon, no sul do Líbano.

Entretanto, a rádio falangista das direitas informou ontem que uma delegação direitista de alto nível visitaria em breve a Síria para conversações sobre a situação no Líbano.

As diligências da Liga Árabe para trazer a paz a este país, goradas até agora por novos combates, recomençarão na segunda-feira quando ministros dos negócios estrangeiros de Estados membros da organização discutirem a guerra civil libanesa numa conferência no Cairo.

Ontem, em Beirute, três guardas dos serviços de segurança da Embaixada francesa foram raptados, segundo revelou um informador da missão.

Não se conhecera imediatamente mais detalhes acerca do ataque contra a embaixada, no Oeste muçulmano de Beirute.

Os cosmonautas completam
quatro dias no espaço

MOSCOVO, 10 — (ANOP) —

Dois cosmonautas soviéticos, continuando a sua caminhada pelo espaço, completam hoje o seu quarto dia em órbita, a bordo de um laboratório espacial que tem todos os confortos

Caleidoscópio

ROMA, 10 — (FP e R.)

O movimento clandestino neofascista «Ordem Nova» reivindicou o assassinio do adjunto do procurador da República de Roma, Vittorio Occorsio, perpetrado esta manhã na capital italiana.

Com efeito, foi encontrado pela Polícia um panfleto da «Ordem Nova» ao lado do corpo de Occorsio, abatido ao volante da sua viatura no momento em que deixava o seu domicílio.

A vítima ocupava-se nos últimos meses de vários raptos ocorridos em Roma e de actividades dos movimentos de extrema-direita.

BUENOS AIRES, 10 — (R.)

Mais 130 refugiados chilenos, incluindo 43 crianças, iniciaram hoje uma greve da fome, juntando-se a sessenta compatriotas, entre os quais 25 crianças, que jejuam há três dias para apoio do seu pedido de transferência para outro país por recearem que as suas vidas corram perigo na Argentina.

Homens armados raptaram 25 refugiados chilenos há um mês, soltando-os dois dias mais tarde, depois de os terem espancado barbaramente.

JAKARTA, 10 — (R.)

Os smos alavam ainda a província remota indonésia de Irian Jaya (Nova Guiné Ocidental) quase duas semanas depois de um terrível terramoto que, segundo se receia, causou a morte de mais de nove mil pessoas, segundo afirmou o governador da província, general Surtan.

O governador, que chegou ontem, à noite, a Jakarta para relatar ao presidente Suharto a situação depois do abalo tectónico, o mais violento já registado na Indonésia declarou a jornalistas que 50 mil pessoas teriam de ser evacuadas imediatamente para áreas seguras.

que a Terra pode proporcionar.

Segundo a agência noticiosa Tass, o coronel Boris Volynov, de 41 anos, e o tenente-coronel Vitaly Zholobov, de 39, já utilizaram o artefacto que lhes permite «correr», nas condições de ausência de peso que prevalecem no espaço exterior.

Os dois cosmonautas foram colocados em órbita na passada terça-feira, a bordo da cápsula «Soyuz-21» e atracaram no dia seguinte, à estação orbital de pesquisa «Salyut-5», onde estão a viver desde quarta-feira.

Volynov disse ao controlo de terra que os movimentos da tripulação eram mais rápidos do que os efectuados nos treinos na base e acrescentou a brincar que tal se devia ao facto de estarem cheios de pressa, devido a terem muito que fazer ainda.

Segundo os peritos soviéticos, os astronautas deverão necessitar de três meses ou mais para completarem o seu extenso programa de pesquisas.

Se estiverem no espaço mais de 84 dias, baterão o actual recorde de permanência em órbita que foi estabelecido em 1974, por três cosmonautas norte-americanos.

Descrições difundidas pela Tass indicam que a «Salyut-5» não somente é maior (25 tone-

ladas de peso), mas mais bem concebida que as suas predecessoras da série «Salyut».

A agência noticiosa soviética revelou que o laboratório espacial está equipado com um único quadro de controlo que permite aos tripulantes seguirem simultaneamente todas as experiências científicas que estiverem a decorrer a bordo da nave.

Nos modelos anteriores, os cosmonautas tinham que se deslocar para poderem monitorizar os diferentes projectos de pesquisa que estivessem a ser efectuados a bordo.

Por outro lado, o jornal moscovita «Izvestia» descreve a secção habitável do laboratório nacional, destacando o facto de toda ela estar forrada com tecido de um tom azul claro, o qual não só é agradável à vista, mas também cobre saliências e outros pontos potencialmente perigosos em condições de imponderabilidade.

A Tass refere ainda que «a estação tem uma mesa de cozinha localizada em ponto acessível e perto dela encontram-se os sistemas de preparação das refeições e o depósito central de alimentos».

Os cosmonautas Volynov e Zholobov comunicaram para a estação terrestre de controlo que achavam «cómodas» as suas acomodações a bordo.

A CARRIS INFORMA :

AUTOCARROS

CARREIRA N.º 17-B

ALTERAÇÃO DE PERCURSO

Com o fim de proporcionar à população das Galinheiras uma ligação ao Lumiar, reforçando, simultaneamente, o transporte de e para o Bairro da Musgueira, vai ser alterado, com início na próxima segunda-feira, dia 12, o percurso da carreira N.º 17-B: Campo Pequeno — Galinheiras, como a seguir se indica:

... Campo Grande, Alameda das Linhas de Torres, Estrada da Torre, Azinhaga da Musgueira, arruamento de acesso à Charneca...

Espectáculos

O DIREITO AO TEATRO

Teatro Villaret: cumpra-se a lei!

Disse há dias o general Ramalho Eanes: as leis têm que se cumprir. Aqui vimos exigir, em conformidade, o cumprimento da lei que, por sinal, de um tempo para cá, tempo do fascismo, como não temos outra é essa que tem de cumprir. Com efeito, ao contrário do que proclama o Programa do MFA, não há lei que a Lei do Teatro, que se cá para fora, apesar de ter sido redigida e publicamente discutida e emendada um anteprojecto

que teria servido, pelo menos, para agora não sermos obrigados a recorrer às leis fascistas.

Pois no seu Art.º VI Base XXIII, Parágrafo I, a Lei n.º 8/71, única de que nos podemos servir, diz o seguinte: «Os recintos de teatro e de cine-teatro não serão demolidos nem desafectados do fim a que se destinam sem prévia autorização do Secretário de Estado da Informação e Turismo, que a poderá recusar quando o im-

ponha o interesse da actividade teatral».

Está em causa, como se sabe, o Teatro Villaret. Os jornais noticiaram que o seu actual empresário Vasco Morgado, pretende trespassá-lo, admitindo-se a hipótese do Villaret ser transformado em cinema. Não pode ser: além de ser pouco e imoral, é contra a lei. A não ser que o empresário tenha obtido autorização do secretário de Estado da Cultura que neste caso terá substituído o anteriormente indicado, o que não podemos acreditar. É, aliás, extremamente ridículo e muito penoso pensar na hipótese de uma cidade quase desprovida de recintos teatrais (Lisboa deve ser, na Europa e em relação à sua população, a cidade com menos teatros); numa cidade cujos recintos teatrais são na sua maioria de um desconforto (para o público) e de uma pobreza (técnica) confrangedores — pensar-se na possibilidade de perdermos uma das salas melhor dotadas de que dispomos. Quando companhias como a do Teatro Adoque ou a de Luzia Maria Martins são obrigadas a trabalhar em tão más condições (e o Teatro Vasco Santana não vai ser destruído?) não se pode deixar de alertar quem de direito para o crime (além da ilegalidade) que seria deixar transformar um teatro noutra coisa qualquer.

Muito recentemente os actores do Teatro Maria Matos salvaram este recinto da ameaça de ser transformado em estúdio. Esperamos que o Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos e outros organismos culturais intervenham no sentido de impedir mais esta manobra contra o teatro. Quanto à solução, podemos encontrá-la na mesma Lei, Artigo VI, Base XIX Parágrafo I: «Os teatros ou casa de espectáculos com palco, que não estejam a ser explorados poderão ser requisitados por despacho do Conselho de Ministros mediante justa indemnização, aplicando-se, com as necessárias adaptações, e sem prejuízo do disposto nos números seguintes, a legislação especial sobre requisição de edifícios públicos.

CARLOS PORTO

"Lola Montes" hoje no S. Luiz

Estreia-se, hoje, no S. Luiz, o filme de Max Ophüls «Lola Montes», com Martine Carol, Peter Ustinov e Anton Walbrook.

Nascido em Sarrebruck em 1902, Max Ophüls optou pela nacionalidade francesa a seguir à grande guerra. Começou a sua carreira cinematográfica na Alemanha, tendo realizado cerca de vinte filmes, tanto neste país, como em França, Itália, Estados Unidos e Holanda.

De regresso a França em 1950, realizou «La ronde», segundo três contos de Maupassant, «Madame D...» (1953) segundo o romance de Louise de Vilmoir e «Lola Montes» (1955) segundo o romance de Cécil de Saint Laurent. «A vida extraordinária de Lola Montes».

Durante a exibição de «Lola Montes» no S. Luiz, será apresentado, às terças e sextas-feiras na matinée das 18.30, o filme de Max Ophüls «Madame D...», interpretado por Danielle Darrieux, Charles Boyer e Vittorio de Sica.

Tal como é habitual, após as sessões das 21.30 de terças e sextas-feiras, haverá colóquios sobre os filmes, conduzidos desta vez por Eduardo Prado Coelho, no dia 10, pelo cineasta António Pedro de Vasconcelos no dia 13, por João Benard da Costa no dia 16, pelo realizador Fernando Lopes no dia 20, pelo sociólogo de arte José Augusto França no dia 23, e finalmente, no dia 27, estará presente Alberto Seixas Santos.

Concerto no Estoril com o "Convivium Musicum"

Realiza-se amanhã domingo, às 17 horas, o último concerto da primeira parte dos concertos populares que a Junta de Turismo da Costa do Sol vem realizando aos domingos no auditório do Pavilhão de Congressos do Estoril, desde o mês de Abril.

Pela primeira vez no Estoril, actuará o grupo convivium Musicum, formado por conhecidos artistas, cuja actuação no País e estrangeiro tem merecido as melhores críticas. Este agrupamento tem uma constituição pouco usual: quarteto vocal e

piano a quatro mãos, sendo seus componentes os cantores Helena Pina Manique, Christiane Schickert, Fernando Serafim e Orlando Worm e as pianistas constança Capdeville e Janine Moura.

Serão executadas obras de Mozart, Haydn, Satie, Filipe Pires, Lopes Graça, Bartok e Schumann, dos quais destacamos «quatro canções heróicas» (Lopes-Graça) e um ciclo de «Canções de Amor Hispanicas» de Schumann sobre textos de Camões e Gil Vicente.



Questionar, redescobrir a libertação

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FESTIVAL DA CASA DA IMPRENSA "WR — Os mistérios do organismo"

de Dusan Makavejev

FICHA:

Título original: W. R. Misterije Organizma

Realização e argumento: Dusan Makavejev (Jugoslávia-Alemanha-1970)

Fotografia: Pega Popovic e Aleksandar Petrovic

Música: Colagem de Bojana Makavejev

Montagem: Ivanka Vukasovic

Interpretação: Milena Dravic, Jagoda Kaloper, Ivica Vidovic, Tuli Kupperberg, Zoran Radmilovic, Jackie Curtis, Miodrag Andric, etc.

Distribuição e Portugal: Doperfilme

Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos

Duração: 80 minutos.

Neste País, à beira-mar empurrado, habituámo-nos há muito a fazer de tudo o que fosse cultura uma operação estranhamente subsidiária. Dos amigos que iam «lá fora» e traziam as últimas, dos livros e revistas que também de lá chegavam; na melhor hipótese. Tentáramos aqui, tarde e más-horas, reordenar uma trajectória que estava sempre esburacada. A censura era, particularmente no campo do cinema, o alibi conveniente (e muitas vezes real) para os distribuidores irem adiando o que de melhor se fazia por esse mundo ou, no mais feliz dos casos, para trazerem e exibirem atrasado e descontrolado. Foi assim que vimos o *Pierrot* quando Godard já estava na Palestina e este é só um exemplo.

Hoje o alibi é outro: não há dinheiro, as transferências são difíceis. Esperam (sempre esperaram) que a gente acredite. Vimos, porém, a *Emmanuelle* quase ao mesmo tempo que Paris, as *Relações escaldantes* também chegaram depressa. Quanto a dinheiro, em Cannes co-produziu-se em *cash* o que não deixa de ser revelador.

Tudo isto para epígrafe deste *WR — Os mistérios do organismo*, um Makavejev de 1970, a chegar um ano depois (é apenas em antestreia) de *Um filme doce*. De novo, a rotina persiste, a gente tem de refazer a memória, reenquadrar os tempos. Quem não seguiu muito bem aquele filme, talvez com este *WR* consiga a luz, a pista que faltava

Muitos dirão, por certo, ser Makavejev uma espécie de truculento cozinheiro que convoca para os seus filmes aparentemente contraditórios e cenas de pura provocação para, com essa miscelânea, levantar babilónicos monumentos de mau gosto. Outros enfrentarão as suas obras com argumentos prévios e epítetos vários: imoral, decadente, reacçãoário, pequeno-burguês. Outros, ainda, saudarão o génio, aqueles para quem o génio é o insólito, o ataque ao «sagrado». No final da sessão da noite deste ciclo ouviram-se apupos e palmas; era mais do que esperada.

Filiando-se, confessadamente, em Wilhelm Reich, o mais recente cinema de Makavejev tem, para já, o mérito de não provocar unanimidade. Nem reacções normais, de meio termo. Apenas os extremos se divisam, imediatos.

Para lá do imediatismo, o fundamental está na análise que a este filme, concretamente, se possa fazer. Ou seja o que há para além da provocação? (a provocação, note-se, é já, no entanto, uma posição ética e política muito concreta).

A «aplicação» burocrática do marxismo-leninismo, nomeadamente no Leste europeu, provocou, como é sabido, uma carga moral (de raiz burguesa) sobre o quotidiano. O desperdício, a inutilidade (raízes de todo o prazer) foram banidos para, em substituição, se positivar sempre os mínimos actos. A sociedade é enformada por um maniqueísmo simplista de que são expoentes os novos «modelos» de comportamento, os heróis do trabalho socialista, os artistas nacionais, todos aqueles exemplos que às massas compete seguir, atingir, por esforços ou purificações sucessivas.

Nas artes o mesmo se passa. Um estatuto normativo que aponta a pragmática utilidade como fim. Não mais objectos de prazer (que é sempre «inútil» e «inconsequente») mas partes de um processo organizador, de ordenação. Daí se partiu para a degradação estética e política, sob a espada de Damocles que a acusação de «formalista» significava (Eisenstein seria uma das vítimas); hoje é Louis De Funès

quem bate *records* de bilheteira em quase todos esses países.

Ao nível da *libido* todo o moralismo é repressivo e castrador, toda a norma, todo o Pai é um factor de memorização. O processo de libertação aberto em Outubro, ao nível das massas e dos indivíduos foi estancado. Wilhelm Reich foi dos primeiros a defender essa interdependência das várias frentes de luta (económica, social, cultural, sexual), dos primeiros a analisar os processos repressivos ao nível moral e a extrair consequências políticas.

Daí este filme, o seu combate (quicá anárquico, individualista) contra os Pais, os catecismos, a moralização; não contra o marxismo mas contra as «aplicações» que não souberam libertar, também libidinalmente, os que as viveram. Contra, portanto, as novas fachadas de um mesmo moralismo.

Este é também contra os filmes exemplares, a arte magnificamente que chamaram «socialista» sem lhe alterarem os principais vectores. Isso está dentro desta película através do filme de Tchiarouelli e do *ballet* soviético («com trajes czaristas» como remata, mordaz, um dos personagens); está dentro da sua própria construção, rejeitando todo o aparato de magnificência, fazendo-se «em pobre», recusando a positividade, a moral da história (embora não a moral da História), oferecendo-se como um produto consumível e nunca como uma «obra de arte». E se ele fecha em grande estilo, tal não é senão a suprema ironia, o punho finalmente raivoso, demolidor, directo. A expressão «fascista vermelho» não se apaga cedo. E a última, a mais feroz, das provocações. A que nos cabe responder. Politicamente.

Também este é um daqueles filmes que não é em qualquer arrumar em duas ou três penadas. Também este é um filme onde se exige do espectador um concreto trabalho de discussão com o *écran*. E, se possível, com o espectador do lado. O debate, em tom menor, mas agudo, contraditório no seu levantamento, está aberto.

FÉRIAS NA MADEIRA

1 SEMANA

SÉRIE (A) todos os DOMINGOS

PARTIDAS:

Julho 4, 11, 18 e 25

Agosto 1, 8, 15, 22 e 29

Setembro 5, 12, 19 e 26

SÉRIE (B) todos os 3ª FÉRIAS

PARTIDAS:

Agosto 3, 10, 17, 24 e 31

SÉRIE (C) todos os 6ª FÉRIAS

PARTIDAS:

Julho 16, 23 e 30

Agosto 6, 13, 20 e 27

Preços excepcionais desde *

2.880\$

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto TAP
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística
- Assistência de delegado

*** a vantagem dos voos especiais**

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

Fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 320021

PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921

COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telef. 27011/2

TARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

CONVITE

À JUVENTUDE

AOS TRABALHADORES

SÁBADO, 10/7/76 AS 21.30 H.

TEATRO DA TRINDADE EM LISBOA

GRANDE EXPOSIÇÃO «A JUVENTUDE SOVIÉTICA» — PROECÇÃO DE FILMES:

PRIMEIRA PARTE — Série de documentários sobre a vida da juventude trabalhadora na URSS, realizados por jovens do Instituto de Cinema daquele país.

SEGUNDA PARTE — Banda desenhada mundialmente famosa «Espera aí que já vais ver».

ENTRADA GRÁTIS

Canal da Crítica

... MAS AS CRIANÇAS, SENHOR!

Anuncia-se um programa sobre a situação da criança nos países subdesenvolvidos. E vem lá a bolinha para aviso das pessoas sensíveis, ou seja, das pessoas que não gostam de ver as digestões perturbadas ou o sono ameaçado com o espectáculo deprimente das crianças famintas e doentes, sim, pra que é que vêm falar daquelas coisas, se não se pode resolver nada, sempre foi assim e sempre assim há-de ser, etc, etc.

Luis Filipe Costa previne as pessoas de que as imagens com que o programa abriu vieram, certamente, da África e da Ásia — mas que em Portugal o espectáculo não é nada brilhante. O que não deixará de ser mais uma machadada na boa disposição das pessoas ditas sensíveis que só gostam de ver o *Van Der Trenck*, a *genny*, o *Flecha Negra*, *As sete mulheres*, etc. as damas e os damos foram forsytdados na Televisão antiga e agora primeiro que percam o romantismo é uma gaita.

E Luis Filipe Costa abre as primeiras páginas do inquérito. Aquela amiga do Barreiro que, maltratada pelas freiras do hospital, resolve daí em diante ser a parteira de si própria: uma tesoura, uma linha, um tapete na cozinha para aparar o cidadão e já está...

Assim, com estas e outras, e quem conhece um pouco a vida na província sabe mais do aquilo que viu ontem assim se iomprende por que morrem neste País à nascença 44 crianças de cada 1000 que vêm ao mundo. Assim se compreende o lugar que Portugal ocupa entre os países da Europa quanto à mortalidade infantil: o último. Eu sempre disse que possuímos um clima privilegiado. Além de que, para compensar, José Martins, ocupa um excelente lugar na volta à França, o que muito nos honra, e disso dá a Televisão notícia todas as noites.

Crianças em Portugal: que faltam à escola, que vivem ao deus-dará, que passam fome. Em Portugal. Depois de 1974. Quando se projectou, de cravo na boca, fazer alguma coisa pelas classes mais desprotegidas...

AUSTERIDADE E HIGIENE

Terra a Terra minha gente esteve no distrito de Setúbal. Claro que a Luisa Todí, claro que o Bocage, claro que a Arrábida e não sei quê a capela que D. João IV, gostara muito e a vila onde nasceu D. Manuel, mais o Fialho Gouveia que nasceu no Montijo (raios, então quando é que começam a fazer a estátua?). Imagine-se a ginástica necessária para não fazer uma única pergunta rela-

cionada com a Reforma Agrária!

Aliás, e como se sabe, a Reforma Agrária não se pode dizer que seja muito da simpatia da Televisão Portuguesa. Antes de ontem, por exemplo, o *Tejornal*, no meio doutras notícias, recordava que a *colheita de cereal, este ano, fora a maior de sempre*. Assim mesmo, como se fosse uma notícia vulgar, sem direito a nenhum especial relevo.

Não é notícia: é escândalo. Estou a recordar-me da *TV Rural*, do sorridentíssimo engenheiro Veloso. Que este programa tenha serpenteado pelas encostas todo este tempo, sem nunca agarrar a maior conquista dos trabalhadores depois do 25 de Abril — eis o que não pode deixar de se considerar a maior habilidade deste País de faquires.

Enfim, o concurso lá prossegue chatissíssimo até ao óleo de ricino. Com pormenores de uma tocante camaradagem (ou de pura evocação histórica?) como por exemplo aquele em que o Fialho faz a uma concorrente de apelido Coito, lhe pergunta com imenso respeito se é alguma coisa ao João Coito...

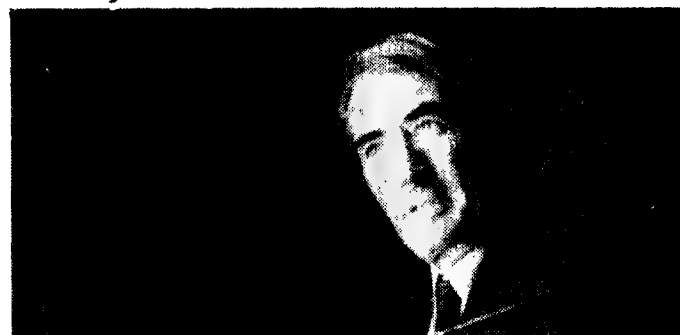
Não deixa igualmente de surpreender a preocupação dos responsáveis do concurso em facilitar a vida ao País. Assim, a partir de agora não haverá *convidado* e porquê? Para não alargar o programa, em função

das medidas de austeridade!

O mais curioso é que o concurso não durou menos por causa disso. Pelo que, se queremos mesmo ajudar o País, devemos seguir à risca o conselho dado por José Júdice, de-

Por MARIO CASTRIM

Hoje



Gregory Peck principal intérprete do filme «A Cidade abandonada»

I PROGRAMA

- 14.00 Abertura e *Tejornal* — 1.ª edição.
14.15 *Hoje pode ver*
14.25 *Retrospectiva*
14.40 *Culinária* — Transmissão dos Estúdios do Porto.
15.10 *Aconteceu, aconteceu...*
15.35 *As aventuras da Família Powens* — Série Filmada.
16.35 *Fungá da Bicharada* — «As Gazelas Bailarinas».
17.05 *Disciplina no desporto* — Transmissão dos Estúdios do Porto.
17.30 *Da saúde e da vida*
17.45 *9.ª sinfonia de Beethoven* — Pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa.
18.50 *Stop*
19.05 *Cinema de animação*
19.30 *Gente do amanhã* — Série Filmada.
19.55 *Cartaz TV*
20.30 *Tejornal* — 2.ª edição.
21.05 *Coisas e Loisas* — Primeiro programa de uma série que, apresentada pela R.A.I., venceu o mais importante e universal dos concursos de programas de variedades para televisão — a Rosa de Ouro de Montreux (1975).
22.30 *Comunicação e educação de adultos*.
23.00 *Tejornal* — 3.ª edição.
23.20 *Fecho*.

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e *Wagner 100 anos de tetralogia*
20.30 *No Jardim Zoológico*
20.55 *A Cidade Abandonada* (Y. J. J. J.) — Filme interpretado por Gregory Peck, Gene Baxter e Richard Widmark. Realizador: Vincent Wellman. Ano Produção: 1948.
22.35 *Tejornal*
23.00 *Fecho*.

estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO (indique um só curso)

☐ COSTURA ☐ RADIO, ELECTRONICA, TV
☐ FOTOGRAFIA ☐ DESENHO E PINTURA
☐ RELAÇÕES PÚBLICAS ☐ ELECTRICIDADE
☐ VENDAS / MARKETING ☐ INGLÊS
☐ CULTURA GERAL ☐ SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒ **GRÁTIS** D.L. 10

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

CBC Alvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

II FESTIVAL DE MÚSICA DA COSTA DO SOL		
ESTORIL • CASCAIS • 1976		
15 Julho - 15 Setembro		
Junta de Turismo da Costa do Sol - Estoril - Portugal		
Cine-Teatro S. José CASCAS 15 JULHO / 5.ª feira / 21.30 H. Alvaro Salazar (maestro) Helena Sá e Costa (piano) Orquestra do Teatro S. Carlos Debussy <i>Iberia</i> Jean Francaix <i>Concerto para piano</i> Mendelssohn <i>Concerto n.º 1 para piano</i> Stravinsky <i>Suite n.º 2</i>	Cine-Teatro S. José CASCAS 26 JULHO / QUARTA-FEIRA / 21.30 H. Silva Pereira (maestro) Artur Moreira (clarinete) Orquestra Gulbenkian Braga Santos <i>Concerto para cordas</i> Weber <i>Concerto para clarinete</i> Debussy <i>Prélude Rapido para clarinete</i> Grieg <i>Intermezzo</i> Manuel de Falla <i>El Amor Brujo</i>	Audit. do Pavilhão de Congressos ESTORIL 4 AGOSTO / QUARTA-FEIRA / 21.30 H. Grupo de Música Vocal Contemporânea Dir.: Mário Mateus Hindemith <i>Quatro coros</i> Weber <i>Fantasia auf Leiden</i> Ligeti <i>Das koreanische Lied</i> F. Lopes-Graça <i>Três cantos</i> F. Lopes-Graça <i>Dois cantos</i> F. Lopes-Graça <i>Três Linhas</i> F. Lopes-Graça <i>Dois Romanços</i> F. Lopes-Graça <i>Solitude de uma harmonia</i> F. Lopes-Graça <i>Idillado Duo</i> (pianos 99)
Audit. do Pavilhão de Congressos ESTORIL 13 AGOSTO / SEXTA-FEIRA / 21.30 H. Marianne Clement (flauta) Raul Sanches (guitarra) Anónimo (séc. XVI) <i>Quatro danças solistas</i> Kasper Fritz <i>Sonata op. 2, n.º 4</i> Willy Burkhard <i>Sérénade op. 71</i> F. Lopes-Graça <i>Prélude e Balada</i> Manuel de Falla <i>Humana</i> Edgar Varèse <i>Density 213</i> F. Lopes-Graça <i>Três cantos</i> Frank Martin <i>Quatro peças breves</i> Hans Hong <i>Capriccio</i> (*) 1.ª audição em Portugal	Audit. do Pavilhão de Congressos ESTORIL 18 AGOSTO / QUARTA-FEIRA / 21.30 H. Recital Tania Achot (piano) Bach <i>Suite inglesa em Sol menor</i> Schumann <i>Humores</i> Chopin <i>Nocturno em Fa menor</i> Chopin <i>Três Valsas</i> Chopin <i>Balada n.º 4</i>	Audit. do Pavilhão de Congressos ESTORIL 25 AGOSTO / QUARTA-FEIRA / 21.30 H. Dénes Kovács (viola) Férenc Rados (piano) Luch <i>Partita em Ré menor</i> Brahms <i>Sonata em Lá maior</i> Bartók <i>Sonata para violino solo</i> Brahms <i>Sonata em Ré menor</i>
Audit. do Pavilhão de Congressos ESTORIL 6 SETEMBRO / QUARTA-FEIRA / 21.30 H. Recital Paul Tortelier (violoncelo) J. S. Bach <i>Suite n.º 1 em Sol maior</i> J. S. Bach <i>Suite n.º 5 em Dó menor</i> J. S. Bach <i>Suite n.º 6 em Ré maior</i>	Cine-Teatro S. José CASCAS 10 SETEMBRO / SEXTA-FEIRA / 21.30 H. Gyula Nemeth (maestro) Piñero Nagy (guitarra) Olga Prats (piano) Orquestra Gulbenkian Leo Weiner <i>Divertimento n.º 11</i> Maurice Ohana <i>Trois graphiques para guitarra</i> F. Lopes-Graça <i>Fantasia para piano</i> Prokofiev <i>Sinfonia clássica</i> (*) 1.ª audição em Portugal	Cine-Teatro S. José CASCAS 15 SETEMBRO / QUARTA-FEIRA / 21.30 H. Paul Tortelier (maestro e violoncelo) Orquestra do Teatro S. Carlos J. S. Bach <i>Suite n.º 3 em Ré maior</i> Haydn <i>Concerto em Dó maior para violoncelo</i> Debussy <i>Prélude e L'Après-midi d'un faune</i> Ravel <i>Pavane para uma infante defunta</i> P. Tortelier <i>Idillado Duo</i> (pianos 99)

PREÇOS Cine-Teatro S. José: 2080 — 3760
Audiência do Pavilhão de Congressos: 3020
Bilhetes à venda a partir do dia 12 de Julho nas seguintes localidades:

Junta de Turismo da Costa do Sol — ESTORIL
Pavilhão de Congressos nos dias de espectáculo — ESTORIL
Cine-Teatro S. José — CASCAIS
Junta de Turismo da Costa do Sol • Direcção-Geral do Acção Cultural • Estoril Sol SARE

livraria Galileo — CASCAIS
Discoteca Hi-Fi — CASCAIS
Valentim de Carvalho — LISBOA

DESTAQUES
I PROGRAMA
«Coisas e loisas» (21.05)
II PROGRAMA
Cinema «A Cidade abandonada» (20.55)

Amanhã

I PROGRAMA

C... 12.00: Abertura e Missa de Domingo.; 12.45: O mar também dá pão; 13.05: No Jardim Zoológico; 13.30: Desenhos animados; 14.00: *Tejornal* — 1.ª EDIÇÃO; 14.15: *Hoje pode ver*; 14.25: *A Mala de Hamburgo* — Série filmada; 15.25: Jazz — Guimarães. Concerto pelo North Texas State University Jazz Band; 15.55: Vocações erradas — Filme com Dimitri Chanev, Nicolai Tcherno e Vey Spiley. Realizador: Ivanka Grabcheva. 17.10: Presença do Brasil; 17.30: Heidi — Desenhos animados; 18.00: Atletismo — Transmissão directa do Estádio Nacional; 19.15: *TV Rural*; 20.00: *Os Goodies* — Nova edição de um programa louco, louco... As aventuras de Brooke — Taylor Graeme Gard e Bill Odie; 20.30: *Tejornal* — 2.ª edição; 21.05: *Civilização* — O Grand Degelo; 22.05: *Clayhanger* — Vidas perdidas. Série inglesa inspirada na obra da literatura de Arnold Bennett. Intérpretes: Harry Andrews, Peter McInne e Janet Suzman; 23.15: *Tejornal* — 3.ª edição. Que inclui o resumo filmado da etapa do dia da Volta à França em Bicicleta; 23.40: *Fecho*.

II PROGRAMA

... 20.00: Abertura e *extio* na tv. O Capitão Kloss. Série filmada de origem polaca; 21.00: *Coisas e loisas*; 22.15: *Tejornal*; 22.45: Cinema de animação — Walerian Borowczyk e Jan Lenica são os autores do filme experimental DOM realizado em 1958. «La Maison de Jean Jacques» que Ron Tunis dirigiu em 1968, é uma sátira sobre a sociedade de consumo em que participamos activamente. Apresentação de Vasco Granja; 23.10: *Fecho*.

1 SEMANA EM PARIS
PARTIDAS (avião especial TAP):
Agosto: 3, 10, 17 e 24
Preços excepcionais desde 5.490\$
* a vantagem dos voos especiais
ORGANIZAÇÃO E RESERVA
abreu
fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 150 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Santa 2 • Telef. 27011/2
FAIRO Rua Cons. Brav. 65 • Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-8342
Avenida S. João de Deus, 133 - Rua

Desporto



Luz e movimento na Gulbenkian

Dentro das comemorações do seu 70.º aniversário, o Sporting (classe feminina de ginástica, dirigida pelo prof. Reis Pinto) exibiu-se, na noite de ontem, no anfiteatro da Gulbenkian, na Avenida de Berna. Integrado num «show» denominado «A palavra, o som e o movimento», o espectáculo ginástico foi nota alta e mostra correcta do trabalho desenvolvido pelos «leões» em sectores onde o apoio estadual é praticamente nulo.

CARTAZ

ANDEBOL

Os jogos Almada-F. C. Porto e Desportivo de Portugal-S. Mamede, para a «Taça de Portugal», em andebol, efectuem-se esta noite.

ATLETISMO

Atletas romenos são atracção especial no encontro de atletismo entre as «promessas» de Portugal e Espanha, este fim-de-semana a decorrer no Jamor. Lembremos as horas de início do espectáculo: hoje, pelas 17 e 30; amanhã, a partir das 18.

BASQUETEBOL

Decide-se hoje, no pavilhão da Marinha Grande (21 horas)

o título nacional de basquetebol, em equação entre os «cinco» do Sangalhos e do Sporting.

CICLISMO

Amanhã, com partida e chegada na Malveira, efectua-se (a partir das 9 horas) o campeonato de fundo, para ciclistas da Associação de Lisboa. À tarde, tem lugar o circuito da Manjoieira, para amadores de todas as categorias.

GINÁSTICA

Pelas 20 horas, encerra-se hoje a temporada ginástica do Desportivo da Charneca, com um sarau.

HÓQUEI EM CAMPO

Os nacionais de seniores em hóquei em campo tem jornada bipartida. Hoje, a seguir das 18: Palmense-Lamas, Benfica-Viso, Porto-Futebol Benfica. Amanhã (10 e 30): Benfica-Lamas, Palmense-Viso, Ramaldense-Atlético e Porto-Futebol Benfica.

HÓQUEI EM PATINS

Jogo para acerto do calendário



ÊXITO TOTAL!!!

Com:
ERMEZINDA DUARTE
NICHOLSON
ANTÓNIO MONTEZ
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO
MARIA TAVARES
FERN. DE OLIVEIRA

Um grande elenco
faz um grande êxito!

Hoje às 20.30 e 22.30 h

(Não acons. a men. 18 a.)

AMANHÃ, «MATINÉE»

As 16 horas

dário do campeonato nacional de hóquei em patins: Valongo-F.C. Porto, esta noite (22 horas) no pavilhão de Espinho, por interdição do recinto valonguense.

NATAÇÃO

Esta tarde (16) e amanhã (10) torneio «Nadador Completo», na piscina do Sport Algés e Dafundo.

TÊNIS DE MESA

Esta tarde e amanhã decorre, em Tomar, a prova mais importante do calendário de ténis de mesa: os campeonatos nacionais individuais (singulares e pares), de seniores, juniores e senhoras.

TIRO AO ARCO

Prova «Estoril Sol», em tiro ao arco, amanhã (8 e 45) no estádio Nacional.

VELA

Amanhã, na Figueira da Foz, regatas promovidas pelo Ginásio Figueirense. Haverá, também, provas de remo.

VOLEIBOL

Pelas 17 horas de hoje efectua-se, no pavilhão de Leiria, a final da Taça de Portugal, em voleibol, (para equipas masculinas), sendo competidores o Benfica e o F.C. Porto.

XADREZ

Em Abrantes, neste fim-

de-semana, campeonatos nacionais de xadrez, em partidas rápidas.

Chutar no pino do calor

Incrivelmente, continuam a disputar-se jogos de futebol, no pino do calor, fruto de uma orgânica que nada nem ninguém consegue fazer alterar: e, aqui, a passividade das altas entidades que superintendem (ou deveria presidir) ao desporto nacional, é francamente de pasmar... Enfim, cremos que estará por pinto a total remodelação de linhas orientativas de determinadas modalidades: talvez a sorte bata à porta do futebol e o respeito pela integridade física dos participantes seja considerado e respeitado.

Adiante. Para hoje, portanto, há bola: às 18 horas, em Tomar, final do Campeonato Nacional da III Divisão, entre Vasco da Gama e Tirsense. Amanhã, haverá ligeiras: I/II DIVISÕES: Montijo-Beira-Mar (0-0); U. Tomar-Salgueiros (1-1). II/III DIVISÕES: Paredes-Académico de Viseu (0-1); Vila Real-Vilanovaense (2-1); Lusitano-Odivelas (0-1); Alcochetense-U. Leiria (não se efectuou ainda o jogo da primeira volta).

"TOUR"

Forças à espera da ordem de fogo

O francês Régis Ovion foi o vencedor da 13.ª etapa da «Volta à França» em bicicleta (Font Romeu/Saint-Gaudenz, 188 km) continuando o seu compatriota Raymond Delisle com a «camisola amarela».

José Martins, que chegou em 51.º lugar (com o mesmo tempo do belga Maertens: mais 7 segundos que o vencedor da etapa) mantém o 10.º lugar na classificação geral, com a mesma diferença a que se encontrava do guia. De salientar que Poulidor conquistou 7 segundos aos restantes favoritos, chegando no grupo dos seis da frente, entre os quais Kuiper (que sofreu uma queda, a 50 metros da meta, sendo creditado com o mesmo tempo do vencedor, como diz o regulamento).

Apenas 95 concorrentes começaram a etapa, pois o italiano Lualdi não alinhou, ontem, por doença. A escalada do Puymorens (de 3.ª categoria) fez-se em pelotão e apenas a 3 quilómetros do cume é que Perurena, Antonini, Osler, Bellini, Bourreau, Conati e Torres se adiantaram aos seus companheiros. Perurena ganhou a contagem do «Prémio da Montanha» seguido de Antonino e Bellini. O pelotão, comandado por Van Impe, Rouxel e Delisle, passou com 25 segundos de atraso.

Na descida, os corredores depararam com um troço de estrada em reparação, que deu lugar a numerosos furos: Raas, Dahguillaune, Kuiper, Perret, Meslet e Pollentier foram os mais prejudicados. Talbourdet aproveitou, entretanto, a confusão para alcançar os sete fugitivos.

Classificação individual desta 13.ª etapa: 1.º Ovion (Fr.), 4 h 57 m 23 s; 2.º Teirlinck (Belg.), Paniza (It.), Mariano Martinez (Fr.), Andre Chalmet (Fr.), Poulidor (Fr.) e Kuiper (Hol.), m.t.; 8.º Maertens (Belg.), 4,57,30; 9.º Vartens (Hol.) e José Viejo (Esp.), m.t.; 51.º José Martins, m.t.

Classificação individual: 1.º Delisle (Fr.), 72h 24 m 53 s; 2.º Van Impe (Belg.) a 2 m 41 s; 3.º Zoetemelk (Hol.), a 2 m 47 s; 4.º Poulidor (Fr.), a 4 m 10 s; 5.º Galdos (Esp.), a 4 m 45 s; 6.º Thevenet (Fr.), a 4 m 53 s; 7.º Bertoglio (It.), a 5 m 58 s; 8.º Pollentier (Belg.), a 6 m 11 s; 9.º Kuiper (Hol.), a 7 m 10 s; 10.º José Martins, a 7 m 45 s.

Após as duas contagens de ontem — de 3.ª categoria (Puy-morens) e de 2.ª categoria (Port) — Bellini voltou ao comando da geral, com 89 pontos, seguido de Van Impe, 85. Zoetemelk, 64, Kuiper, 54, Galdos e Conati, 44, Delisle, 43, Martins, 42, Menendez 38 e Poulidor, 37.

LAMEGO

Um veterano brasileiro (Bené) ingressa no Sporting de Lamego, depois de vários anos de actividade em clubes nortenhos.

LUZ

No Estádio da Luz, regresso de três caras: Norton de Matos (que esteve no Estoril), Arnaldo que fora cedido ao Esperança de Lagos) e José Pedro («disciplinarmente» colocado em Chaves) voltam ao Benfica, para teste definitivo: depois, ou prosseguimento ou dispensa.

SPORTING

«Chance» para Camilo, o centro-campista que no Sporting não teve qualquer oportunidade válida e, depois, esteve ao serviço do Académico de Coimbra: o inglês Hagan, que o «descobriu» em Angola, quer voltar a vê-lo em acção, tendo recomendado aos dirigentes de Alvalade o pronto regresso a casa. Outra volta para os «leões»: do guarda-redes Valter, que esteve nas balizas do Sporting de Braga.

PORTUGAL

ANDEBOL

A turma andemolística do Galati (da Roménia) terminou sem qualquer derrota o passeio por Portugal: ontem, bateu (30-25) a Académica da Amadora. Entretanto, uma selecção portuguesa de juniores partiu para S. Tomé, onde é convidada para dois jogos demonstração. Integrantes na viagem: João Manuel e João Nuno (do Sporting) Veríssimo, Rui Jorge e Branca (Benfica); Ricardo (Belenenses), Pais e Diégues (Passos Manuel); Saraiva e Bento (Almada), Pita e Carriço (Vitória de Setúbal).

TÉCNICO INGLÊS CREDENCIADO

Mortimer treinador do Benfica

John Mortimer, praticante inglês credenciado por actuações ao serviço da selecção do seu país e, mais tarde, como técnico da própria Federação inglesa, fez inclinar para o seu nome a balança dos dirigentes benfiquistas que, após audição dos futebolistas profissionais do clube (e face ao propósito destes só aceitarem um estrangeiro credenciado para substituir o prestigioso Mário Wilson) resolveram contratar imediatamente o antigo «internacional» britânico.

Diga-se, desde já, que

Mortimer (segundo afirmação pública) será o responsável absoluto pelo «team» encarnado, ficando (assim) não apenas entregue ao sector técnico-táctico mas, igualmente, com o encargo da preparação física dos atletas em que, como se sabe, os ingleses são inextinguíveis. Deste modo, Rui Silva permanece (exclusivamente) como adjunto, com a tarefa facilitada no facto de falar inglês e poder ser interpretado junto dos futebolistas das indicações do técnico-chefe.

Mortimer alinhou a defe-

sa-central no Chelsea, tem 42 anos e é considerado, por seus pares, como verdadeiro «dandy». Foi treinador-adjunto do Southampton e, depois, responsável único pelo Chelsea, Southampton e Ethnikos (da Grécia). Vê-se, deste modo, que não é nenhum ilustre desconhecido: mas (antes) uma figura que pode enriquecer o futebol português, ainda que isso acarrete a saída de um monte de dividas em plena época de apregoada (mas nem sempre seguida) política de grande austeridade...

Desporto



O IMPASSE PROSSEGUE

Formosa não segura de ser olímpica

Os 25 atletas de Taiwan que se encontram actualmente bloqueados em Boston, aguardam com ansiedade (mas também com um certo optimismo) a hora de prosseguir a sua viagem para Montreal, a qual viram, até agora, recusado o seu visto de entrada.

Durante uma conferência de Imprensa improvisada, que teve lugar ontem à noite num hotel de Boston, Chang Sung porta-voz do Comité Olímpico de Taiwan, deixou entender que esperava receber hoje «boas notícias» de Montreal, após o encontro entre o presidente do Comité Olímpico Internacional com altos funcionários do ministério canadiano dos Negócios Estrangeiros a propósito da participação dos atletas de Taiwan nos Jogos.

Com efeito, a equipa olímpica da Formosa viu gorada, em Detroit, a sua tentativa de chegar a Montreal, a partir dos Estados Unidos.

Apenas dois funcionários da equipa (únicos portadores de «visto» para entrada no Canadá) partiram para Montreal. Dezoito atletas ficaram detidos em Detroit e 25 outros seguiram para Boston, com o objectivo de ali se avistarem com funcionários do consulado da Formosa.

O Canadá (que não tem relações com a Formosa) recusou-se a autorizar a entrada da equipa no país, onde deveria participar nos jogos, com início a 17.

O diferendo entre a equipa da Formosa e o governo canadiano relaciona-se com o facto daqueles atletas se apresentarem, nos cartões olímpicos, como representantes da «República da China». Os atletas olímpicos de todo o Mundo, e os funcionários que os acompanham estão a entrar no Canadá mediante a mera apresentação de cartões de identidade. Só foram solicitados «vistos» aos desportistas da Formosa quando, em Otava, um porta-voz do departamento de Negócios Estrangeiros.

A agravar a questão (que envolve o reconhecimento da República Popular da China pelo Canadá) existe o facto do Comité Olímpico Internacional reconhecer o nome «Comité Olímpico da República da China», apresentado pelos representantes da Formosa. O governo canadiano não é (porém) da mesma opinião, apesar de ter concordado em aceitar os regulamentos do COI, quando a cidade de Montreal foi escolhida para a realização dos Jogos.

Assinale-se que a República Popular da China tem vindo a pedir a sua admissão nos Jogos, na condição de ser impedida a participação dos atletas da Formosa.

AMEAÇA

O Comité Olímpico Internacional (COI) insinuou (até) que os Jogos Olímpicos poderão ser cancelados se não for alcançado um acordo sobre a controversa questão.

Um comunicado publicado no final da reunião de ontem, da Comissão Tripartida do COI, diz que haverá um encontro com o governo canadiano acrescentando: «tentando evitar que esta questão obrigue o COI a cancelar os Jogos das XXI Olimpíadas, a Comissão Tripartida defende a realização de imediatas negociações com as autoridades canadianas, e

com representantes do Comité Olímpico Nacional da República da China».

E a declaração prossegue:

«O Comité condena unanimemente a atitude do governo canadiano, ao opor-se à entrada da equipa de um Comité Olímpico Nacional, devidamente reconhecido pelo COI, e beneficiando ainda do acordo formal dado ao COI, quando o governo canadiano aceitou a realização dos Jogos em Montreal.»

Por outro lado, um porta-voz do COI disse que as notícias sobre um acordo iminente com o governo canadiano não tem fundamento. Não foi estabelecida qualquer fórmula que sugira à equipa da Formosa a mudança do nome «República da China» sob, o qual se apresenta, ou que deva desfilar sem a sua bandeira nacional, na cerimónia de abertura.

FORD

Em Washington, o presidente Gerald Ford emitiu também uma opinião sobre a disputa, afirmando que «é trágico o envolvimento da política internacional nos Jogos».

Os quatro funcionários da Formosa que receberam autorização para entrar no Canadá, procedentes de Detroit, (Estados Unidos) são: Chi Cheng (ex-recordista mundial dos 100 metros), C.K. Yang, (treinador chefe da equipa e medalha de prata do decatlo dos Jogos de Roma, em 1960) e dois instrutores de Educação Física, que se encontram adidos à equipa.

Círculos bem informados do COI revelaram (entretanto) que Shen Chia-Ming, vice-presidente do Comité Olímpico da Formosa, está a caminho de Montreal, viajando de autocarro desde os Estados Unidos.

DÚVIDA

A Tanzânia não participará nas Olimpíadas se a Nova Zelândia for autorizada a entrar nos Jogos afirma um comunicado governamental, ontem divulgado em Dar-es-Salam.

A declaração condena a Nova Zelândia por manter relações desportivas com a África do Sul e por permitir que uma equipa de ruguebi neozelandesa fizesse uma digressão pela África do Sul, depois dos recentes montins de Soweto.

A abstenção da Tanzânia eliminaria um dos pontos altos previstos para as provas de atletismo: a corrida dos 1500

metros, que oporia o recordista mundial Filbert Bayi (da Tanzânia) ao neo-zelandês John Walker (detentor do recorde mundial da milha e dos 2000 metros).

Por seu lado, Bill Holley, chefe da delegação da Nova Zelândia, afirmou hoje que a ameaça de retirada das Olimpíadas por parte da Tanzânia «criará um abismo irreparável nos desportos internacionais que pode levar anos a remediar» e acrescentou estar preocupado pelo facto de mais países decidirem abandonar a prova.

Holley considerou uma «tragédia» o facto de o Mundo não poder presenciar aquilo a que chamou a «corrida de sonho» dos 1500 metros, que oporia John Walker a Filbert Bayi.

O chefe da delegação olímpica neozelandesa manifestou contudo a esperança de que o governo tanzaniano reconsidere a sua posição: «Se é assim que os desportos se vão desenvolver no Mundo então talvez seja melhor para o desporto procurar outro papel», concluiu Holley.

OPINIÕES

Dois importantes dirigentes do Comité Olímpico Internacional (o brasileiro João Havelange e o italiano Giulio Onesti) tomaram posição contra Taiwan, ontem, em Montreal.

Havelange (que é igualmente presidente da poderosa Federação Internacional de Futebol) declarou à «FP»: «a verdadeira China e a China comunista e a sua capital é Pequim».

Onesti, que partilha desta opinião, avaliou que um número considerável de membros do Comité Olímpico pensava do mesmo modo.

De Londres:

«Se qualquer de nós começasse agora a preocupar-se com as questões políticas em Montreal, seria melhor ficar em casa», declarou a princesa Ana, a primeira pessoa da família real britânica a participar na dura competição olímpica de hipismo.

«Só estou preocupada com os americanos, que penso serem os nossos mais perigosos adversários e estão em alta forma», acrescentou a filha da rainha Isabel, numa rara reunião com jornalistas.

A princesa (escolhida esta semana para a equipa britânica de quatro elementos) afirmou que ia a Montreal para ganhar. Seu marido (o capitão Mark Philippis) devido à má condição da sua montada, segue como suplente, tendo a esse respeito, Ana comentado: «Ele tem, provavelmente, a missão mais ingrata. Tem de estar sempre preparado para actuar no caso de alguma coisa correr mal».

ESTÁDIO

Em Montreal, os operários que desde o princípio desta semana, davam afanosamente os últimos retoques no Estádio, largaram ontem, ao fim do dia, as suas ferramentas, e abandonaram o local, que está agora pronto para os Jogos Olímpicos.

Encontra-se (pouco mais ou menos) tudo concluído, em

conformidade com os planos originais, exceptuando-se o mastro e telhado escamoteável, que não são indispensáveis para as provas olímpicas. Cada vez mais, a direcção das instalações olímpicas pensa em concluir a construção do mastro com estruturas metálicas, em vez de usar o betão, contrariamente à opinião do arquitecto francês Roger Taillibert, que concebeu o conjunto estádio-piscina-velódromo.

Até este momento, o custo deste conjunto eleva-se a cerca de 800 milhões de dólares, ou seja cerca de três vezes mais do que o custo previsto originalmente para as construções olímpicas e a apresentação dos Jogos.

A instalação do telhado será concluída, provavelmente, na próxima Primavera: ou, o mais tardar no Outono de 1977, com um custo suplementar de 150 milhões de dólares.

FACHO

A chama olímpica atravessará o Atlântico na próxima semana, em meio segundo disse o dr. Peter Luff, numa conferência de Imprensa. A chama será transmitida por satélite, de Atenas para Otava, na 5.ª feira acrescentou o inventor deste método, explicando:

«Quando o facho olímpico chegar a Atenas, um atleta colocá-lo-á no sensor da chama electrónica, que se transformará em corrente eléctrica. Esta será, por sua vez, transformada em sinais telefónicos vulgares, que serão enviados para um satélite e dali reflectidos para Otava. Em Otava, os sinais telefónicos voltarão a transformar-se em corrente eléctrica, emitindo um raio «Laser» que recriará a chama, tudo isto em meio segundo.»

O facho olímpico sairá de Olimpia no dia 13, sendo transportado por 520 atletas até Atenas, onde chegará ao anoitecer do dia 15.



Carlos Lopes já medalhado

Carlos Lopes é mais um dos atletas portugueses distinguidos com a «Medalha de Mérito Desportivo», passando (deste modo) a enfileirar numa galeria em que, desde Travassos e Eusébio, Livramento e Manuel Faria, estão representadas gerações de praticantes que bastante honraram o nosso Desporto. O acto da imposição do galardão ao sportinguista processou-se ontem, pelas mãos do ministro Vítor Alves, na presença de entidades ligadas ao sector desportivo e dos demais olímpicos do atletismo cá da casa. De salientar que, após a cerimónia, Lopes rumou para o Jamor, para o último treino antes da partida para Montreal que, como se sabe, terá lugar na próxima 2.ª feira.



Recusados jornalistas soviéticos

Foi recusado, sem motivo aparente, o visto de entrada no Canadá a doze jornalistas desportivos soviéticos (entre eles o chefe de redacção do diário especializado «Sovietski Sports») que pretendiam «cobrir» os Jogos Olímpicos de Montreal, deplorou ontem Evgeni Chepchenko, chefe do serviço de Imprensa dos Jo-

gos Olímpicos de Moscovo, de 1980.

Como chefe dos serviços de Imprensa dos Jogos de Moscovo encontro-me numa posição extremamente delicada em relação a estes jornalistas soviéticos e, além disso, os canadianos criaram um precedente deplorável.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA DA HOTELARIA. RESTAURANTES E SIMILARES DO SUL

ALERTA TRABALHADORES DE HOTELARIA

CAMARADAS,

Os trabalhadores do Hotel Baía que desde Junho de 1975, vêm gerindo aquela unidade Hoteleira, que depois do abandono do patrão, já pagaram 1400 contos de dívidas, que conseguiram fazer aplicar e cumprir o CCT, que conseguiram aumentar os postos de trabalho de 69 para 104 e que possuem neste momento graças à sua acção e gestão 8000 contos de saldo positivo e que até viram reconhecida pelo Ministério do Trabalho as virtudes e honestidade da sua gestão, viram subitamente todas estas realizações e êxitos ameaçados no dia 7, quando com a cobertura de um funcionário da justiça (um oficial de diligências) viram que o antigo patrão pretendia retomar funções.

CAMARADAS,

Então depois do patrão se ter furtado às responsabilidades, depois de os trabalhadores com o fruto do seu trabalho e organização, terem pago as dívidas deixadas por aquele, depois de através de uma correcta e honesta gestão terem levantado as finanças da empresa, é justo que o patrão venha a apropriar-se dos resultados de todo o trabalho?

NÃO CAMARADAS, isso não vai, nem pode acontecer, porque os trabalhadores do Hotel Baía e a nossa solidariedade de classe o não permitirão.

ALERTA TRABALHADORES,

Temos uma Constituição, a mãe e fonte de todas as leis, que garante a defesa das conquistas e realizações dos trabalhadores; não permitiremos que a justiça e a legalidade constitucionais sejam letra morta.

Se for necessário, mostraremos, teremos de demonstrar a nossa força, unidade e solidariedade para com os nossos companheiros do Hotel Baía.

UNIDADE E SOLIDARIEDADE CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA!
A DIRECÇÃO

Geral

DESPEDIDA DE UM MINISTRO

Vitor Alves vai à TV

O major Vitor Alves, ministro da Educação e Investigação Científica deverá fazer na próxima segunda-feira, no programa da TV, «Momento Político», um balanço da sua actividade enquanto ministro de uma pasta difícil. A meritória actividade do básico, a identificação do 1.º ano dos cursos gerais já que existe o unificação, a educação de adultos, a colocação dos professores e finalmente a Universidade Aberta (por abrir e sem se saber para quando) e o Serviço Cívico a ser posto em questão como função e prática (se deve ser um ano vestibular, um «curso propedeutico» com actividades na comunidade, se um serviço cívico prestado no interior das escolas mas com actividades para a comunidade) devem ser alguns dos pontos a focar pelo ministro Vitor Alves durante os 25 minutos televisivos.

Despedida de um Ministro que se sentiu incapaz de reformular três faculdades como Letras, Ciências e Direito (assunto tantas vezes patente nas preocupações dos vários sectores do M.E.I.C.), de definir cabalmente o que vai ser a Fa-

culdade de Pedagogia.

Também o M.E.I.C. se viu a braços com o «numerus clausus» que terá de ser visto mais como uma impossibilidade de saída para os novos médicos que não têm onde estagiar do que da entrada de novos alunos que podem ser encaminhados para cursos para-médicos.

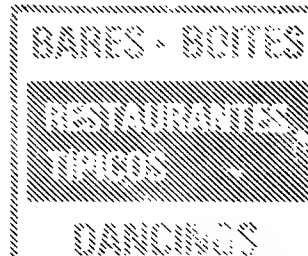
Urge sim resolver o problema da colocação nos novos médicos, do estágio que têm a fazer. A institucionalização do «numerus clausus» só a médio prazo poderá vir a trazer alguns benefícios. Até lá e no tipo de sociedade em que nos encontramos, o «numerus clausus» de acesso a Medicina virá funcionar como uma medida selectiva (sobretudo económica e social). Institucionalizar o «numerus clausus» é sobretudo fugir ao problema da incapacidade em colocar os novos médicos, em criar um Serviço Nacional de Saúde, que redefina a profissionalização médica numa perspectiva de justiça social e de serviço público.

Congelados

os bens de Champalimaud

Por despacho oficial, hoje publicado no «Diário da República», foram congelados os bens pessoais do conhecido capitalista António Champalimaud.

O mesmo despacho, do Ministério das Finanças, ordena também o congelamento dos bens de outros dois capitalistas, Luís Daun e Lorena, genro de António Champalimaud, e Luís Sousa Lino.



NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteaseuse.
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 264621/264946.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS METALÚRGICOS COMUNICADO

Mais uma vez se quer fazer pagar aos trabalhadores a crise do capitalismo.

Depois dos recentes aumentos de preços de vários produtos, depois de aumentos de impostos, surge uma nova tentativa para explorar os trabalhadores — os cortes de energia eléctrica.

Nós perguntamos ao Governo:

- É esta a melhor forma de poupar energia?
- Não será uma solução de facilidade?
- Desperdiçar energia não é também a realização de Festivais Aéreos?
- Quem foi consultado para dar opinião sobre estas medidas?
- Os trabalhadores não foram

E este Governo às portas da morte que nos responde? Através do Ministério do Trabalho sai uma nota tão ambígua como todas as anteriores.

E os patrões que fazem? Mais uma vez querem fazer pagar aos trabalhadores a solução de um problema que não decidiram.

As tentativas de alterar o horário de trabalho como forma de compensação de cortes de energia eléctrica, salvo casos excepcionais, acordados pelos Sindicatos e trabalhadores respectivos, terá a nossa firme oposição.

Alguns falam mesmo em descontar os períodos de corte de energia nos salários.

Isto é roubar os trabalhadores.

Nós perguntamos:

— Alterar os horários de trabalho não será, para o patronato, uma maneira habilidosa de passar por cima da necessidade de fazer restrições ao consumo de energia?

É que para estes senhores o interesse nacional só serve para prejudicar os trabalhadores!

Porém estes não se deixarão enganar.

Os trabalhadores sabem que o interesse nacional é o interesse da maioria dos Portugueses; e o interesse dessa maioria é a dos trabalhadores deste País.

As direcções dos Sindicatos Metalúrgicos de: AVEIRO, ALENTEJO (BEJA e ÉVORA), BRAGA, CASTELO BRANCO, COIMBRA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SETÚBAL, e VISEU.

Lisboa, 7 de Julho de 1976



COLÉGIO DOS OLIVAIS INFANTÁRIO INFANTIL PRIMÁRIO

FAÇA JÁ A SUA INSCRIÇÃO DEFINITIVA

Telefs. 316683/317621

DENTAUREO LABORATÓRIO DE PROTESE DENTÁRIA, LIMITADA

17.º CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

NOTÁRIO LIC. ANTÓNIO MANUEL GONÇALVES SALDANHA

L. Certifico para fins de publicação que por escritura deste cartório de dezasseis de Fevereiro ultimo lavrada de fls. 98 a fls. 99º do livro nº 160-8 foi constituída a sociedade em epigrafe que adoptou o pacto constante dos seguintes artigos:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação «DENTAUREO — LABORATÓRIO DE PROTESE DENTÁRIA, LIMITADA», fica com a sua sede em Lisboa e estabelecimento na Rua da Prata, número cento e quatro, terceiro, direito tem hoje o seu início e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO

O objecto da sociedade é o exercício da fabricação de prótese dentária, podendo, todavia, exercer qualquer outra actividade em que os sócios acordem.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro que já deu entrada na caixa social é de TREZENTOS MIL ESCUDOS e corresponde à soma de duas quotas iguais, sendo por isso de cento e cinquenta mil escudos a quota de cada um dos sócios Vitor Hugo Justo dos Santos e José Joaquim Gomes.

QUARTO

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO ÚNICO — Para obrigar validamente a sociedade em todos os seus actos e contratos é obrigatória e necessária a intervenção de dois gerentes.

QUINTO

Na cessão de quotas a estranhos, a sociedade em primeiro lugar e o sócio não cedente em segundo lugar, terão direito de preferência.

SEXTO

Qualquer dos gerentes poderá delegar os seus poderes de gerência no outro sócio.

SÉTIMO

Quando a lei não exigir outras formalidades, a convocação da assembleia geral far-se-á por carta registada, dirigida aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

2. Mais certifico que a presente fotocópia que se contém em três folhas vai conforme ao original assim como a parte certificada e nada contém em contrário do que fica certificado e fotocopiado acnando-se na escritura devidamente ressalvadas as entrelinhas e as rasuras.

Lisboa, e Décimo Sétimo Cartório Notarial 1 de Março de mil novecentos e setenta e seis:

O Ajudante do Cartório — (Manuel Pereira)

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO 18º
COIMBRA 18º
PORTALEGRE 25º
LISBOA 22º
FARO 26º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.55 3,9 m 8.34 0,9 m

15.17 4,2 m 21.05 0,8 m

Dia 11

3.46 4,0 m 9.20 0,8 m

16.05 4,3 m 21.49 0,7 m

Dia 12

4.33 4,0 m 10.02 0,8 m

16.50 4,3 m 22.31 0,7 m

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo com excepção do Algarve onde poderão ocorrer trovoadas com períodos de forte nebulosidade na costa costeira durante a tarde e princípio da noite enfraquecendo o vento para as regiões do interior.



AMANHÃ

NAScer AS 6,21' OCASO AS 21,03



palavras cruzadas

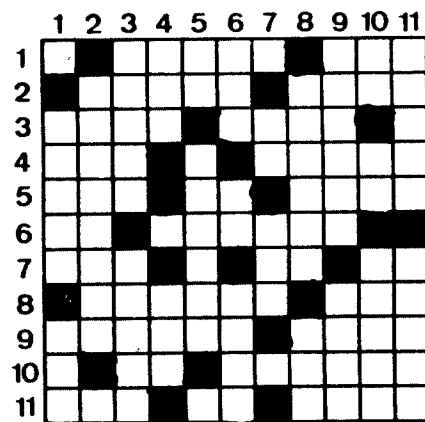
HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Demónio. Óxido de cálcio.
- Carril de caminho-de-ferro. Prevê.
- Primor. Zombes.
- Larva das feridas dos animais. Agita.
- Levanto. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. A Pérsia.
- Pronome pessoal. Coaxa.
- Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Fútil.
- Pulga do pé, pulga penetrante (Bras.). Possui.
- Deslisar. Iguaia de peixe (T. de S. Tomé).
- Nesse lugar. Bagagem (pop.).
- Oceano. Duas vogais desiguais. Reino da Federação Indochinesa.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11 414



VERTICAIS:

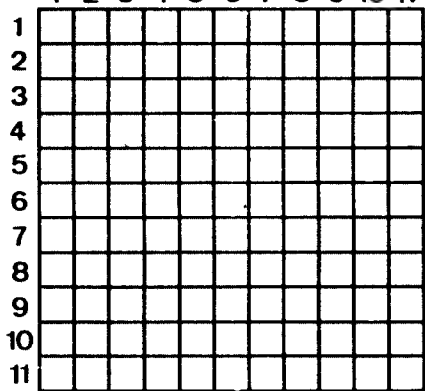
- Em grande quantidade. Posição.
- Volta.
- Distrito da antiga Índia Portuguesa. Curar.
- Rei lendário de Tróia, neto de Dárdano. Acreditei.
- Para que. Tempo do verbo ser.
- Botequim. Aqui. Seta.
- Seguia. Pronome possessivo.
- Antiga região da Itália central. Óxido de cálcio.
- Unira por casamento. Acto ou efeito de talar.
- Prefixo que designa afastamento. Nota musical. Idoso.
- Pancada. Causas amou a.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7574

HORIZONTAIS:

- Vila e concelho do distrito de Faro. Pessoa indolente (fig.).
- Irra! Luz da Lua.
- Fecho as asas para descer mais depressa. Vende a crédito. Arara.
- Aqui. Invólucro. Amónio (s.q.).
- Equipar. Olvida.
- Por longe.
- Fecha. Vagueiam.
- Nascimento de um astro. Ilha do Pequeno Belt.
- Medida de superfície. Liga. Oferecer.
- Moeda americana. O mesmo que almeida.
- Cidade do Japão. Globulos.



VERTICAIS:

- Bocado pequeno. Filtrado.
- Preparar com ópio. Enganos.
- Boi selvagem. Insiste (fig.).
- Vã. Viatura. Actínio (s.q.).
- Pândega. Larva das feridas dos animais.
- Lirio. Prefixo de privação.
- Vai em socorro de alguém. Unidade de trabalho.
- Artigo definido (ant.). Estimular. Erbio (s.q.).
- Transpira. Propaga.
- Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Guardado de arames.
- Fio metálico. Resides.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 413

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- Ac. LIGAR. Va.
- Olaia. Rumem.
- Sana. Pr. ONU
- Ruça. Atiga.
- Vaias. Ref.
- to. Sa. Cuada.
- Fa. Os.
- Partira.
- Calareis. És.
- Ara. Emas. Só.
- Saram. Mal.

- AOS. Vim. Cás.
- Clarão. Pará.
- Anui. Calar.
- Liaças. Rã.
- Ua. Asa. Trem.
- Fiem.
- Arrancariam.
- Ru. Assa.
- Moir.
- VENCEDORES.
- Amuarias. Sós.

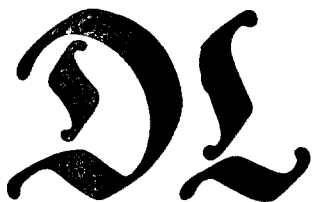
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7573

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- Beta. Amolar.
- Rosca. Anu.
- ANI. Lista.
- Ga. Oca. Içar.
- Amura.
- Amadura.
- Cl. Rim. Mana.
- Ode. Aootos.
- Lama. Erras.
- Ac. La. Ras.
- 110s. Amo. Caso.

- Braga. Colmo.
- Na. Aida.
- Tri. Am. Ema.
- Ao. Omar. Aca.
- Sacudir.
- Ac. Arum. Elo.
- Mal. Ar. Ara.
- II. Amor.
- Lasca. Aia.
- 10Anos.
- 11Ruara. As. Só.

Provérbio: LUGAR AOS VENCEDORES.



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A. R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍGDA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Em Aveiro

P.S. define-se perante C.D.S. e P.P.D.

A secção de Aveiro do P.S. emitiu um comunicado reafirmando posições assumidas durante a campanha para as eleições presidenciais e as razões políticas que lhes assistiram. O texto responde a dois comunicados, um do CDS, outro do PPD, criticando o PS em Aveiro pelas posições oportunamente assumidas. Oportunamente, lembra-se, o PS e a JS em Aveiro decidiram não participar em actos públicos lado a lado com o CDS, preferindo realizar a campanha partidária de apoio a Eanes com relativa autonomia. «O CDS não tem razões para estranhar as reservas apresentadas pelo PS em Aveiro a certas iniciativas conjuntas programadas para a cidade», diz o texto. «Desde logo, acontece que não podíamos ter esquecido a indole político-social de alguns partidos que apoiavam aquela candidatura».

O PS distingue especialmente o CDS e diz que esta organização «alberga, conhecidos colaboradores e simpatizantes do regime marcelista, quer a nível nacional, quer a nível regional». A nível nacional, diz o PS que o secretário-geral do Partido do Centro «foi alto dirigente na organização da extinta ANP — como ficou esclarecido na Assembleia da República, em 4/6/76, e pode ler-se no respectivo «Diário das Sessões». A nível regional, o PS diz que

um dos deputados do CDS pelo círculo de Aveiro «ainda há pouco se afirmava nesta cidade de «perfeitamente identificado com a orientação política de Marcelo Caetano» — como pode ler-se em «O Primeiro de Janeiro» de 21/6/76». Diz ainda o PS: «os socialistas de Aveiro não aceitam reprimendas nem «lições de democracia» de quaisquer dirigentes do CDS — mesmo daqueles que não tenham sido colaboracionistas do fascismo».

Muito embora dizendo que «só o PS e o PPD podiam apoiar com coerência» Ramalho Eanes (lembrando que Eanes se apresentava como defensor da Constituição, que o PPD aprovara, quando o CDS votou contra), o PS nem por isso deixa de responder ao PPD. «Também o PPD deu um ar da sua graça ao elaborar um outro comunicado de crítica ao PS de Aveiro — diz o PS: — Compreende-se a sua idêntica intenção de colher louros na vitória do general Ramalho Eanes — que legitimamente apoiou, depois de cinco sucessivos noivados com diversos presidenciais. Pelos vistos, o partido de Sá Carneiro e Mota Amaral (o açoriano que o «25 de Abril» apanhou em plena Assembleia Nacional fascista) não consegue realmente ultrapassar os complexos originados pelos maus resultados eleitorais para a Assembleia da República».

Suárez e Soares vistos pelo «Guardian»

LONDRES, 10 (ANOP) — «O «señor» Suárez e o senhor Soares não deverão ficar muito satisfeitos se a semelhança de nomes levar a qualquer confusão acerca dos seus objectivos ao assumirem o cargo de primeiro-ministro de Espanha e de Portugal, respectivamente» — escreve hoje em editorial o diário londrino «The Guardian», que prossegue:

«Ambos os cargos são difíceis, por razões bastante diferentes, e o «señor» Suárez é o menos bem definido. Foi empossado pelo rei Juan Carlos por escolha do Conselho do Reino, nomeado pelo falecido generalíssimo Franco.

«Aos olhos do Conselho, de qualquer modo, o seu papel é assegurar que a liberalização que ocorre em Espanha continue de modo a que a ordem estabelecida possa dominar. Que este ritmo é demasiado lento para o povo espanhol pro-

va-o a recusa de duas destacadas figuras liberais, José Maria Arelliza e Manuel Fraga Iribarne, em participarem no seu governo».

Referindo-se em seguida a Portugal, considera:

«Em Portugal, o dr. Mário Soares tem a tarefa mais construtiva de redimir a revolução dos seus «excessos», restituindo alguma disciplina a uma economia que se aproximou do caos e criando o estado socialista democrático a favor do qual votou a grande maioria do Povo português e ao qual os restantes, à excepção da extrema-esquerda e direita, deram o seu consentimento resignado». E o «Guardian» conclui assim, o seu ponto de vista:

«A sorte de Portugal dependerá quase inteiramente do grau de cooperação que for conseguido entre o dr. Soares e o novo Presidente, general Eanes».

«Os Factos e os Números da Economia»

O artigo que ontem publicamos na rubrica «Os Factos e os Números da Economia», de J. Cândido de Azevedo, deveria ter incluído um subtítulo do seguinte teor: «A direita procura levar o P. S. à conciliação com o capital». Por la-

mentável «gralha» o referido subtítulo sofreu uma modificação que, embora pequena, foi o bastante para lhe alterar completamente o sentido, deixando de corresponder inteiramente ao pensamento do autor. Aqui fica a rectificação.

Comércio Externo

Os tempos difíceis não terminaram

Os últimos dados globais, com carácter provisório, sobre a evolução do comércio especial do nosso País durante os primeiros quatro meses do ano em curso, divulgados pelo I.N.E., mostram que a tendência manifestada em 1975 prossegue fundamentalmente, com uma quebra bastante acentuada nas nossas importações, acompanhada por uma diminuição, embora menos sensível, das nossas vendas além-fronteiras.

Esta situação, se por um lado poderá permitir uma baixa do défice da balança comercial, a exemplo do que aconteceu o ano transacto, é devesas preocupante, não só pela diminuição das nossas exportações, como, também, pela redução significativa das nossas importações, já que tudo leva

a crer que não são os produtos de luxo ou não essenciais que estão a pesar nessa redução, mas sim os bens de equipamento, o que é particularmente trágico num período em que carecemos de renovar equipamentos obsoletos e de relançar a actividade económica.

No que diz respeito às antigas colónias portuguesas, esta situação põe como tarefa urgente o reatar de conversações e de relações normais com aqueles territórios, já que as posições que continuamos a perder nas ex-colónias dificilmente serão recuperáveis se, a muito curto prazo, um grande esforço não for levado a cabo para esclarecer mal-entendidos, clarificar situações e, respeitando os interesses de uns e de outros, se restabelecerem relações comerciais,

além das de outro tipo, ao nível do possível e do desejável.

No que diz respeito aos números e às percentagens, verificamos que, no final do primeiro trimestre do ano em curso, as importações totalizavam 26.590 milhares de contos, enquanto as exportações montavam a 13.057 milhares de contos.

No final deste período, a importação em percentagem revela uma diminuição de 6,4 por cento, e as exportações uma quebra de 1,5 por cento.

Os números relativos a Abril confirmam com mais força esta tendência, já que as importações registaram uma baixa de 31,1 por cento e as exportações uma quebra de 3,7 por cento. De notar, no entanto, que a taxa de cobertura em percentagem da importação foi

de 64,3 por cento quando em Março havia sido de 49,1 por cento e em Fevereiro de 45,0 por cento. Para esta evolução bastante favorável da taxa de cobertura em Abril deverá ter contribuído fortemente a importante quebra registada no valor total das nossas importações.

Um outro elemento das estatísticas agora publicadas que importa destacar é o que diz respeito à tendência do nosso comércio especial com as ex-colónias, já que essa tendência revela uma quebra brutal do nosso comércio com aqueles territórios. De facto, de Janeiro a Abril do ano em curso as nossas importações provenientes das ex-colónias sofreram uma baixa de 30,6 por cento, enquanto as nossas exportações registaram uma quebra de 59,0 por cento.

NO PORTO

Cumpriram a ordem de despejo e reocuparam a mesma casa

PORTO, 10 — «Isto é uma miséria», foi o desabafo de um dos inquilinos de um velho casarão existente na Rua de Barros Lima, 731, casa 10, na manhã de ontem, na altura em que um oficial de diligências fazia cumprir a ordem de despejo dimanada do 2.º Juízo Civil do Porto. Naquela casa vivem há anos 13 famílias, num total de 33 pessoas, entre

crianças e velhos. Em 1973, o senhorio, António da Silva Magalhães tentou uma acção de despejo à subaluga Maria das Dores Teixeira. Esta porém, abandonou a casa. Os restantes moradores começaram, daí em diante, a depositar as rendas na Caixa Geral de Depósitos. Isto, contudo, não obsteu que o senhorio tentasse junto do tribunal fazer cumprir a sen-

tença pronunciada em 73 e pôr os inquilinos na rua. Durante dois anos os moradores viveram horas de incerteza e intranquilidade. Uma nova inquilina, Maria Leonor Pereira, que para ali foi viver há cerca de um ano, tornou-se, entretanto, a figura central neste conflito. Metendo requerimentos no tribunal para adiar a ordem de despejo e indo ao Governo Civil expor a situação dramática de todos até que o dr. Cal Brandão lhe garantiu como nos disse que tudo se arranjaria da melhor forma. Assim, confiantes na palavra do governador, os moradores procederam na manhã de ontem à retirada dos seus haveres do casarão de 18 divisões onde a antiga subaluga auferia mais de quatro mil escudos mensais nas rendas que cobrava pagava 1950\$00 e recebia dos inquilinos importâncias que totalizavam 6000\$00.

Horas depois de consumado o despejo, o governador civil requisitava a casa ao senhorio. De novo os moradores voltaram a colocar os seus haveres nos seus lugares.

Associações de Pais falam no Telejornal

Representantes de Associações de Pais falarão hoje no Telejornal, segundo notícia de um matutino, das razões que lhes assistem e da sua «obra».

Consideradas já como a CAP do ensino, as Associações dos Pais têm sido contestadas por todas as forças progressistas, pelos professores e alunos. Com efeito, representando apenas alguns pais com um bem definido estatuto económico e social, não chegando a representar 10 por cento dos pais dos alunos deste país, as Associações de Pais têm desenvolvido uma acção que mais se considera de ingerência no funcionamento democrático das escolas que apoio às comissões de gestão, que de defesa (têm preferido o ataque) à gestão democrática das escolas.

«CAP dos Pais», num recente

Cadáver entope canos

Uma empregada doméstica de serviço numa residência da Avenida Pedro Álvares Cabral, foi autora confessa de um crime de infanticídio na pessoa do seu filho recém-nascido.

De acordo com elementos recolhidos na Polícia Judiciária, ela teria morto o recém-nascido imediatamente após o parto, fazendo-o deslizar pela sanita da casa de banho. Aconteceu no passado dia 4 e só anteontem o crime foi descoberto, acidentalmente: a canalização ficara entupida e fácil foi verificar porquê.

te debate da TV foi condenada a sua acção e as suas intenções por dois pedagogos e por dois professores. Os alunos não tinham sido convidados a pronunciarem-se. Pelos pais estavam dois representantes. E a concepção de escola que apresentaram não será a mais coincidente com a sociedade que pretendemos construir, com os métodos pedagógicos que pretendemos praticar.

Trabalhadores suspensos processam direcção da RDP

A maioria dos trabalhadores da Radiodifusão Portuguesa, cujas suspensões foram levantadas no passado dia 4, sem que lhes fosse permitido reocupar as respectivas funções, pediu ontem no Ministério da Comunicação Social a sua reintegração ao mesmo tempo que participou disciplinarmente da direcção da RDP por violação da Constituição e do Código Penal no tocante ao direito ao trabalho.

Segundo estes trabalhadores — cerca de vinte — a direcção da ex-Emissora Nacional (actual comissão administrativa da RDP) além de infringir o artigo 52 da Constituição e o 188 do Código Penal, desobedeceu «às ordens do Ministério da Comunicação Social» «e cometeu nova inconstitucionalidade» ao perseguir, manifestamente, os trabalhadores, pelas suas ideias políticas.»

«De facto — sublinham — após sete meses de suspensão nada se conseguiu ainda provar contra estes trabalhadores, pelo que as arbitrariedades cometidas só por posições políticas se podem explicar».

Estes trabalhadores mostram-se ainda decididos a demandar, no futuro, criminalmente, os membros da direcção da ex-Emissora.

Desordens em Djibuti

PARIS, 10 (R.) Perderam a vida, pelo menos, dez pessoas em desordens que ocorreram hoje em Djibuti, a capital do território francês dos Alfares e dos Issas, segundo informou a rádio oficial francesa.

A rádio não revelou, porém, o que provocara as desordens ou quem estava envolvido nelas.

Eanes reuniu-se com os seus mandatários

O general Ramalho Eanes recebeu ontem à tarde, na sede dos seus serviços de candidatura, os elementos das comissões que trabalharam na sua campanha eleitoral, com os quais trocou impressões.

Anteontem Ramalho Eanes havia-se deslocado ao Porto para idêntico encontro com os mandatários da sua candidatura nos distritos do Norte do País.

Após a reunião Ramalho Eanes e os seus mandatários juntaram num restaurante de Belém.

RECEPÇÃO AO CORPO DIPLOMÁTICO

No dia 15, ou seja no dia seguinte à sua posse, o novo Presidente da República receberá os cumprimentos do corpo diplomático acreditado em Lisboa.

A cerimónia terá lugar às 18 horas no Palácio Nacional da Ajuda.

MENSAGENS AO PS

Continuam a chegar à sede nacional do PS inúmeras mensagens subscritas por organizações políticas congêneres ou afins e dirigentes políticos do estrangeiro: felicitam o PS pela vitória de Eanes e mandam palavras alusivas ao futuro de Portugal, que o próximo Governo PS vai administrar desde dentro de dias. A Esquerda Democrática do Equador, por exemplo, considera os resultados eleitorais das últimas eleições em que o general Eanes ganhou e diz que eles são «o fruto da luta consequente e franca do PS». Segundo o Gabinete de Imprensa desta organização, foram ainda recebidas mensagens do PSD da Argentina e do primeiro-ministro do Luxemburgo.

CDS NA TV

Oliveira Dias e Ribeiro e Castro serão os representantes do CDS na Assembleia da Televisão escolhidos pelo grupo parlamentar do partido «centrista». Suplente: Cunha Simões.

Ó Egas, Ó Egas

O «incrito varão do séc. XII» e chamado a esta pagina por uma questão de ajuste de contas, que nos leva a incluí-lo, e com destaque, no número daqueles que designámos por «macho ibérico» e que constituem o assunto predominante deste «SETE-PONTO-SETE».

Evocado nos dias que correm, o velho Egas Moniz, de comovente barão do pescoço, apenas poderia causar embaraço a quem hoje, na vida publica tanto promete, tomando o povo por Afonso VII.

Mas Egas vem cá por outro motivo: e que ele não se limitou a por o barão a volta do próprio pescoço, mas também o fez ao da mulher.

dona Feresa Afonso, que ate era filha de conde, embora estrangeiro. Os cronistas da época relatam que por essa altura o Egas «andava resabiado» das desconsiderações sofridas no paço real, e va de descoser a ira na propria mulher que tinha a mão, sob o pretexto de que tendo ela parido filhos seus «não ficaria impoluta neste respingar de lama».

Francamente, o Egas: então o que é isso, senão machismo português?

The image is a large, stylized map of the Americas, composed of a grid of text. The text consists of various words and phrases in different languages, including English, Spanish, and Portuguese, arranged to form the geographical shape of the continents. The words are of varying lengths and orientations, creating a complex, mosaic-like effect. The map is set against a dark background with a large, solid black circle on the right side.

sete
PONTO
sete



10 de Julho de 1976

**sete
PONTO
sete**

AGENDA SEMANAL  DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS



cinema

jorge leitão ramos

7

música

mário vieira de carvalho

14

livros

miranda rocha

15

discos

j. p. santos reis

16

teatro

carlos porto

17

artes plásticas

televisão

21



Coordenação de Mário Lindolfo

Lisboa, 10 a 16 de Julho de 1976

Díálogo

em

ponto

Você, leitor, convive diariamente com uma espécie animal infectada de uma praga contagiosa, pelo que daqui o advertimos a cuidar dos seus gestos, palavras, e, de um modo total, da sua própria maneira de ser, para preservar-se da contaminação.

É que eles — os da tal espécie — são muitos milhões e, embora em vias de extinção, ainda pululam nas cidades e vilas deste País. Obviamente, falamos do macho ibérico, embora, por razões de economia de espaço, limitados que estamos a estas páginas do SETE-PONTO-SETE, nos debrucemos apenas, aqui e agora, sobre o macho luso — a espécie que tem este País por «habitat».

Também abordamos hoje um tema em jeito de parábola: é a história do tuberculoso a quem o trabalho deu saúde, patrocinada pela Companhia dos Caminhos de Ferro de Lisboa.

De resto, ainda aqui encontra as habituais secções que lhe oferecem ideias de como ocupar o (pouco) tempo livre de que dispõe: cinema, teatro, música, artes plásticas, livros, discos, televisão e passatempos.

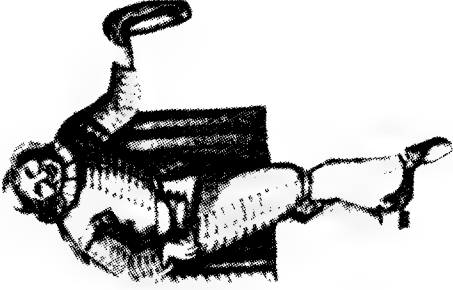
Quinta, 15

19.00 Naika e Babapapa
(desenho animado para os mais pequenos. Os adultos pensam que as crianças gostam de filmes assim: Babapapa, Fungaga, etc.)

19.30 Segredos do Mar Vermelho

(já não se pode confiar um segredo, que fazem filmes em série)

20.00 TV Paço



(Igrejas Caeiro, no seu tom característico, apresenta actividades teatrais a condizer)

20.30 Telejornal (1.ª edição) (ilustrada a preto e branco)

21.00 Jogos olímpicos



(«A Maravilhosa História» dos ditos. Os tempos mudam e agora, para as Olimpíadas em Montreal, o dinheiro que se vai gastar em medidas de segurança, dava para alimentar muitos milhares de famílias)

21.35 Padre Brown



(o único padre capaz de agarrar qualquer agnóstico ou ateu à televisão. Em termos de comédia, o Sherlock Holmes é um aprendiz de feiticeiro)

22.30 Actualidades

23.00 Telejornal (2.ª edição)

II Programa

2.00 A mulher de branco
(do romance de William Collins)

20.30 Em qualquer parte aprendemos
(de acordo. Neste caso há que aprender como é que os romanos mandavam o Mediterrâneo à procura de matérias-primas)

21.00 «O Caso Rosenberg» — 2.ª parte
(ainda se pergunta se os Rosenberg estavam inocentes)

22.30 Telejornal (tirado a stencil do TJ I, às 20.30 no I Programa. É a cara dele)



Sexta, 16

I Programa

19.00 O Cavalo de Terracota



(uma família inglesa à procura de uma estatueta em terras de África. Do mal o menos: pô-la-lhes ter dado para trazer cobre, ferro, café, diamantes, manganes...)

19.30 Azulejaria (programa dedicado aos azulejos)

20.00 Momento desportivo



(têm muito charme, os repórteres e locutores desportivos da nossa televisão)

20.30 Telejornal (1.ª edição)

(uma selecção das notícias do País)

21.00 Terra a Terra

Minha Gente



(sessão dedicada a Portalegre. Para os concorrentes mais distraídos: os habitantes de Portalegre chamam-se portalegrenses. V. dicionário Morais, 10.ª edição, volume VIII)

23.00 Telejornal (2.ª edição) (por hoje é tudo, de todos nos despedimos, e até amanhã se Deus quiser)

II Programa

20.00 Pippi das Meias Altas



(uma pippineira)

22.00 Telejornal

22.30 Uma Vida... Uma Profissão
(dedica-se às vezes uma vida a uma profissão, e depois... os reformados que o digam)



televisão

HORIZONTALS

1/7. RICHARD NIXON. 13. Escala. 14. Gamarias. 16. Pó. 17. Sênia. 19. Ps. 20. Li. 21. Pré. 22. Ao. 23. Ca. 24. Coa. 26. Rã. 27/29. TOM JONES. 32. Já. 34. Tomais. 35. Rupias. 37. Asir. 3. Ala. 39. Ai. 40. Beta. 41. Mi. 43. MILÚ. 46. Mo. 47. Aéreo. 50. Ara. 51. Crias. 52. Tocar. 54. Cia. 55. At. 56. Aiê. 57. Adoras. 59. Termos. 60. Opiar. 64. Ga. 65. Alargo. 66. Avia. 67. Secara. 72/7. AN-NA MOFFO. 76. Essa. 79. Sarsar. 80. Cró. 81. Aos.

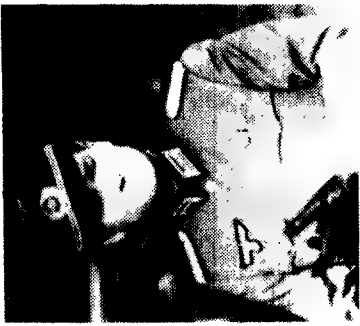
VERTICAIS

1. Repica. 2. Isola. 3. C. 4. Ha. 5. Al. 6. Raspa. 7. Nai. 8. Imana. 9. Xá. 10. Or. 11. Ni. 12. Assossemos. 15. Apara. 17. Er. 25. Om. 27. Tapa. 29/51. JOSÉ CID. 30. Omili. 31. Nara. 32/14. JULIET. 35. Rama. 36. Aa. 42. Pecum. 43. Ma. 44. Tr. 45. La. 46. Ma. 47. Ro. 49. Oaio. 53. Resol. 54. Carros. 55. Aterras. 57. Sua. 61. Pais. 62. Iras. 63. Ag. 64. Garfo. 65. Aa. 6. Emo. 69. Co. 70. Afa. 71. Soa. 73. Na. 74. N. S. 75. As. 77. A. C.

22.30 Telejornal (3.ª edição)
(com telecine) —
resumo filmado da ete-
pa do dia da Volta à
França)

II Programa

20.00 O Capitão Kloss



(o regresso de uma
série — dizem — a pe-
dido de muitas
famílias)

20.55 Coisas e Loisas
(realização de Antone-
lo Falguí)

22.00 Telejornal

22.30 Cinema de Animação



Segunda, 12

I Programa

19.00 Paulo e Virginia
(não é por nada, mas
parece que a Virginia
gosta do Paulo)

19.30 Teledesperto



(em trinta minutos)

20.00 Música
(pelo Grupo de Amado-
res de Música de São
João da Madeira)

21.05 Os Encantos de Medeira
(a peça de António Jo-
sé da Silva, pelo Grupo
de Trabalhadores de
Teatro da Casa da Co-
média. Não perca!)

23.00 Telejornal (2.ª edição)
(e mais não disse)

II Programa

20.00 O Sobrinho da América
(um dia destes, o jovem
ainda vende o cavalo e
compra um Ford Mus-
tang...)

20.30 Fundidores de Metais
(no programa Artes e
Ofícios)

21.00 Evasões Célebres



(tão famosas como as
do Zé do Telhado. Des-
ta vez: O Inspector
Lamb)

22.00 Telejornal
(em diferido, para não
ser diferente)

22.30 TV Jazz



(com a colaboração do
Hot Clube de Portugal)



Terça, 13

I Programa

19.00 A Ilha do Tesouro
(não confundir com
títulos do tesouro. Es-
ta, é a história de Ro-
bert Louis Stevenson)

19.30 O Regador Mágico
(são todos maus: o
gênio, o amo, o regador
e o dono da loja)

20.00 Com Todas as Letras
(isto é, de A a Z. Veja)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(o costume)

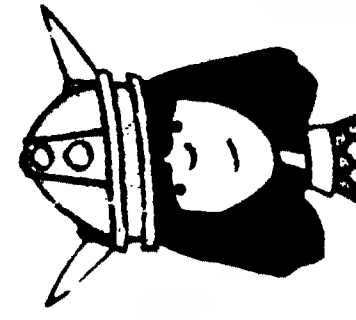
21.00 Pão e Vinho
(e vão dois episódios)

22.00 Debate
(debalde)

23.00 Telejornal (2.ª edição)
(últimas notícias)

II Programa

20.00 Wickie, o Viking



(voltando ao Adóque:
mais vale tê-los no ca-
pacete que na testa)

20.30 Os Goodies



(«good»: bom)

21.00 O Papa João XXI
(um exercício sobre
Sua Santidade, pelos
trabalhadores da Plani-
grafe)

22.00 Telejornal
22.30 Cenas de ópera
(tens o 2.º canal? É
bem feito!)



Quarta, 14

I Programa

19.00 Formação
(a responsabilidade vai
intertrinha para o Dep.
de Programas Juvenis
e Infantis da RTP)

19.30 Magazine
(nem por isso)

20.00 Educação permanente
Vamos jogar no Totobo-
la



(Filho Gouveia a pal-
piar)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(México, desenvolvido,
dinâmico, actual...
Bah!)

21.00 Programa do EMGFA
(muito marcial. De fa-
zer medo aos efébos a
caminho da tropa)

21.30 Noite de cinema



(é «A Vingança» do
bom do Juan Diaz que
apanhou dez anos de
cadeia por um ho-
micídio que não come-
teu. Lá aparece a Car-
men Sevilla, o Raf Val-
lone e o Jorge Mistral)

23.00 Telejornal (2.ª edição)
(Bah, bah!)

II Programa

20.00 O mundo de Wodehou-
se
(Trá bem, deixa)

20.30 Perspectiva claro/escu-
ro
(o título sugere lus-
co-fusco)

21.00 Sweeney



(a polícia inglesa a re-
solver os problemas à
tapona)

22.00 Telejornal

(o TJ / a Visar)

22.30 Sabe?



(como disse um filósofo
amigo, eu só sei que na-
da sei)



O macho ibérico é uma espécie em vias de extinção.

Actualmente existem uns 19 milhões de exemplares, tendo por «habitat» a superfície de Portugal e Espanha, limitada a um lado pelo mar e noutro pelos Pireneus. Episodicamente exportado para outros países do mundo, aí teve que adaptar-se a novas regras que transformaram as suas características não podendo portanto já ser incluído nesta designação.

No entanto, os 19 milhões que mexem dão ainda muito que fazer mas, em contrapartida, alimentam todo um mercado de consumo, que vai desde o material «porno» aos carros sport de trazer pela

rua.
Este exemplar tem por principal característica o uso imoderado da fala: noventa por cento da sua actividade (nomeadamente sexual) é só conversa. Sobre isto, adianta um psicanalista que consultámos: «Sexualmente, o macho ibérico é um impotente». As ocupações deste exemplar são: o piropo fácil, a apalpadela de raspão, o cozido à portuguesa, o futebol ao domingo, o bofetão no puto, o acelerador ao fundo, e a congestão aos 50. Um dos factores determinantes para a extinção desta espécie tem sido o raticida usado na sopa por esposas tranquilas.

outros exemplares. Dai que redobre de coragem quando sabe que está a ser apreciado por outro da sua espécie: sozinho, quando tem que enfrentar a «desconhecida», muitas vezes ele é atacado de súbita, e é frequentemente desastrado ou ridiculo.

O SEU INIMIGO ÍNTIMO

Desenvolvendo este tema, nada há que o macho ibérico mais odeie do que cair no ridiculo, devido a constituir para ele uma experiência recente. Durante milénios, ele foi impunemente ridiculo, sem que «desconhecida» ou «conhecida» se atrevessem a chamar-lhe a atenção para esse facto. Foram os tempos gloriosos da espécie.

brutalmente acabados com o ecodir da praga a que já fizemos referência e que é conhecida por «feminismo». São as feministas quem, de há um século para cá, se tem dedicado a apontar-lhe publicamente as mazelas, sem pejo nem piedade. Enquanto as mulheres, sobretudo a «conhecida», o proclamava deus, rei, e senhor, inconsciente chefe do clã familiar, guardião da honra doméstica, e outros epítetos bem sonoros, ele sentia-se o dominador do mundo e gostava de estar na sua pele. Agora, dizem-lhe que não é nem o mais forte, nem o mais inteligente, e, o que é de veras insuportável, nem o mais livre. A pontam-lhe, como exemplo a seguir, o macho de além-Pireneus, que procura conciliar os seus interesses

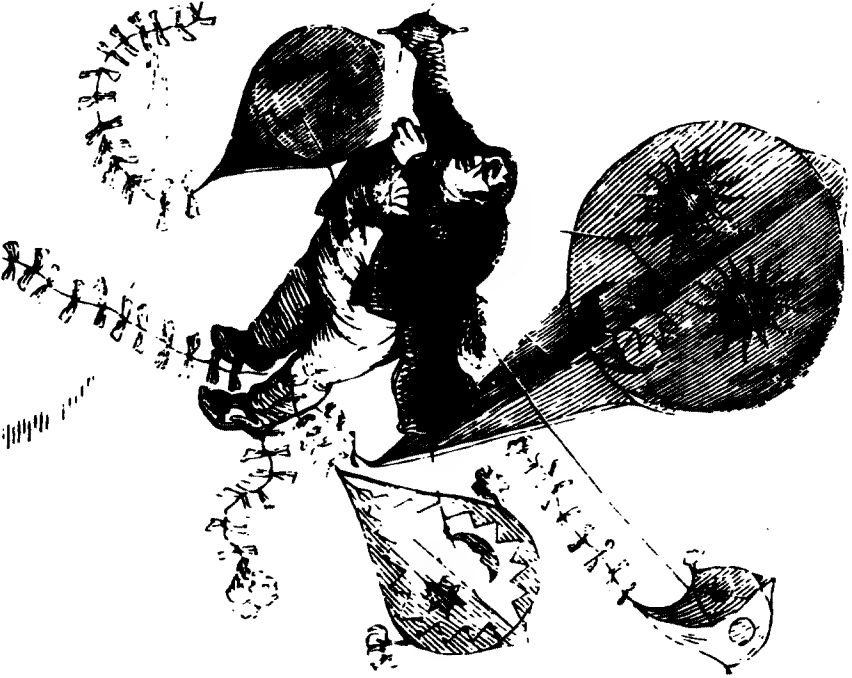
com os das mulheres, por uma questão de convivência pacífica entre as espécies. Mas, descendendo de Viriato e Egas Moniz, como pode ele aceitar que está em vésperas de ver que mudar de tática, para não perder a batalha? Um exemplar com quem discutimos este escaldante tema, ante a bruteza da realidade que lhe expusimos, eventual derrota, evocou Sidónio Pais e batendo no peito disse:

— Morro pela Espécie! E foi uma mulher que lhe lembrou que o Sidónio Pais nunca disse tal coisa.

NOTA: O leitor acostumado às estatísticas fiéis que os jornais diariamente divulgam, talvez se espante com o

número que citamos em relação ao macho ibérico: 19 milhões, e se pergunte como é que obtemos tais dados. Na verdade, insistimos neste número, do mesmo modo que o I.N.E. insiste naquelas que nos fornece a respeito do custo de vida. Assim, somando as populações de Portugal e Espanha, temos um número arredondado de 45 milhões. Sabendo-se que nos dois países ibéricos as mulheres são em maior número do que os homens, teremos assim 28 milhões de mulheres, e 20 milhões de homens. Deste número, subtruímos um milhão, que é uma concessão que fazemos aos homens progressistas da península, e nos quais gostaríamos de incluir o leitor. Restam-nos 19 milhões da espécie que designamos por «macho ibérico».

Sua Excelência



É a mulher quem o recorda, e antes disso já levantou os filhos, já lhes deu banho, bateu o leite em pó que o fresco custou os olhos da cara e não há, meteu o pão duro no forno para a torrada da manhã, e ainda de robe sobre os ombros e de chinelas cambadas, dá os bons dias a Sua Excelência. Ele acorda mal disposto, como de costume. Resmunga que os «putos» não o deixaram dormir, tu mulher passaste a noite a tossir, e acrescenta que um dia isto tem que acabar um homem não é de ferro, e fala ainda ao longo do corredor, atravessa os quartos, para diante da janela, esprenguica-se a entrada da casa de banho. Continua de mau humor, como de costume.

A mulher adianta-se-lhe para a casa de banho, a ver se tudo está em ordem para Sua Excelência, mas as crianças berçam, também a requisitam, e ela enerva-se e volta a tossir, pensa nos dinheiros que faltam, e por azar fala-lhe nisso, perdida toda a noção da feminina maneira de conviver com o macho.

Sua Excelência abre a boca de espanto: tu mulher já gastaste o dinheiro que te dei? Ela faz contas de cor, a escola dos miúdos, o arranjo da canalização, o gás, os preços a aumentar, e leva com a porta na cara. Sua Excelência não está para ouvir. Para mais, mulher, tu e os teus filhos custam rios de dinheiro.

sempre a precisarem de roupas e de comida e de remédios, mas por que é que um homem-se-casa? Sua Excelência está nitidamente de mau humor, como de costume. A água não está bastante quente, mulher desleixada

— Mas tu vestiste-a ontem, homem, comé que qu'rias...

Sua Excelência atalha. Uma mulher como deve ser, a mulher de um cidadão com as responsabilidades que ele tem, a casa, a família, o escritório, o clube, a cervejaria, os amigos, etc., tem a obrigação de saber que a minha camisa de sábado tem que estar pronta no sábado.

A mulher perde o juízo, e entretanto há um grito mais alto vindo da cozinha, corre a aquietar as crianças, enquanto Sua Excelência tem um breve sorriso de desdém e enfado. Arrumei-a, pensa. Já dizia o chinês: quando chegares a casa bate na mulher e ela lá se encerra de descobrir por que é que lhe bates.

A hora a que Sua Excelência sai de casa, pela manhã, já deixou atrás de si um dia estragado para quem lá ficou. Ao receber na cara o ar da manhã, ele para um bocadinho, enche os pulmões, vê a loiça que passa, aspira o fumo do primeiro cigarro do dia, e sente-se o conquistador do mundo. Então mete as mãos nos bolsos das calças e começa a assobiar a sua canção de sábado.

Quando Sua Excelência aparece morto com veneno para ratos, ingerido em suaves doses diárias na sopa, ninguém pode atirar como é que a mulher de um gajo tão porteiro, tão bacano, tão amigo do seu amigo, teve coragem para tanto. Todos a condenaram.



éxito oportunistas. Uma chamada especial para a execução dos acompanhadores. E para Carlos do Carmo, já se sabe.

cons. mínimo: 115 esc.

Adaga Machado (R. Norte, 91 tel. 36 00 95)



Marcia Condessa (Praça da Alegria, 38 tel. 36 70 93)

Destaque para uma figura histórica do Fado: Berta Cardoso. Estão nela os ecos de uma Lisboa antiga, constelada por artistas de primeiro grandeza que deram à «canção nacional» a sua carta de independência.

Pincho (S. do Monte, 43, à Graça tel. 86 75 18)

Alfredo Marceneiro (filho)

Marcia Condessa

Pincho

Na linha de uma tradição, o nome de Alfredo Marceneiro (filho). Loubet Bravo, artista com raízes na canção

Marcia Condessa

Pincho

programa. cons. mínimo: 86 esc.

A casa tem o nome, et pour cause de uma fadista de passado e de prestígio

Pincho



Arreda (R. Alexandre Herculano, 3 tel. 28 38 64)



Alfredo Marceneiro Beatriz da Conceição Zé Parcena e outros

Marcia Condessa

Pincho

Colaboração de amadores e artistas convidados.

Marcia Condessa

Pincho

Na clássica via popular da «canção nacional», o cartaz aqui é valorizado pelas intervenções dos espontâneos. Um convívio mais saudável e mais autêntico, portanto, com o inesperado a aguçar o

Marcia Condessa

Pincho

cons. mínimo: 60 esc. e 70 esc. (aos sábados)

Marcia Condessa

Pincho

Fala (R. Barroca, 56 tel. 36 93 87)

Marcia Condessa

Pincho



Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

gato, faca e guitarra

éxito oportunistas. Uma chamada especial para a execução dos acompanhadores. E para Carlos do Carmo, já se sabe.

cons. mínimo: 115 esc.



Marcia Condessa (Praça da Alegria, 38 tel. 36 70 93)

Destaque para uma figura histórica do Fado: Berta Cardoso. Estão nela os ecos de uma Lisboa antiga, constelada por artistas de primeiro grandeza que deram à «canção nacional» a sua carta de independência.

Pincho (S. do Monte, 43, à Graça tel. 86 75 18)

Alfredo Marceneiro (filho)

Marcia Condessa

Pincho

Na linha de uma tradição, o nome de Alfredo Marceneiro (filho). Loubet Bravo, artista com raízes na canção

Marcia Condessa

Pincho

programa. cons. mínimo: 86 esc.

A casa tem o nome, et pour cause de uma fadista de passado e de prestígio

Pincho



Arreda (R. Alexandre Herculano, 3 tel. 28 38 64)



Alfredo Marceneiro Beatriz da Conceição Zé Parcena e outros

Marcia Condessa

Pincho

Colaboração de amadores e artistas convidados.

Marcia Condessa

Pincho

Na clássica via popular da «canção nacional», o cartaz aqui é valorizado pelas intervenções dos espontâneos. Um convívio mais saudável e mais autêntico, portanto, com o inesperado a aguçar o

Marcia Condessa

Pincho

cons. mínimo: 60 esc. e 70 esc. (aos sábados)

Marcia Condessa

Pincho

Fala (R. Barroca, 56 tel. 36 93 87)

Marcia Condessa

Pincho



Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

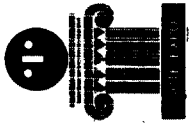
Marcia Condessa

Pincho

Lucilia do Carmo Carlos do Carmo Maria Albertina Maria do Rosário Arminda da Conceição Moniz Trindade

Marcia Condessa

Pincho



porto

Galeria Módulo
(Av. da Boavista, 854
tel. 694742)

Pinura de Helena Almeida e
Gravura portuguesa, francesa
e inglesa dos anos 60
Horário: das 16 às 20 e das
21.30 às 23.30 h. Aos sábados:
das 16 às 20. Domingos: das
21.30 às 23.30 h.

Museu Soares dos Reis
(R. D. Manuel II
tel. 27110)

Exposição de gravura
comemorativa do XX
aniversário da cooperativa de
gravadores portugueses da
Fundação Calouste
Gulbenkian (a partir de 15 de
Julho)
Horário: das 10 às 17 h.
Encerra às segundas.

Museu Fernando Castro
(R. Costa Cabral, 716
tel. 454625)

«A Banda Desenhada»
Horário: das 10 às 17 h.
Encerra às segundas.

Galeria Dominguez
Alvarez
(R. da Alegria, 117-1.º
tel. 23696)

Pinura de Jorge Martins (até
15 de Julho)
Guaches de Nadir Afonso (até
31 de Julho)
Horário: das 15.30 às 20 h.

Galeria Dois
(Av. da Boavista, 7070)

Pinura de Augusto de Barros
(até 31 de Julho)
Horário: das 15 às 20 h.
Encerra aos domingos

coimbra

**Museu Nacional
de Machado de Castro**
(L. Dr. José Rodrigues
tel. 23727)

Caricaturas de Carl Arnold
com colaboração da «Casa
Alema» (até fins de Julho)
Horário: das 10 às 17 h.
Encerra às segundas.

leiria

Galeria Capital
(R. Duarte Pacheco, 12-2.º
tel. 22499)

Aquarelas de César Abbot
(até 10 de Julho)
Horário: das 10 às 13, das 15
às 19 e das 21 às 22h

museus

Museu do Azulejo
(Anexo ao Museu Nacional de
Arte Antiga)
(Convento da Madre de Deus,
T. 21231)
Entrada gratuita.
Encerra às segundas-feiras.

**Museu-Escola
de Artes Decorativas**
(L. das Portas do Sol, 2
T. 62154)
Entrada: 2\$50. Grátis aos
domingos.
Horário: das 10 às 17,
domingos das 13 às 17.
Encerra às segundas-feiras.

Museu dos CTT
(R. D. Estefânia, 173-175,
T. 46122)
Entrada gratuita.
Horário: terça a sábado, das
15 às 17, domingos das 10 às
13.
Encerra às segundas-feiras.

Museu do Bombeiro

(Av. D. Carlos, Quartel do
B.S.B., T. 663141)
Entrada gratuita.
Horário: terças e sextas, das
15 às 17 e 30.
Encerra nos restantes dias da
semana.

teatro do bairro alto

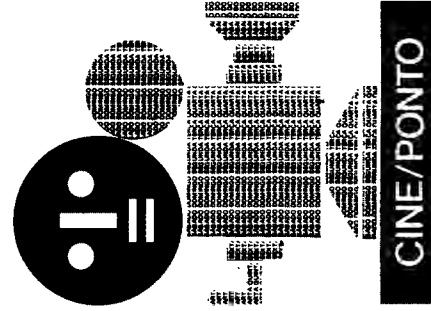
R. Tenente Raúl Cascais
1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15

Teatro da Cornucópia

As Músicas Mágicas

HOJE
às 16 horas
4.ªs-feiras e sábados
às 16 horas
(Para todos)

Museu Arqueológico
(Convento do Carmo,
T. 30473)
Entrada: 5\$00.



CINE/PONTO

QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?

de João César Monteiro
(Portugal - 1975)
Que faremos nós com este
filme? Quando o mais cinema
dito «político» é de uma afroz
inconsequência, na
generalidade, o César
Monteiro sai, em pleno calor
revolucionário (a Primavera
de 1975) com este filme
e enormemente lucido, onde se



prova, de uma vez por todas,
que este povo não é redutível
a simplismos abstratos, que
sim e a memória do que somos
envolve um prodígio friso onde
cabem prositutas e pastores,
operários e intelectuais,
embarcados que somos neste
canto da Europa a empurrar
e a questionar o passado e o
futuro.
Cinema Universal
(não ac. men. 13 a.)

TRINITA COW-BOY INSOLENTE

de B. Clucher
Após as 60 semanas de que
falamos as folhas de bilheteira,
eis que regressa este filme, e
em dois cine-mas. Trata-se
«como toda a gente sabe» de
um feliz cruzamento entre o
western e a banda desenhada,
ou seja, por outras palavras,
Astérix e Obélix travestidos
de cow-boys no velho Oeste
americano. Uma comédia
plena de humor (cada vez
mais raro nas comédias...)
Cinemas Avis e Roxy
(não ac. men. 13 a.)

MÁSCARAS

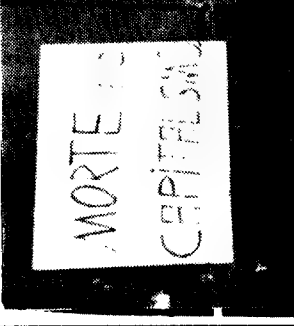
de Nômia Delgado
(Portugal - 1975/76)
Um filme português realizado
por uma mulher a tentar fixar
na barreira. De novo
apresentado
envergadamente em duas
sessões do A.R.CO. Bieres. De
figida Uma obra com
qualidades e defeitos e a
vontade que está à vista. Um
quase projecto, apanhá uma
obra se possível for tratá-lo
com carinho numa mesa de
montagem, «Máscaras» é,
para já, a imagem e o som
directos sobre pedações



arrancados à cultura popular.
Mais um filme português para
a priveteira por falta de
apoio?
Em exibição no A.R.CO
(rua Santiago, 1) - ao
miradouro de Sta. Luzia)
Dias 14 e 15 - 21.30h

O FUNERAL DO PATRÃO

de Eduardo Gueda
(Portugal - 1975)
«Sobre texto de Dario Fo»,
adaptado às circunstâncias,
Eduardo Gueda realizou, para
a RTP, este filme que vai ficar
exemplar de um certo modo
de (não) entender o que é a
intervenção política através
do cinema. Espelhando até os
erros da própria esquerda, no
espaço mais geral do
quotidiano, «O funeral do
patrão» aposta no
imediatismo pouco mais
fazendo que um lamentável
estudal de lugares-comuns
onde, embora se pressintam as



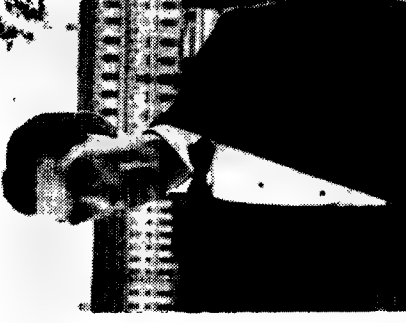
mais nobres influências
estéticas (das cegadas
populares ao teatro de revista
e a Godard), falta a global
unidade e, sobretudo, a
reflexão.
Cinema Universal
(não ac. men. 13 a.)

TRAS-OS-MONTES

de António Reis
e Margarida Martins
Cordeiro
(Portugal - 1974/75)
Em ghetto, sem sequer ter
direito a cartaz no exterior,
apenas suportado.
«Trás-os-Montes» segue,
de vagar, o seu calvário
solitário. E o destino
esemplar do cinema
português. Legislação a
proteger, não há. Garantias de
exibição por esse país fora,
também não. Entretanto lá
vai sendo aguentado, esmoreci,
assim como quem pede
desculpa de ter vindo ao
mundo.
Não é por ser falado em
português que é indigno o que
se está a passar com o nosso
cinema. E porque, na maioria
dos casos (no caso de
Trás-os-Montes) vale dez
vezes mais que os produtos
que se despejam no mercado.
É porque, deste modo, é inútil
falar de cultura popular, de
património, de independência
nacional.
Cinema Satélite
(para todos)

O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD

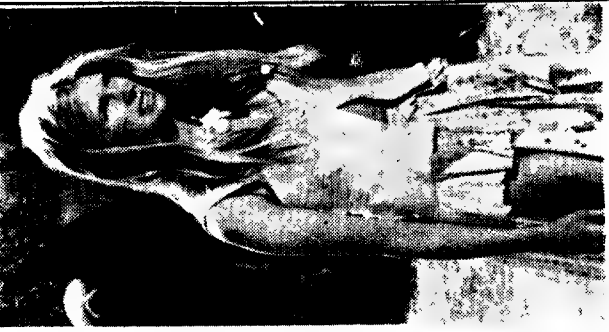
de Alain Resnais
(França - Itália - 1961)
Contra os aristocratas de todos
os matizes. «O último ano em
Marienbad» é hoje ponto de
referência inulduel para os



últimos quinze anos de
cinema. Revisto, agora, sem a
paixão das polémicas acasas,
é um percurso que se
classifica sem se cristalizar,
é um espelho claro para o
nosso imaginário, a sombra
divina de muitas paixões de
amor, do desejo, do tempo que
se queria, assim, fluído e
ineclicável, presente de
todos os tempos fundidos no
instante já.
Belo como uma estátua ou
como um jogo estranho ou,
ainda, como o rosto de
Delphine Seyrig, gloriosa, «O
último ano em Marienbad» é
o momento perfeito entre a
aventura, o medo, o amor e
a morte.
Cinema Tivoli
(não ac. men. 13 a.)

O SOLDADO AZUL

de Ralph Nelson
(USA - 1970)
Cartazes de inda desmuda e
amarrada sobre a praça. Há
uns anos (quando da estreia)
era o paralelismo com My Day



que se promovia. Hoje, como
se vê, é outra coisa. Mudam-se
os tempos, mudam-se os
métodos de encaixar. Um
filme com pena dos índios,
com pena dos vietnamitas.
Um western mediano.
Cinema Condes
(não ac. men. 13 a.)

QUO VADIS

de Mervyn Le Roy
(USA - 1951)
Uma super-produção com os
amores de Robert Taylor e
Deborah Kerr no reino
impagável do Nero (Peter
L'istino). Uma representação
que se queria transparente e
afinal se mimia a si própria.
Listinô, pelo menos, sabia
isso. O pegador de todos
português que dobrou a cena
de Urzus na arena, também.
Cinema Caleidoscópio
(não ac. men. 13 a.)

E TUDO O VENTO LEVOU

de Victor Fleming
(USA - 1939)
Em tempo de verão, prodígio
em sol, é notável que a
reposição de um velho clássico
de 1939 esteja a obter o
sucesso que está à vista.
Forçoso é reconhecer que
Clark Gable e Vivien Leigh,
lendários que já são na
memória do cinema, ainda
atravam muito o público, não
sabemos se por um fascínio
reto se por um qualquer
saudosismo. O público nem
sempre tem razão mas aqui
tem-na por inteiro.
Cinema Tivoli
(não ac. men. 13 a.)

A HISTÓRIA DE UM

PATIFE
de Stan Dragoti
(USA - 1972)

Não deixando a retórica do western clássico, antes tornando-o como ponto de constante referência (e ver por exemplo a banda de música), Stan Dragoti filma o pobre em "em um grupo", permitindo assim uma outra via do cinema americano. Filme por



isso, em nostalgia. A história de um patife não chega a matar os pais, mas raramente, como se o cordão umbilical fosse demasiado forte. É uma película extremamente dura, retrato de uma sociedade onde os próprios mitos se tornam um local de escravidão.

BARINHOS — QUEM TEVE MEDO DO PODER
POPULAR

(Portugal - 1975)

A paródia deste filme é a gente ir ficando para, ao menos, perceber o que se está a passar. A gente sabe logo, desde o início, que ali o que há e olho esperto para captar o tema «de esquerda» e filmá-lo como que num filme naturalista. La para o fim a gente percebe-se que as ideias de Luis Rocha são poucas menos que equívocos e que, no fundo, é que ele ainda é um pouco popular, burocratizado. Contundente, não é?

Cinema Estúdio

(não ac. men. 13 a.)

talento. É um breve papel de Peter Lore e o génio de Jerry Lewis a lutarem contra o nanúfrio. Que não se dá, pese o facto do baixo meter bastante digno.

Cinema Apolo 70

(para todos)

HÁ LÓDO NO CAIS

de Elia Kazan

É um homem contra todos com a lei pelo seu lado é, a partida, o clássico mito americano. Porém este filme não é tão linear como pode parecer e é exactamente nas entrelinhas, nas ambiguidades, nos planos subterfúgios que algo vai acontecendo. Onde se mostra que a consciência de classe é algo a construir-se. Onde se patenteia que a representação não é, finalmente, numa transparente evidência para o nosso olhar.

Cinema Gaieteiro - sala 4

(não ac. men. 13 a.)

INSOLITO DESTINO

de Lina Wertmüller

Ambiguo até ao fim, entre a comédia e a tragédia, o filme é o melodrama, expondo-se aos ataques mais diversos com um instigado despojado, jogando ao ataque e descurando a defesa, «insólito destino» é talvez, um dos mais estranhos



e perturbantes filmes em exibição. É um argumento insólito de mais para ser tomado a leia, actores de comédia que transformam o riso em lágrima fevaz, redigindo aguda em tenso, sobre o nome. É um filme a discutir.

Cinema Estúdio

(não ac. men. 13 a.)

Festival Jerry Lewis

Dia 10 As noites loucas do

Dr. Jerry

Pimores e raparigas

Dia 12 Jerry ama-seca

(cerca de 2.000 - Alges)

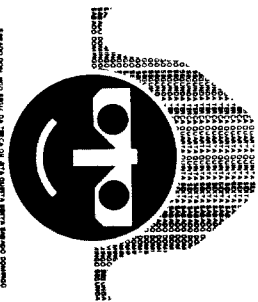


Com Max Ophüls e a sua «Lola Montes» o S. Luis vai fechar a sua temporada de cinema, sob os auspícios da Direcção-Geral da Acção Cultural. Temporada rica que abriu com a «Benilde» de Manuel de Oliveira e exibiu depois obras de Seixas Santos, Alain Tanner, Nagisa Oshima, Manuel Guimarães. Para além de uma retrospectiva deste cinema, um ciclo dedicado à Comédia Portuguesa é um outro (que hoje encerra) de Marcel Hanoun. Entretanto logo à noite ainda pode ver, deste cinema, «A Verdade sobre a imaginação, paixão de um desconhecido» leitura pessoalíssima do evangelho e das suas representações. É um cinema experimental a valer a pena conhecer.

Quanto a Ophüls e a «Lola Montes» dispensam apresentações. Chavonicamente é «um dos marcos da História do Cinema». Martine Carol em grande plano. A versão é a original e não aquela que os produtores remontaram, garantindo quem organiza. Entretanto outras coisas se passam nos próximos sete-dias-sete em matéria de cinema. Como a apresentação no AR.CO do filme «Mascaras» que a Noémia Delgado arrancou de Trás-os-Montes. É um documentário sobre alguns costumes e festas populares. Foi feito com muita força, uma equipa mínima o talento que havia e toda a vontade do mundo. É a primeira longa-metragem de uma das duas mulheres realizadoras deste país (a outra é a Solange Seixas Santos). Há quem diga que demorou muito a fazer e a necessitar uma montagem mais rigorosa. Importante é, porém, ir ver e discutir.

Outra das coisas que continua a acontecer é o «Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa. Abre-se ao dia 14 e ao «Péti soldat» do Godard. Hoje há um Alito sobre texto de Brecht e dia 15 os «Sérgens» de Ivory. Se quer saber quem era Chabrol há uns anos, domingo é o seu dia. Passa «As boas mulheres» com essa mulher prodigiosa que dá pelo nome de Bernadette Lafont.

Se mora para as bandas de Alges tem, no Cinema 2000 (a Miraflores) um ciclo Jerry Lewis. Hoje passa a sua obra máxima: «As noites loucas do doutor Jerry». Insustituível.



caixa do PONTO

TEATRO DA CORNUCÓPIA
(R. Tenente Raul Cascais, 1-A
tel. 661515)

AS MÚSICAS MÁGICAS

de Catherine Dasté

Aos sábados e às
quintas-feiras, pelas 16 horas,
um espectáculo para as
crianças especialmente
dirigido à sua capacidade de
imaginação. Com as reservas



que possamos fazer (e onde
estão os espectadores infantis
impulsos?), não podemos
deixar de recomendar este

espectáculo, ódis imperfeito
no perfeto deserto que é o
nosso teatro para crianças.

TEATRO ABERTO

(Pr. de Espanha tel 770969)

O CÍRCULO DE GIZ

CAUCASIANO

de Bertolt Brecht

pelo Grupo 4



Um espectáculo como é raro
ver em Portugal ou noutra
sítio: um grande texto que é
também um grande gesto
político, uma encenação que
não se diminui perante o
gigante, um trabalho
interpretativo que atinge
níveis raramente vistos entre
nós. Vê-lo e revê-lo antes
que se arrependa: depois terá
de se lamentar dizendo — que
pena, o «Círculo» já se foi
embora!

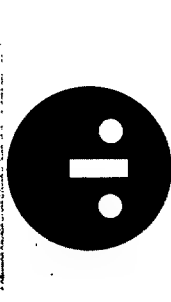
TEATRO VARIEDADES

(Parque Mayer
tel. 326037)

EQUUS

de Peter Shaffer

Uma peça que fala de cavalos.



ARTE/EXPO

Escola Superior
das Belas-Artes
(1. da Biblioteca Pública (oa
Chiado)
tel. 368174)

da sociedade de consumo e de
metafísica. Um bom naipe de
actores (com Eunice e Perry),
um bom espaço cénico, a força
de um espectáculo aqui fora
do costume. Vê-la para ver se
vale a pena ver.

ABC

(Parque Mayer
tel. 366145)

A VIDA É BOA

de Carlos Godinho

Este é que não vale a pena
ver para ver se vale a pena
ver. Realmente não vale a
pena ver!

CAMPOLIDE ATLÉTICO
CLUBE
(R. Marquês da Fronteira,
163-1.º
Tel. 6-23-33)
O GRANDE CIDADÃO
de Virgílio Martinho
pelo Grupo de Teatro de
Campolide

Hoje, sábado, pelas 21.30, e
amanhã, domingo, à mesma
hora — últimas
representações em Lisboa
deste belo espectáculo. Depois
de ter apresentado a peça de
Virgílio Martinho para 10 000
pessoas num total de 53
espectáculos, o grupo prepara
uma digressão pelos
arredores de Lisboa que
terminará no fim do mês. No
entanto, para os lisboetas são
as duas últimas
oportunidades para ver e
rever este aviso sobre o
fascismo em forma de teatro
escrito por Virgílio Martinho
e encenado por Joaquim
Bente.

ADOQUE

de Ary dos Santos, Braga
Santos, César de Oliveira,

Sociedade Nacional
de Belas-Artes
(R. Barata Salgueiro
tel. 41293)



Exposição colectiva de
pintores portugueses
Horário: das 10 às 13 e das
15 às 19 h. sábado encerra às
13. fecha aos domingos.

Galeria Interior

(R. Camilo Castelo Branco, 20
tel. 556589)

Pintura e tapeçaria de
artistas portugueses
Horário: das 10 às 17 h. As
quintas e domingos fecha às
19 h. Encerra às segundas.

Correia Martins, Ferro
Rodrigues, Francisco
Nicholson, Gonçalves Preto e
Joaquim Luis Gomes
Devidamente podada, a nova
revista do Teatro Aduque já
é ou virá a ser uma
demonstração da revista à
portuguesa depois do 25 de
Abril, ou seja, em liberdade.
Colocando-se resolutamente
na frente antifascista, «A
Grande Cêgada» reflecte ainda
o poder interventivo deste
tipo de teatro e o nível
atingido por esta companhia



TEATRO DE JZ CAUCASIANO

Grupo 4



Todas as noites
às 21 e 15
Sábados e domingos
às 15 e 30 e 21 e 15
Descanso à 2.ª Teia

Fundação Calouste
Gulbenkian
(Av. de Berna, 45
tel. 762146)

Exposição evocativa de
Calouste Gulbenkian pelo XX
aniversário da Fundação
(de 21 de Julho a 30 de
Agosto)

Gratili
(R. ua S. Filipe Nery, 42-1.º
tel. 454625)

Gravura, desenho e pintura de
António Carmo, Monteiro Gil
e Silva Palmeira (até 17 de
Julho)
Horário: das 10 às 13 e das
15 às 20 h. Encerra aos
domingos.



Continuação da pág. 15

funcionamento do discurso literário, mas defende-a apoiando-se num certo número de ideias e de trabalhos neste domínio prolongá-los, quer criticando-os. Aspira, pois, a ser, ao mesmo tempo que um ensaio de solução de uma questão fundamental, uma iniciação a um conjunto de noções e de problemas. Como lhe é impossível, dentro dos limites que se atribuiu, expor exaustivamente todas as questões suscitadas, conta com o leitor para preencher as lacunas reportando-se às obras citadas. Os trabalhos

sobre a linguagem literária tomaram, nos últimos tempos, uma tal amplitude que seria presunção crer que se pode tomar em conta todo o saber actual. E, portanto, uma visão parcial e provavelmente transitória que propomos aqui. Livro somente para



iniciados na matéria, referimo-lo porque, tal como Gramsci diz acerca dos intelectuais, entendemos que todos devem e têm possibilidades de ser iniciados nesta matéria. Como em todas as matérias, como em tudo. (Almedina, Coimbra).

MARIA TERESA DE MIMOS

«As Derradeiras e Fantásticas Narrativas ou o Amor na Cidade de Maria Teresa depois de mim», de Carlos Mota de Oliveira. Exercícios de escrita pelo menos interessantes, com algumas passagens para sublinhar e reter: «Mãe, dispa-se e entre neste morango»; «Dormimos na cabeça de um hipopótamo»; «Existe uma razão desesperante para que as virgulas sejam as mulheres mais inúteis da Primavera!»; «Alegríssimas saímos das

ondas e entramos nas laranjas»; «Atravessamos o Cemitério Onde Conversam As Derradeiras Imensas e Fantásticas Narrativas Nunca Tão Esquecidas e desejadas»; «Uma vida cheia a maçã assada com canela». São os primeiros enunciados de cada um dos seis textos de que se compõe este livrinho breve, onde o bom gosto alterna com o mau e o assim-assim. Vale a pena desfolhar este formato raro oito por quinze, não o deixar ir para o pó dos armazéns, facilmente perdível na barafunda de tantos livros a saírem dia a dia. É outro livro simpático, dir-se-á, na juvenidade da sua escrita certamente sincera e já com algum arrojo. Tem uma epigrafe de Brecht onde do «pobre B.B.» se lê: «Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas/ As margens que o comprimem». (Edição do autor, evidentemente).

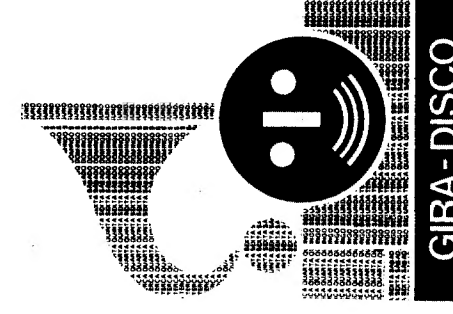
Kraftwet: a música "gelada"

rock. Começaram por formar um quarteto chamado «Organisation» e editaram o seu primeiro LP em 1970 na Inglaterra. Pouco depois Ralf and Florian juntaram-se a uma editora alemã e escolheram o nome de Kraftwet. No princípio de 1971 surge o primeiro trabalho dos Kraftwet com Ralf Hütter (piano, órgão, baixo, harmónica, chocalhos) Florian Schneider-Esteban (guitarra, viola, flauta, chocalhos, máquinas eléctricas) e ainda com o baterista Klaus Dinger e com Michael Rother (que, mais tarde, viriam formar os Nev). O som excêntrico das máquinas, com uma estranha manipulação electrónica, ressonâncias, efeitos de ecos e de si, uma dezena de anos do conservatório e Ralf tinha também 10 anos de estudos de piano. Ambos tinham já anteriormente tocado com diversos grupos de jazz e de

construída por Ralf Hütter. «Kraftwerk II» aparece no fim de 1971 e, de novo, as emoções são construídas a partir da repetição das figuras sonoras. O terceiro trabalho aparece sob o nome de «Ralf en Florian» onde verificamos, electro-acústica. O seu álbum «Autobahn» saiu em Dezembro de 74, e obtém um êxito comercial impressionante; quase podemos afirmar como sendo único em grupos «avand-gard» alemães. Todo o lado em é uma autêntica viagem através duma auto-estrada. Recentemente saiu um LP sob o título «Excelsior» e que reúne alguns temas deste grupo. Apenas uma coisa negativa, que reside no facto do tema «Autobahn» se encontrar muito curto e não nos transmitir as sensações da gravação anterior. O lado um completa-se com as faixas «Ruckzack», «Tongebirge», «Kristallo», e o lado dois engloba os títulos «Comet Melody 2», «Klingklang», «Von Himmel Hoch», e «Stratovarius».

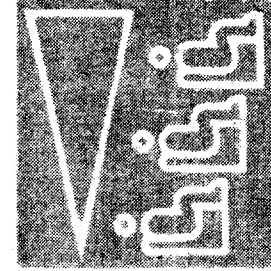


outra vez, todas as habilidades com o gerador de som, osciladores, filtros, feedbacks e aparelhos ecoparticulares da história



Continuação da pág. 15

Kraftwerk (central de energia eléctrica) tem como músicos principais Ralf Hütter e Florian Schneider; é oriundo de Düsseldorf. Com uma expressão extremamente mecânica e materialista, mas ao mesmo tempo «cósmica», eles criam os elementos sonoros que são conduzidos a um ciclo infernal hipnótico, onde a linguagem musical fica voluntariamente «gelada», originando assim novas formas de emoção. O ritmo é aqui muito importante, não um ritmo variado, não um ritmo propositadamente monótono, tocado segundo uma concepção lógica e própria de grupos alemães. Ralf e Florian, encontram-se no Verão de 1968 na Academia de Rensheid. Florian tinha, atrás de si, uma dezena de anos do conservatório e Ralf tinha também 10 anos de estudos de piano. Ambos tinham já anteriormente tocado com diversos grupos de jazz e de



Liberdade
(Av. de Roma, tel. 89 74 80)

— «As motos do Inferno» — (M/6)
com Steve MacQueen
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis 10-A, tel. 76 33 19)

— «O Herói do regimento» — (M/6)
um filme de George Marshall com Jerry Lewis
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h.

Arco Iris
(Portas de Santo António, tel. 36 17 00)

Sábado — «O Invenível Superman» — (M/10)
Domingo — «Maciste o homem mais forte do Mundo» — (M/10)
Segunda — «O Monge» — (M/18)
Terça — «Punhos de aço» — (M/18)
Quinta — «Um por todos e todos por um» — (M/10)
Sexta — «Escravos» — (M/18)
Sessões: 21.15 h.

Avis
(Av. Duque d'Ávila 45, tel. 4 71 63)

— «Trinitá cow-boy insolente» — (M/13)
com Terence Hill e Bud Spencer
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h.

Politeama
(R. Portas Santo António, tel. 32 63 05)

— «Malandrões ao Sol» — (M/18)
com Lando Buzzanca, Antonella Sten e Mita Medici
Sessões: 14.15, 16.30 19 e 21.15 h.

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa, tel. 79 41 41)

— «Quo Vadis» — (M/13)
com Robert Taylor, Deborah Kerr, Peter Ustinov e Leon Genn
Sessões: 14.45, 18 e 21.15 h.

Roma
(Av. Roma, tel. 72 91 92)

— «Emanuelle a antivergna» — (M/13)
com Sylvia Kristel
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Cinearte
(Lg. de Santos, tel. 66 04 46)

Sábado e domingo — «Para nós é canja» — (M/13)
Segunda e terça — «Obrigado avô» — (M/18)
Quarta e quinta — «Como caçar um marido» — (M/18)
Sexta — «A Estalagem do prazer» — (M/13)
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

Cinebolso
(R. Actor Taborada 27-B, tel. 57 34 07)

— «Relações escaldantes» — (M/18)
Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h.

Condes
(Av. da Liberdade 2, tel. 32 25 23)

— «O Soldado azul» — (M/18)
com Candice Bergen, Peter Strauss e Donald Preasence
realização de Ralp Nelson
Sessões: 14, 16, 18.45 e 21.15 h.

Eden
(Pr. dos Restauradores 21, tel. 32 07 68)

— «Elena sim mas... de Troia» — (M/18)
com Christa Lindner, Don Back e Peter Cauders
Sessões: 14, 16.30, 19 e 21.15 h.

Estúdio
(Al. Afonso Henriques 35, tel. 55 51 34)

Segunda — «Desejos de Verão» — (M/18)
Terça — «Daisy Miller» — (M/13)
Quarta — «O Soldado das sombras» — (M/13)
Quinta — «Selvagens» — (M/18)
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h.

Monumental
(Pr. Duque Saldanha, tel. 55 51 31)

— «O pequeno grande homem» (M/13)
com Dustin Hoffman
Sessões: 18.15, e 21.15 h.

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A, tel. 53 87 43)

— «Sexy Symbol o secreto amor da sua vida» — (M/18)
com Connie Stevens e Shelley Winters
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h.

Landres
(Av. Roma 7-A, tel. 80 13 13)

— «Insólito destino» — (M/13)
com Giancarlo Giannini e Mariangela Melato
Realização de Lina Wertmüller
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B, tel. 77 90 95)

— «Meninas de bem» — (M/18)
com Renee Saint Cyr e Noel Roquevert
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Jardim Cinema
(Av. Pedro Álvares Cabral, tel. 68 11 17)

Sábado — «Melody» — (M/6)
Domingo — «O Protesto» — (M/13)
Segunda — «O ABC do amor» — (M/18)
Terça — «O Homem da lei» — (M/18)
Quarta — «Rafael O

Libertino» — (M/18)
Quinta — «A Rebelde apaixonada» — (M/18)

Império
(Al. Afonso Henriques 35, tel. 55 51 34)

XIII Ciclo da Casa da Imprensa

Sábado — «A velha dama indigna» — (M/13)
Domingo — «As boas mulheres» — (M/18)

Odeon
(R. Condes 4-2.º, tel. 32 62 83)

— «A minha insaciável cunhadinha» — (M/18)
com Karin Well e Robert Wood
Sessões: 15.15, 18.15 e 21.15 h.

Paris
(R. Domingos Sequeira, tel. 66 22 30)

Sábado, domingo e segunda — «Emanuelle Negra» — (M/18)
Terça — «O Acontecimento mais importante depois do homem que chegou à Lua» — (M/6)

Quarta e quinta — «Toda a nudez será castigada» — (M/18)

Sexta — «O Curandeiro de alcova» — (M/18)
Sessões: 15.30 e 21.15 h.

Quarteto
(Av. E. U. América, tel. 77 13 78)

— «O pequeno grande homem» (M/13)
com Dustin Hoffman
Sessões: 18.15, e 21.15 h.

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A, tel. 53 87 43)

— «Sexy Symbol o secreto amor da sua vida» — (M/18)
com Connie Stevens e Shelley Winters
Sessões: 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h.

Landres
(Av. Roma 7-A, tel. 80 13 13)

— «Insólito destino» — (M/13)
com Giancarlo Giannini e Mariangela Melato
Realização de Lina Wertmüller
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B, tel. 77 90 95)

— «Meninas de bem» — (M/18)
com Renee Saint Cyr e Noel Roquevert
Sessões: 15.30, 18.30 e 21.15 h.

Jardim Cinema
(Av. Pedro Álvares Cabral, tel. 68 11 17)

Sábado — «Melody» — (M/6)
Domingo — «O Protesto» — (M/13)
Segunda — «O ABC do amor» — (M/18)
Terça — «O Homem da lei» — (M/18)
Quarta — «Rafael O

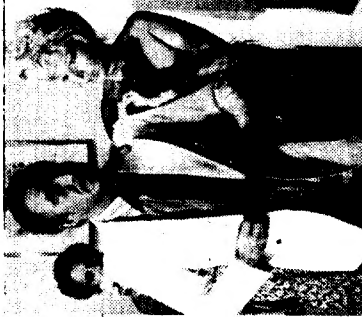


SALA 3
— «Sacco e Vanzetti» (M/13)
Sessões: 17, 19, 21.30 h

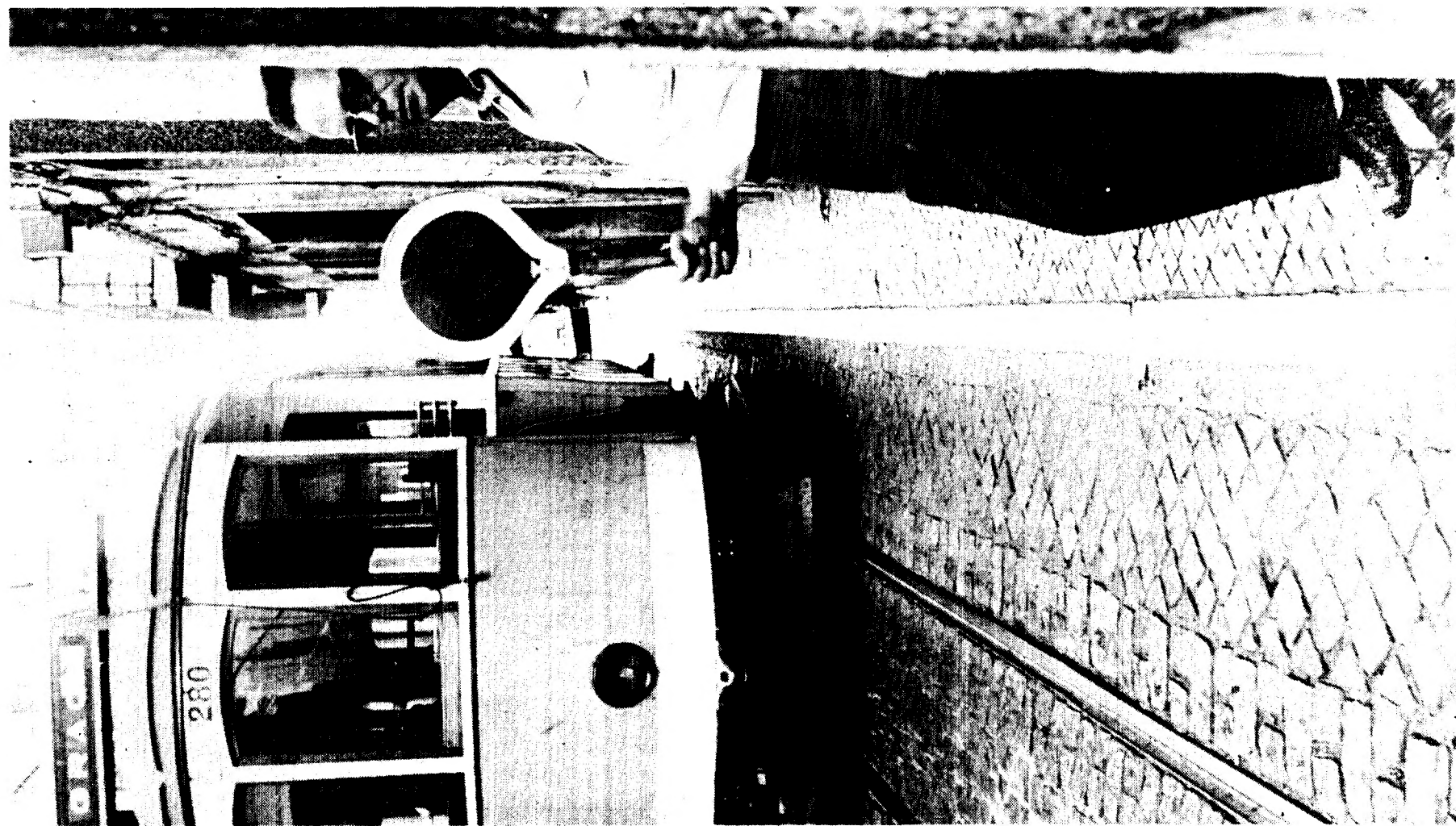
SALA 1
— «A história de um patife» — (M/13)
Realiz. Stan Dragotti

SALA 2
— «O último ano em Marienbad» (M/13)
Sessões: 17, 19, 21 h

SALA 4
— «Há todo no caos» (M/13)
com Marlo Brando
Realiz. Elia Kazan
Sessões: 17, 19, 21.15, 23 h



O homem que vê passar os eléctricos



De cinco em cinco minutos, passa um eléctrico pela estreitinha Rua das Escolas Gerais, à Graça. Para controlar o trânsito, estão ali os «sinaleiros da Carris». É a última profissão do mundo. Encostados a uma parede ou sentados num banco, entre uma reforma que não dá para duas assoalhadas e o vencimento por inteiro, eles optaram por um trabalho (reservado aos doentes da Carris) que lhes garante o ordenado. Não ganham para ser insultados nem têm saúde para isso. Mas todos os dias há um maduro que não obedece ao sinal e aproveita para dar um conselho: «Vai trabalhar, malandro!» Se é certo que todas as profissões são dignas, reconheça-se, pelo menos, que aquela de transformar um homem à condição de semáforo, não lembra ao diabo. Amanhã, um daqueles bons cineastas que vivem a expensas do Instituto Português de Cinema perde a cabeça, passa pela Calçada de S. Vicente, e escreve com a sua aparelhagem e o subsídio do IPC a história de «O Homem que vê passar os eléctricos». Na página seguinte, damos algumas achegas para o guião.

Música em Cascais

No dia 15, pelas 21.30h, inaugura-se no Cinema S. José, em Cascais, o Festival de Música promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol.

O programa, que conta com a colaboração da Orquestra do Teatro de S. Carlos e da pianista Helena Costa, foi conhado à direcção do maestro Alvaro Salazar que, como já oportunamente registámos nas colunas deste jornal, é um dos mais sólidos chefes de orquestra que tentam carreira no nosso país.

Ao seu critério se deve, naturalmente, a inclusão neste concerto das duas *suites* para orquestra de Stravinsky e da *Iberia* de Debussy, obras que, para além do seu intrínseco valor estético e até histórico-musical, colocam sérias dificuldades de interpretação à orquestra e ao maestro. Trabalhar a sério



numa perspectiva de cultura musical — recusando a demagogia e o ócio fácil — tal é o justo caminho escolhido pelos intérpretes e promotores deste concerto.

Merece referência também o facto de a Orquestra do Teatro de S. Carlos, que vem afirmando uma presença cada vez mais valiosa no panorama da nossa vida musical, começar a irradiar a sua actividade para fora das paredes do S. Carlos, e do espaço da cidade de Lisboa transformando-se assim em veículo de descentralização cultural.

Cascais, Cinema S. José, dia 15, às 21.30 horas.
Obras de Stravinsky, Françaix, Mendelssohn e Debussy.
Orquestra do Teatro de S. Carlos.
Piano: Helena Costa.
Direcção: Alvaro Salazar.

CONCERTO SINFÓNICO
Stravinsky:
«Suites n.º 1 e n.º 2» para orquestra
Jean Françaix:
«Concerto» para piano e orquestra
Mendelssohn:
«Concerto para piano e orquestra»
Debussy:
«Iberia»

Piano: Helena Costa
Orquestra Sinfónica do Teatro de S. Carlos
Direcção: Alvaro Salazar
Na inauguração do Festival de Verão promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol, este concerto, dirigido por Alvaro Salazar, com a colaboração de Helena Costa, assinala, sem dúvida, uma correcta orientação cultural dos promotores, não apenas quanto aos artistas convidados como quanto ao programa apresentado.

CONVENTO DO CARMO
Dia 16, às 21h
CONCERTO SINFÓNICO
Smetana:
«A Noiva Vendida»
Katchaturian:
«Danças da Gayaneh»
Falla:
«Il Sombreiro de tres picos»
Puccini:
«Turandot» (Seleção)
Filipe da Silva:
«Canções da Beira»
Banda da GNR
Direcção: Idílio Fernandes
A Banda da GNR pode orgulhar-se de uma larga tradição cultural e democrática na orientação dos seus programas.

Mesmo nos tempos do fascismo, a Banda soube sempre salvaguardar uma certa autonomia e não cair numa rotina oficial e mediocre. Lopes-Graça figurava habitualmente no seu repertório, tendo até escrito uma obra (o divertimento) a pensar nas características instrumentais da Banda. Também compositores como Schoenberg e outros, considerados «de raça nazi», foram incluídos na sua programação.

O critério de organização deste concerto pode considerar-se digno dessa tradição: para além de uma peça, certamente de Filipe da Silva, e de um arranjo, também de circunstância, sobre a «Turandot» de Puccini, há que assinalar o valor das obras de Smetana, Falla e Katchaturian, onde a Banda, o seu chefe e os seus instrumentistas (entre os quais, de resto, se contam alguns dos melhores músicos portugueses) terão euseio de demonstrar a sua real categoria interpretativa. Numa noite de Verão, boa música ao ar livre.



PONTO, contra PONTO

ESTORIL
(Pavilhão dos Congressos)
Dia 11, às 17h
CANTO E PIANO
Obras para vozes e dois pianos ou piano a quatro mãos de Haydn, Schubert, Lopes-Graça, Ravel, Bela Bartók e Schumann
«Convivium Musicum»
Canto: Fernando Serafim, Orlando Worm, Helena Pina
Manique Christina Schickert.
Piano: Constança Capdeville, Janine de Moura.
O «Convivium Musicum» cultiva um tipo de repertório pouco vulgarizado, constituído por obras para duas, três ou quatro vozes, com acompanhamento de piano a quatro mãos ou dois pianos. Trata-se de uma contribuição muito positiva para o alargamento dos horizontes da nossa cultura musical.

COLISEU
Dia 15, às 21.30h
CONCERTO CORAL-SINFÓNICO
Brahms:
«Canção do Destino»
Puccini:
«Missa de Glória»
Coro Gulbenkian
Orquestra Sinfónica da Radiodifusão
Solistas: Fernando Serafim (tenor)
Alvaro Malta (baixo)
Direcção: Michel Corboz
Neste terceiro concerto da «série popular» promovida pela Radiodifusão, duas obras do grande repertório romântico que, em todo o caso, não serão das mais representativas dos respectivos autores.

De notar, além da contribuição solista de dois cantores portugueses da primeira linha, a colaboração de um especialista em direcção coral (Michel Corboz), aliás, director-titular do Coro Gulbenkian.

CASCAIS
Cinema S. José
Dia 15, às 21.30h

O trabalho dá saúde...

Trabalham os doentes



Colocados em pontos estratégicos, os «sinais» da Carris, fazem por compensar, com o seu trabalho honesto, chato, incompreendido e um tanto ridículo, as deficiências dos técnicos de grande cabeça que ainda não conseguiram arranjar saída para o problema.

Ali na Graça, o tráfego vai de viela em viela, passa pela Calçada de S. Vicente, meite as Escolas Gerais e desemboca nas Escadinhas. Mas como não podem passar

pelo «Estreito da Graça» dois eléctricos ou dois automóveis ao mesmo tempo (e aquilo tem dois sentidos, gente!) os técnicos viram-se a pensar. Pensaram, Pensaram, e inventaram o semáforo-humano.

Consiste o «sistema» em pôr um homem com uma raquete na mão — chama-se-lhe *disco* — com uma cor de cada lado: o verde e o vermelho. Com aquela ferramenta, o funcionário põe-se à espreita, até onde lhe permite o ângulo de visão, que as vielas são tortuosas. Se algum automóvel, camião ou eléctrico se aproxima, ele só tem que ver se o «estrelito» está livre ou ocupado e levantar o disco a preceito: o verde é para passar, o vermelho para aguentar um bocadinho. Vem no Código.

«Quando isto era dos ingleses, avariava-se uma coisa e não havia espíritos: era consertada. E voltava!.. Era o tempo do eng. Smith e de outros técnicos a acabar em ih.

O sinalheiro cardíaco fala dos seus tempos de guarda-freio: «Até fui à PIDE por não querer fazer horas

extraordinárias a 22 por cento. Nessa altura, eles despediram cento e tal homens. Na PIDE, eu tremia como varas verdes. Acho que me safou um bocejo do facto de ter nascido em Santa Comba Dão, não sei porquê... Muitos dos colegas que foram despedidos na ocasião, voltaram depois do 25 de Abril».

O julho Pires Frade está quase a fazer 50 anos, com nove de Carris. Está de sinalheiro porque sofre dos nervos (é o melhor sítio para recuperar...). Ele diz que quando chove, é um caso sério. Entretanto faz justiça aos seus camaradas: «O guarda-freio é mais respeitador dos sinais que o automobilista».

Apesar de tudo, os sinalheiros da Carris têm uma fama tremenda. O que se passa é que, por estranha coincidência, os seus postos de trabalho situam-se junto a uma taberna. E, às vezes, até o banguinho onde se sentam, faz parte do património da tasca. A partir daqui, cria-se o boato de que os sinalheiros estão sempre nos copos. Não é verdade. «Serviço é serviço, cognac é cognac».

«Promoviam-se estes a sinalheiros, e dava-se um jeito no trânsito.

E assim que chegamos aos dias de hoje, com os russos em plena exploração espacial, os americanos a tentar uma ultrapassagem por Marte, e os portugueses lutando heróicamente nas vielas do «Estreito da Graça», que de tão estreito e com dois sentidos é único no mundo. O canal está aberto à «navegação» o tempo todo. Para os eléctricos, só das 6.15 à uma e meia da madrugada do dia seguinte. A condizer com os horários da Carris, O António de Matos tem 52 anos. Está ali porque sofre do coração. No dia 11 de Novembro, faz 30 anos que está na Carris. É um guarda-freio destacado para sinalheiro vai para 36 meses. Diente do coração, ele está agora a chocar uma doença de nervos se vai abaixo com os «cumprimentos» dos automobilistas que não vêem o sinal e, depois, são obrigados a recuar quando lhes aparece outro carro ou um eléctrico pela frente. «Mas eles têm razão. À noite, é um sacrifício, o sinal não se vê».

Há tempos, estes sinalheiros tinham uma lanterna a pilhas, com as duas cores. Era mais fácil. Mesmo que estivesse a chover, à noite, sempre se via o sinal. As lanternas levaram sumiço, foram a arranjar e não voltaram. Agora, os sinalheiros querem as suas lanternas. Mas há sempre um senhor engenheiro que lhes diz: «Vocês estragaram as lanternas, portanto, aguentem...».

Acrece que a iluminação pública só «dá a luz» por volta das 10 da noite e, por incrível que pareça, não é fosforescente a tinta dos discos. E tinta comum e, no escuro, ninguém distingue o sinal.

Os anos de «casa» do António de Matos, dão-lhe uma certa autoridade para falar nestas mazelas. A verdade é que

Intervalo

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
13											
14											
15											
16											
17											
18											
19											
20											
21											
22											
23											
24											
25											
26											
27											
28											
29											
30											
31											
32											
33											
34											
35											
36											
37											
38											
39											
40											
41											
42											
43											
44											
45											
46											
47											
48											
49											
50											
51											
52											
53											
54											
55											
56											
57											
58											
59											
60											
61											
62											
63											
64											
65											
66											
67											
68											
69											
70											
71											
72											
73											
74											
75											
76											
77											
78											
79											
80											
81											
82											
83											
84											
85											
86											
87											
88											
89											
90											
91											
92											
93											
94											
95											
96											
97											
98											
99											
100											

HORIZONTAIS

1/7, Um dos presidentes da América, envolvido no escândalo Watergate. 13, Escadaria. 14, Surripárias (pop). 16, Coisa sem valor (fig). 17, Honesta. 19, Post Scriptum. 20, VI. 21, O vencimento diário de um soldado. 22, Preposição e artigo. 23, Centiare. 24, Passa pelo passador, filtro ou peneira. 26, Nome que os Egípcios davam ao sol. 27/29, Ídolo da canção mundialmente conhecida e antigo mineiro. 32, Neste instante, agora. 34, Conquistais. 35, Moeda da Índia (pi). 37, Segurar. 39, Renque. 39, Nesse lugar. 40, Nome da segunda letra do alfabeto grego. 41, Nota musical. 43, Vedeta do cinema português que em 1959 fez a sua estreia no teatro declamando na peça «Gig» extraída do famoso romance de Colette. 46, Pedra de amolar. 47, Fútil (fig). 50, Altar cristão. 51, Geras. 52, Tanger. 54, Passaro também chamado escrevedeira. 55, Átomo (abrev.). 56, Festa do Ano Novo, ou festa de todos, para a qual os negros se corizam (Bras.). 57, Idolatrias (fig). 59, Limites. 60, Misturar ou preparar com ópio. 64, Galo (sq.). 65, Prolongo. 66, Apronta. 67, Enxugara. 72/75, Famoso soprano norte-americano operada recentemente a um tumor de tecido conjuntivo. 76, Pronome demonstrativo. 79, O mesmo que penetrar. 80, Nome de jogo. 81, Preposição e artigo (p).

1, Torna a picar. 2, Separa de outro. 3, Duzentos em romano. 4, Tempo do verbo haver. 5, Alumínio (sq.). 6, Aparar. 7, Espécie de flauta de fã, usada pelas orquestras dos ciganos romenos. 9, Magreza. 9, Imperador da Pérsia. 10, Suíxo que designa o nariz de. 15, Agnel. 17, Erbio (sq.). 25, Ribeira da Ásia Russa. 27, Argumento que faz calar o adversário (fig). 29/51, Um dos componentes do conjunto Green Windows e do Quarteto 1111 e intérprete de «No dia em que o rei faz anos». 30, Olvidar. 31, Cidade do Japão. 32/14, Canção-tista francesa apelidada de «A Musada Existencialismo». 33, Empunhei. 34, Aquilo que não tem que ser discutido ou em que se não pode tocar (fig). 35, Ramada. 36, Em partes iguais. 42, Erram. 43, Ruitm. 44, Distar. 45, Nota musical. 46, Espécie de altar provisório nos templos indianos. 47, Letra grega. 49, Rio dos Estados Unidos. 53, Transformar. 54, Valturas. 55, Desces em terra (o avião). 57, Carne da parte inferior do lombo do porco. 61, Prognosticadores. 62, Cadeiras. 63, Prata (sq.). 64, Forquilha das rodas da bicicleta. 65, Autores. 67, Almirante veneziano (1731-1792). Distintivo usado na luta contra os piratas barbarescos. 69, Cobalto (sq.). 70, Azafama. 71, Tange (inv.). 73, Sódio (sq.). 74, Nosso Senhor. 75, Carta de jogar. 77, Antes de Cristo.

VERTICAIS

PEANUTS

apresentam

O velho amigo Charlie Brown

por SCHULZ

1. Torna a picar. 2. Separa de outro. 3. Duzentos em romano. 4. Tempo do verbo haver. 5. Alumínio (sq.). 6. Aparar. 7. Espécie de flauta de fã, usada pelas orquestras dos ciganos romenos. 9. Magreza. 9. Imperador da Pérsia. 10. Suíxo que designa o nariz de. 15. Agnel. 17. Erbio (sq.). 25. Ribeira da Ásia Russa. 27. Argumento que faz calar o adversário (fig). 29/51. Um dos componentes do conjunto Green Windows e do Quarteto 1111 e intérprete de «No dia em que o rei faz anos». 30. Olvidar. 31. Cidade do Japão. 32/14. Canção-tista francesa apelidada de «A Musada Existencialismo». 33. Empunhei. 34. Aquilo que não tem que ser discutido ou em que se não pode tocar (fig). 35. Ramada. 36. Em partes iguais. 42. Erram. 43. Ruitm. 44. Distar. 45. Nota musical. 46. Espécie de altar provisório nos templos indianos. 47. Letra grega. 49. Rio dos Estados Unidos. 53. Transformar. 54. Valturas. 55. Desces em terra (o avião). 57. Carne da parte inferior do lombo do porco. 61. Prognosticadores. 62. Cadeiras. 63. Prata (sq.). 64. Forquilha das rodas da bicicleta. 65. Autores. 67. Almirante veneziano (1731-1792). Distintivo usado na luta contra os piratas barbarescos. 69. Cobalto (sq.). 70. Azafama. 71. Tange (inv.). 73. Sódio (sq.). 74. Nosso Senhor. 75. Carta de jogar. 77. Antes de Cristo.

1. Torna a picar. 2. Separa de outro. 3. Duzentos em romano. 4. Tempo do verbo haver. 5. Alumínio (sq.). 6. Aparar. 7. Espécie de flauta de fã, usada pelas orquestras dos ciganos romenos. 9. Magreza. 9. Imperador da Pérsia. 10. Suíxo que designa o nariz de. 15. Agnel. 17. Erbio (sq.). 25. Ribeira da Ásia Russa. 27. Argumento que faz calar o adversário (fig). 29/51. Um dos componentes do conjunto Green Windows e do Quarteto 1111 e intérprete de «No dia em que o rei faz anos». 30. Olvidar. 31. Cidade do Japão. 32/14. Canção-tista francesa apelidada de «A Musada Existencialismo». 33. Empunhei. 34. Aquilo que não tem que ser discutido ou em que se não pode tocar (fig). 35. Ramada. 36. Em partes iguais. 42. Erram. 43. Ruitm. 44. Distar. 45. Nota musical. 46. Espécie de altar provisório nos templos indianos. 47. Letra grega. 49. Rio dos Estados Unidos. 53. Transformar. 54. Valturas. 55. Desces em terra (o avião). 57. Carne da parte inferior do lombo do porco. 61. Prognosticadores. 62. Cadeiras. 63. Prata (sq.). 64. Forquilha das rodas da bicicleta. 65. Autores. 67. Almirante veneziano (1731-1792). Distintivo usado na luta contra os piratas barbarescos. 69. Cobalto (sq.). 70. Azafama. 71. Tange (inv.). 73. Sódio (sq.). 74. Nosso Senhor. 75. Carta de jogar. 77. Antes de Cristo.